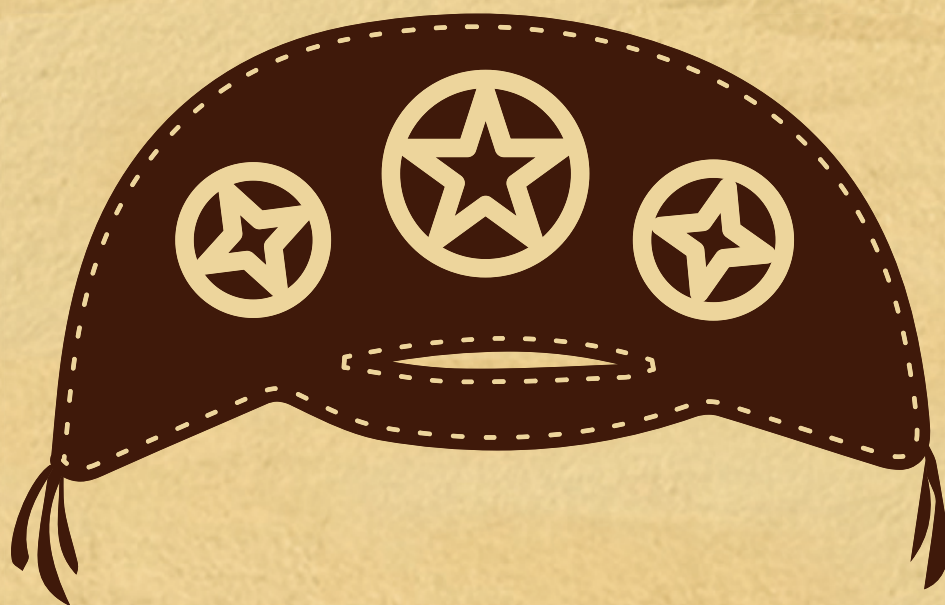


Organização
Vânia Karla Dantas Ricardo de Melo
Paulo Augusto Tamanini

A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA:

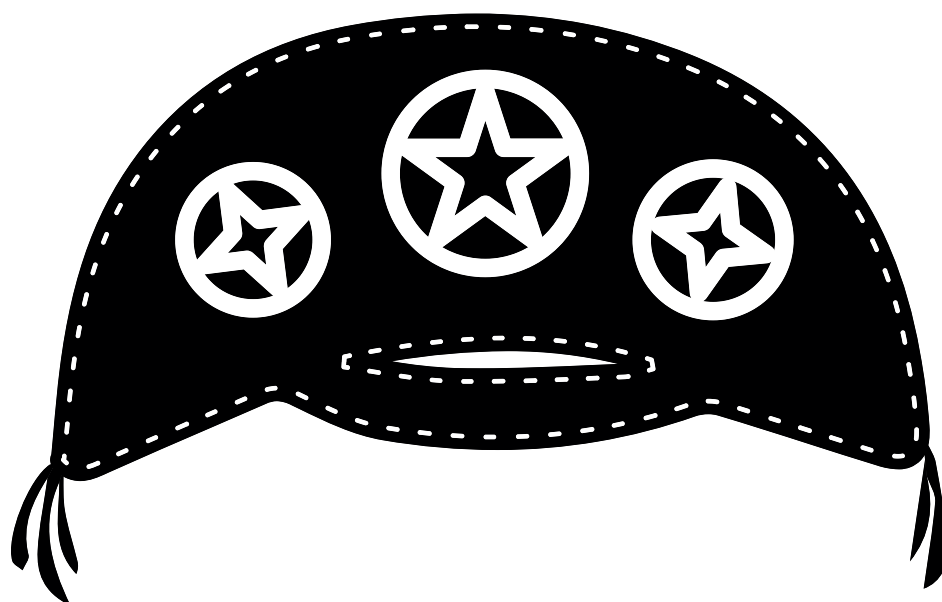
narrativas rimadas e
xilografuras sobre Lampião



Organização
Vânia Karla Dantas Ricardo de Melo
Paulo Augusto Tamanini

A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA:

narrativas rimadas e
xilogravuras sobre Lampião





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern (Eduern)

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária da Uern (Eduern)

Jacimária Fonseca de Medeiros

Chefe do Setor de Editoração da Editora Universitária da Uern (Eduern)

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins



Conselho Editorial da Edições Uern

Edmar Peixoto de Lima

Filipe da Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

Revisora:

Débora Carla da Silva Meneses

Diagramação e capa:

Alicya Rebeca Moura de Medeiros

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

A Literatura de Cordel no Ensino de História: narrativas rimadas e xilogravuras sobre lampião [recurso eletrônico]. / Vânia Karla Dantas Ricardo de Melo, Paulo Augusto Tamanini (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2025.

103 p.

ISBN: 978-85-7621-558-5 (E-book).

1. Literatura de Cordel. 2. Ensino de História. 3. Xilogravuras. 4. Lampião - Narrativas. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 398.5

Epígrafe

escrever é sonhar
escrever é meditar
todo dia, o dia inteiro,
fazer do vento uma escada,
do luar um candeeiro,
para ver o rosto de deus
por detrás do nevoeiro.

é viajar dia e noite
no barco da liberdade,
num rio feito de versos
pela criatividade,
olhando pela janela
dos olhos da humanidade.

é construir com a mente
um mundo de ficção
colocar nele um baú
de métrica, rima e oração
para afogar o leitor
nas águas da emoção

é viver plantando sonhos
onde mais ninguém plantou,
sonhar colhendo a semente
do sonho que ele sonhou,
e sugar o mel das pétalas
da roseira que murchou.

é transformar um deserto
numa bonita savana,
viver dezessete séculos
num simples fim de semana.
e andar pelas veredas
das veias da raça humana.

é andar contando histórias
na caatinga do sertão
pisar em cima da pedra
onde pisou lampião
é ver a lua nascer
na palma de sua mão

é plantar grãos de esperança
numa batalha perdida,
replantar pontos e vírgulas
numa folha ressequida,
deitado nos pés do tempo
olhando o rosto da vida.

é andar pelas estradas
sem tirar os pés do chão,
almoçar ponto e vírgula,
jantar rima e oração,
e andar na mesma trilha
dos passos do coração.

Escrever é sonhar – Antônio Francisco (2015)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 LITERATURA E HISTÓRIA: ENCONTROS NO PASSADO-PRESENTE.....	27
1.1 Entrelaces: o literário e o histórico	27
1.2 Aproximações e particularidades entre o literário e o histórico.....	30
1.3 A literatura de cordel e o Nordeste.....	32
1.4 Literatura de cordel e História: relações.....	34
1.5 Ensinar história com cordel: modos de ler o passado.....	37
2 CANGAÇO, LAMPIÃO E CORDEL.....	40
2.1 O cangaço: considerações históricas.....	40
2.2 O sertão nordestino: território e sujeitos.....	43
2.3 Lampião em versos: representações no cordel.....	47
2.4 Cordel: buscando seus rastros e definições.....	55
2.5 O cordel no ensino de História.....	57
3 LAMPIÃO NO CORDEL: PALAVRAS E IMAGENS.....	60
3.1 Conhecendo os cordelistas.....	60
3.2 Lampião: entre biografia e invenção.....	73
3.3 Lampião e o cangaço em poemas e xilogravuras.....	75
3.4 Ler Literatura, ensinar História.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	96

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Acervo de documentos, materiais e plataformas <i>on-line</i> utilizados na pesquisa...	17
Figura 1 – Percurso metodológico da pesquisa.....	23
Quadro 2 – Caracterização dos cordéis analisados na pesquisa.....	24
Figura 2 – Representação do bioma com mesorregiões do Nordeste.....	44
Figura 3 – Estados do Nordeste invadidos pelo bando de Lampião.....	48
Figura 4 – Linha do tempo – Trajetória de Lampião no Nordeste.....	49
Figura 5 – Cordelista Braga.....	60
Figura 6 – Capa do cordel <i>Lampião, Rei do Cangaço</i>	61
Figura 7 – Cordelista Cabral.....	62
Figura 8 – Capa do cordel <i>Lampião: herói ou bandido?</i>	62
Figura 9 – Cordelista Manoel D’Almeida Filho.....	63
Figura 10 – Capa do cordel <i>Os cabras de Lampião</i>	63
Figura 11 – Cordelista Dila.....	64
Figura 12 – Capa do cordel <i>Lampião e Maria Bonita</i>	65
Figura 13 – Cordelista Antônio Francisco.....	66
Figura 14 – Capa do cordel <i>O ataque de Mossoró ao bando de Lampião</i>	66
Figura 15 – Cordelista Antônio Américo de Medeiros.....	67
Figura 16 – Capa do cordel <i>Lampião e sua história contada em cordel</i>	67
Figura 17 – Capa do cordel <i>O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró</i>	68
Figura 18 – Cordelista Severino Inácio	69
Figura 19 – Capa do cordel <i>Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró</i>	69
Figura 20 – Cordelista Marcos Medeiros	70
Figura 21 – Capa do cordel <i>A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro</i>	70
Figura 22 – Cordelista Jorge Victor.....	72
Figura 23 – Capa do cordel <i>O Cangaço, sua Origem e os Bravos Cangaceiros</i>	72
Figura 24 – Cordel – <i>Os cabras de Lampião</i>	73
Figura 25 – Capas dos cordéis analisados.....	75
Figura 26 – Etapas da produção da xilogravura.....	77
Figura 27 – Diálogo entre texto e xilogravura.....	77

Figura 28 – Representações de xilogravura – Lampião e Maria Bonita no Nordeste brasileiro.....	78
Figura 29 – Representação de um vaqueiro no cordel de Medeiros (1996).....	79
Figura 30 – Representação de Lampião no cordel de Dila (1978).....	80
Figura 31 – Caracterização de Lampião em xilogravura.....	81
Figura 32 – Cordel – <i>Lampião e Maria Bonita</i>	83
Figura 33 – Cordel – <i>Os cabras de Lampião</i>	83
Figura 34 – Cordel – <i>Os cabras de Lampião</i>	84

INTRODUÇÃO

Escrever sobre o cordel é como revirar um baú com intensas memórias, é como descortinar o horizonte com o sol resplandecente; junto com essa beleza, vêm as lembranças de um passado que não cabe neste texto. Iniciamos com uma narrativa sobre uma história de vida, que lhes apresentamos por meio de um poema intitulado “O sertão e a menina”:

*Meu nome é Vânia
Menina que sonha
Às vezes com a terra
Às vezes com o solo
O chão onde piso é caminho de sonhos
Assim escrevo os meus repentos e os meus agrados*

*Penso que é coletivo
De versos no campo
Tragadas na roça e no pensar
Nas letras que voam
Fulô de cera
Inebriadas na voz cordelista*

*Vem como um baile de primavera
Sorradeiras e festeiras
Festejam passos leves e fortes
O meu sertão
O meu lugar
Verdinho e florido, cheinho de pássaros*

*Na minha frente
Espelham sorrisos
Caatinga viva
Vivendo e sorrindo
Cantando e compondo
Versos do campo*

*Forte e fiel, a sua gente
Terreiro pulando
No pé de umbu
O céu é juiz
Nas pontas dos dedos
Toco nas nuvens de algodão
Que viram água no meu sertão*

*Nas noites
Festa no rádio
Hora do Ângelo,
Fogão a lenha
A rede de dormir,
Brecha o telhado dos meus sonhos*

*Na casa
A parede é cola no cordel
Gritadas na voz do meu repente
Adocicadas na carnaúba*

*É mel de abelha,
Nas capas de mel no meu sertão*

*Lembro momentos
Com meu avô
Que mais gostava do violão e da canção
Tocava sem jeito,
Prática de roceiro,
Meu avô, lindas toadas*

*As conversas no alpendre
Meu avô tirava da mente:
Princesas na torre do castelo,
Pavão misterioso,
O sabido sem estudo
E os assobios do violão*

*Memórias ou lembranças
Correm nas veias
Tocando repente no coração
Soltando faísca
Pulando em saltos
O sertão e a menina.*

As reminiscências aqui evocadas constituem fragmentos significativos da trajetória de uma pesquisadora, entrelaçando vivências pessoais e referências culturais que moldaram sua formação intelectual e sensível. Em determinados momentos, imagens do passado emergem com vivacidade: a casa de barro — simultaneamente fria e acolhedora — e o alpendre, espaço marcado pelo canto dos pássaros e pelo convívio familiar ao entardecer. Esse cenário doméstico transcende o mero espaço físico e se configura como um lugar de memória, onde as práticas culturais e as tradições orais ganham corpo.

O alpendre, em particular, ocupa um papel central nas lembranças, por ter sido o palco das primeiras experiências com a literatura de cordel. Ali, os folhetos populares eram não apenas apresentados, mas também incorporados à vivência cotidiana, pois suas narrativas eram decoradas, transmitidas e reinventadas na oralidade local. As histórias presentes nos folhetos de cordel estavam, literalmente, “na ponta da língua” dos moradores, sendo compartilhadas em rodas de conversa como forma de entretenimento e transmissão de saberes.

Entre essas práticas, destaca-se a cena da família reunida ao redor do caçupá repleto de feijão a ser debulhado, momento em que o trabalho agrícola era entrelaçado com manifestações literárias e afetivas. Versos recitados pelo pai e narrativas contadas pela mãe remetiam diretamente ao universo do cordel, criando um ambiente em que o fazer literário se fundia à experiência cotidiana. Um personagem recorrente nessas narrativas era o cangaceiro Lampião, figura emblemática da cultura nordestina e presença constante nas histórias populares, cuja representação variava entre o herói, o vilão e o símbolo de resistência.

Essas memórias, portanto, revelam não apenas a formação subjetiva da pesquisadora, mas também o modo como práticas culturais enraizadas na tradição oral e no imaginário popular influenciam trajetórias acadêmicas e epistemológicas. Trata-se de um testemunho sobre a potência formativa dos saberes não hegemônicos e sobre a importância da valorização das culturas locais na constituição do pensamento científico e crítico.

Durante a infância, a presença da literatura de cordel era constante e marcante, compondo o universo simbólico das vivências familiares. Pais e avós desempenhavam um papel fundamental como transmissores dessa tradição, declamando versos que registravam acontecimentos do cotidiano, assim como histórias, personagens e temas de especial significado afetivo e cultural. Os folhetos de cordel, impressos em papel simples, circulavam de mão em mão com grande apreço, sendo lidos com atenção e respeito, como quem manuseia um bem precioso.

As leituras e declamações frequentemente aconteciam em ambientes modestos, muitas vezes iluminados apenas pela luz de vela, cenário que evidenciava a ausência de recursos materiais e, em particular, de energia elétrica. No entanto, esse contexto de carências não impedia — ao contrário, talvez até estimulasse — o florescimento da sensibilidade poética e da criatividade popular. A escassez de bens era compensada por uma rica abundância de imaginação, oralidade e partilha coletiva. As lacunas do mundo material tornavam-se, assim, matéria-prima para a construção de melodias, poesias, narrativas e reflexões sobre a vida, os sonhos, os afetos e as dificuldades cotidianas.

Esse ambiente de produção e fruição cultural era também permeado por práticas musicais espontâneas: o som das cordas da viola ou do violão se misturava às vozes — por vezes afinadas, por vezes não — daqueles que se aventuravam a improvisar versos, assumindo-se como repentistas ou cordelistas improvisados. Tais expressões revelam não apenas o caráter lúdico da criação popular, mas também a força de uma tradição viva, que resistia e se reinventava mesmo diante das limitações materiais. Assim, o cordel se constituía como uma forma de conhecimento, de expressão e de resistência, cujo valor transcende sua materialidade e ecoa na formação cultural de gerações.

O presente livro tem como ponto de partida um conjunto de motivações que se entrelaçam em diferentes níveis da trajetória pessoal, acadêmica e profissional dos autores. Em primeiro lugar, destacam-se as memórias de infância, anteriormente evocadas, que constituem um fundamento sensível e cultural importante para a construção do olhar que orienta este trabalho. Tais lembranças não apenas informam a perspectiva adotada, como também revelam o modo como experiências vividas em contextos familiares e populares

contribuíram para a valorização do saber oral e das expressões culturais tradicionais, como a literatura de cordel.

Ademais, ganha relevo a experiência discente dos autores na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade Federal do Paraná. Esses espaços de formação acadêmica possibilitaram o aprofundamento teórico e metodológico em torno de temáticas ligadas à educação, à história e à cultura, bem como o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre os desafios e possibilidades do ensino em contextos diversos.

Por fim, soma-se a essa trajetória a nossa formação e atuação como docentes da área de História. A prática pedagógica, articulada à pesquisa e à extensão, tem nos instigado à produção de reflexões sobre as múltiplas linguagens envolvidas no ensino da disciplina — especialmente no que tange às intersecções entre História, imagens e literatura. Esse percurso tem resultado na publicação de diferentes trabalhos que buscam compreender e propor abordagens didáticas inovadoras, capazes de promover uma aprendizagem significativa, crítica e sensível às realidades socioculturais dos estudantes.

Nesse contexto, esta obra justifica-se pela confluência entre experiências afetivas e acadêmicas, construídas ao longo de uma trajetória que articula as práticas de leitura vivenciadas na infância com a formação científica consolidada na atuação como professores e pesquisadores na área de História. A docência, enquanto prática cotidiana e reflexiva, possibilitou o aprofundamento de conhecimentos adquiridos ao longo do percurso escolar e social, ressignificando saberes e ampliando horizontes teóricos e metodológicos.

Somos licenciados em História, e, ao longo da graduação e pós-graduação, tivemos acesso a um amplo conjunto de leituras teóricas que discutem, entre outros temas, o uso da literatura de cordel como recurso didático no ensino da disciplina. Esse contato inicial com os debates sobre metodologias de ensino abriu caminhos para novas possibilidades pedagógicas, em que a cultura popular e a oralidade se apresentam como ferramentas potentes na mediação dos conteúdos históricos.

O que em um primeiro momento se apresentou como um ponto de partida — a leitura do cordel como herança afetiva e objeto de interesse acadêmico — transformou-se, com o tempo, em um percurso mais amplo e consistente. Hoje, essa caminhada ganha um novo fôlego ao ser compartilhada com os leitores desta obra, que representa tanto uma síntese quanto uma continuidade desse processo formativo, agora submetido ao olhar crítico e sensível do público leitor, aberto à hermenêutica *outsider*.

O “flerte” com as reminiscências da infância, inicialmente espontâneo e afetivo, passou a ocupar lugar central em nossas reflexões e propósitos acadêmicos. A memória, longe de ser apenas um resgate nostálgico, tornou-se um instrumento metodológico capaz de iluminar práticas e escolhas de pesquisa. O encantamento provocado pelos textos literários — especialmente aqueles ligados à tradição do cordel — e sua estreita relação com as práticas de ensino foi se consolidando ao longo do tempo, impulsionando-nos a buscar novas formações e percursos de aperfeiçoamento profissional.

Esses cursos e experiências formativas contribuíram significativamente para a lapidação do interesse pelo objeto de pesquisa: a literatura de cordel como recurso pedagógico e expressão cultural de grande valor histórico. Nesses espaços de aprendizagem, tivemos a oportunidade de nos cercar de pesquisadores, textos acadêmicos e obras de referência que expandiram nossos horizontes teóricos e metodológicos. Artigos, livros e debates enriqueceram nossa compreensão sobre a complexidade do cordel enquanto linguagem, memória e prática social, permitindo-nos fundamentar nossas investigações com maior densidade crítica e científica.

Destaca-se, portanto, que a literatura de cordel ultrapassa o âmbito das conversas informais. Ela vem se consolidando, também, como objeto legítimo de investigação acadêmica, atraindo o interesse de pesquisadores de diferentes áreas do saber, especialmente no campo das ciências humanas e da educação. A presente pesquisa, que agora se materializa em forma de livro, propõe-se a investigar as possibilidades de inserção dos poemas de cordel nas aulas de História, com ênfase na abordagem da figura de Lampião — personagem emblemático do cangaço nordestino, cuja representação varia entre a de herói popular e a de criminoso favorecido por circunstâncias sociais e políticas específicas.

Como aponta Souza (2018, p. 20), o cordel “não se resume somente à poesia em si, mas é um instrumento carregado de valores de uma sociedade, abordagens críticas sobre temas diversos, tais como política, religião, mitos, relações humanas, entre outros”. Assim, o uso do cordel em sala de aula não se restringe ao campo estético ou literário; ele constitui, também, uma poderosa ferramenta de mediação de saberes históricos e culturais, capaz de promover debates sobre identidades, representações e memórias sociais.

Dessa forma, a proposta aqui apresentada busca não apenas valorizar uma manifestação da cultura popular, mas também refletir sobre como o ensino de História pode se beneficiar de abordagens interdisciplinares que dialoguem com linguagens plurais e com os repertórios simbólicos dos próprios estudantes.

Segundo Ramos Filho (2018), o personagem Lampião não deve ser compreendido de forma simplista como herói ou bandido, mas sim como um sujeito histórico, inserido em um contexto social, político e cultural específico. Essa perspectiva desafia as leituras maniqueístas e estigmatizantes que marcaram por muito tempo as representações do cangaceiro, especialmente nas narrativas produzidas sob a lógica da história oficial, que frequentemente silenciou ou marginalizou determinadas experiências populares.

No caso brasileiro, a memória do cangaço passou a ser revisitada de maneira mais crítica e plural a partir do processo de redemocratização iniciado em 1985. Com a abertura política e o fortalecimento dos movimentos sociais e culturais, tornaram-se mais evidentes os esforços para recuperar e ressignificar histórias que haviam sido sistematicamente excluídas, censuradas ou invisibilizadas. Nesse cenário, destacam-se as iniciativas do povo nordestino no sentido de reconstruir a memória do cangaço não apenas como expressão de violência ou transgressão, mas como forma de resistência e luta diante das desigualdades históricas da região.

Entretanto, a reescrita da história do cangaço não ocorre sem tensões. Ela pressupõe conflitos e disputas de narrativas que envolvem diferentes compreensões e sentidos atribuídos aos sujeitos e eventos históricos. Um dos principais embates reside na crítica à visão tradicionalista da história, que tende a cristalizar identidades e a apresentar versões homogêneas e simplificadas dos acontecimentos. Nesse sentido, o debate historiográfico sobre Lampião e o cangaço exige uma abordagem crítica, capaz de reconhecer a multiplicidade de vozes e memórias envolvidas na construção das representações sobre esse fenômeno social complexo.

Originária, segundo alguns estudiosos, da tradição portuguesa — onde era comumente chamada de “literatura ambulante”, “visão folclórica” ou ainda “poesia popular” —, a literatura de cordel ocupa um lugar de grande relevância no contexto cultural brasileiro. Em Portugal, os textos desse gênero recebiam diferentes denominações, e as percepções a seu respeito também variavam: para alguns, tratava-se de uma manifestação de “arte menor”, enquanto outros os compreendiam como expressão de uma criação coletiva, profundamente enraizada na oralidade e na vivência popular (Haurélio, 2013).

No Brasil, os folhetos de cordel aportaram entre os séculos XIX e XX, período marcado por um elevado índice de analfabetismo e profundas desigualdades sociais. Nesse cenário, os cordeis assumiram um papel de destaque como forma de expressão dos sujeitos historicamente marginalizados. Tornaram-se verdadeiras “vozes” dos excluídos, funcionando

como palco para a representação do cotidiano, meio de comunicação acessível e espaço legítimo para a manifestação dos afetos, saberes e anseios populares (Ferreira Júnior, 2020).

A literatura de cordel brasileira, marcada por sua oralidade e forte musicalidade, consolidou-se como uma manifestação híbrida, situada entre o oral e o escrito, entre o erudito e o popular. Os estudos que se debruçam sobre esse gênero têm enfatizado seus múltiplos contextos — históricos, didáticos e literários — destacando sua origem nas narrativas orais, nos contos e nas cantorias populares. Sua estrutura é caracterizada pelo uso da métrica, da rima e do ritmo, elementos que reforçam sua função tanto estética quanto comunicativa (Silva, 2007)

A criação de um cordel envolve uma rede de sujeitos e saberes que, juntos, conferem complexidade e riqueza a essa manifestação cultural. Entre os participantes desse processo, destacam-se poetas, declamadores, editores, emboladores, repentistas, folheteiros e ilustradores, cada um contribuindo com habilidades específicas que compõem a materialidade e a performance do cordel (BRASIL, 2018).

Dentro dessa cadeia criativa, é importante estabelecer distinções entre algumas das figuras mais emblemáticas, como o cordelista e o repentista. O repentista é reconhecido pela habilidade da improvisação, produzindo versos de forma espontânea, geralmente em duelos orais ou apresentações públicas. Já o cordelista, por sua vez, pauta-se por um trabalho mais sistematizado, baseando-se em regras rígidas de métrica, rima e oração, próprias da poesia escrita e estruturada. Apesar das diferenças, ambos compartilham a participação na arte literária popular, sendo intérpretes e criadores da tradição oral e escrita (BRASIL, 2018).

Ainda no que se refere à produção do cordel, convém distinguir entre o autor do cordel e o cordelista. Embora esses termos por vezes se sobreponham, apresentam especificidades importantes. O autor do cordel pode ser alguém que escreve os textos, mas não necessariamente os declama ou se apresenta publicamente. Já o cordelista, além de poder ser o autor dos folhetos, frequentemente assume a função de declamador, estabelecendo um elo direto com o público. Dessa forma, nem todo cordelista é, obrigatoriamente, um repentista, assim como nem todo repentista é considerado um cordelista. Tais distinções ajudam a compreender a diversidade de práticas, vozes e modos de produção que compõem o universo da literatura de cordel.

Este livro propõe-se a investigar os potenciais usos da literatura de cordel no ensino de História, considerando-a não apenas como expressão cultural popular, mas também como ferramenta pedagógica capaz de fomentar o pensamento crítico e histórico. A partir dessa perspectiva, o cordel é compreendido como uma fonte rica em narrativas, representações e

interpretações do passado, com grande potencial formativo, sobretudo por dialogar com saberes oriundos da oralidade, da cultura popular e da vivência cotidiana dos estudantes.

Ao longo desta obra, alguns questionamentos nortearam o percurso investigativo: é possível, por meio dos folhetos de cordel, problematizar os sujeitos sócio-históricos? Em que medida o cordel pode ser considerado uma fonte viável e significativa para o ensino de História? De modo mais específico, como o personagem Lampião é representado nas xilogravuras que ilustram os folhetos de cordel?

Essas perguntas orientam a análise proposta nesta obra, que busca compreender como os elementos estéticos e narrativos do cordel — em especial as imagens xilográficas e os enredos poéticos — contribuem para a construção de significados históricos, e como podem ser mobilizados em sala de aula como recurso didático e interpretativo. Ao integrar linguagem, memória, arte e História, o cordel revela-se uma poderosa chave de leitura do mundo e do passado, especialmente quando se pretende tornar o ensino mais contextualizado, significativo e culturalmente sensível.

Considerando o exposto, o objetivo desta publicação consiste em demonstrar a aplicabilidade da literatura de cordel no ensino de História, com ênfase na análise das xilogravuras relacionadas à figura de Lampião. Em consonância com esse propósito principal, delineiam-se outros que gravitam, o complementam e enriquecem, a saber: (a) observar as particularidades dos saberes inerentes à Literatura e sua potencial contribuição para o ensino de História; (b) discutir as perspectivas teóricas e práticas concernentes ao ensino de História por meio de textos literários, com destaque para a literatura de cordel; e (c) realizar a análise crítica dos folhetos de cordel que versam sobre a figura histórica de Lampião, centrando-se, sobretudo, nas xilogravuras presentes nesses materiais..

Revisão bibliográfica

Nesta revisão bibliográfica, tentamos escrever um *estado da arte*, que segundo Silva, Souza e Vasconcellos (2020, p. 2), é um mapeamento descritivo resultante “[...] de um vasto acervo de diferentes tipos de pesquisas, com ênfases, graus de aprofundamento e registros diversos. Essa modalidade de revisão bibliográfica nos permite um diálogo com os demais pesquisadores de áreas afins”.

Grande parte dessas pesquisas levantadas estão citadas e/ou descritas no decorrer do texto, especialmente os escritos que dialogam com o mesmo objeto, entre os quais estão teses, dissertações, livros e artigos que problematizam o uso da literatura do cordel no ensino de

História. Também recorri, além das fontes acadêmicas, a folhetos de cordel. Para situar o leitor, organizei o quadro abaixo informando os tipos de material lidos e analisados na pesquisa:

Quadro 1: Acervo de documentos, materiais e plataformas *on-line* utilizados na pesquisa

MATERIAIS UTILIZADOS NA PESQUISA		
Documentos (cordeis)	Autor	Ano de publicação
<i>Lampião, Rei do Cangaço</i>	Luzimar Medeiros Braga	2017
<i>Lampião: herói ou bandido?</i>	João Firmino Cabral	2009
<i>Os cabras de Lampião</i>	Manoel D'Almeida Filho	1965
<i>Lampião e Maria Bonita</i>	Dila	1978
<i>O ataque de Mossoró ao bando de Lampião</i>	Antônio Francisco Teixeira de Melo	2013
<i>Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró</i>	Severino Inácio	[s/d]
<i>Lampião e sua história contada em cordel</i>	Antônio Américo de Medeiros	1996
<i>A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro</i>	Marcos Medeiros	2010
<i>O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró</i>	Antônio Américo de Medeiros	[s/d]
<i>O Cangaço, Sua Origem e os Bravos Cangaceiros</i>	Jorge Victor	2009
Livros físicos	Autores(as)	Ano de publicação
História do Brasil em cordel	Mark J. Curran	2009
Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste	Rute Brito Lemos Terra	1983
O ensino, o ontem e o hoje: alinhavando os fios da memória no atual fazer docente	Paulo Augusto Tamanini (org.)	2021
O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: teoria, conceitos e uso de fontes	Bianca Barbagallo Zucchi	2012
Ensino de História: Fundamentos e Métodos	Circe Maria Fernandes Bittencourt	2008
Ensinar História	Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli	2009
Cordel: criar, rimar e letrar	Arlene Holanda e Rouxinol do Rinaré	2009
Cordel em arte e versos: xilogravuras de Erivaldo Ferreira da Silva	Moreira de Acopiara	2008
Acervo de materiais digitais – teses, dissertações e periódicos	Disponíveis em:	
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	https://bdtd.ibict.br/vufind/	
Google Acadêmico	https://scholar.google.com.br/?hl=pt	
Revista Eletrônica <i>Scientific Electronic Library Online Scielo</i> Brasil	https://www.scielo.br/	
Portal de Periódicos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	https://periodicos.ufpel.edu.br/	
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/	

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Observamos como vêm sendo desenvolvidas as pesquisas que problematizam a literatura de cordel no ensino por meio da filtragem de dissertações, teses, livros, cordeis e artigos publicados. Diante do número expressivo de trabalhos localizados, optamos por publicações que relacionam o uso do cordel no ensino de História ao cangaço e à figura de Lampião.

É inegável que os textos de cordel encontram-se tradicionalmente inseridos no ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Contudo, o interesse deste estudo reside em abordá-los enquanto fonte e recurso didático-metodológico para o ensino de História, com ênfase no potencial das xilogravuras. Estas, por sua vez, podem tanto reforçar quanto contradizer as representações de Lampião apresentadas nos poemas. Assim, valemo-nos de procedimentos comparativos e da desconstrução das imagens e textos, com o intuito de educar o olhar do leitor, possibilitando a (re)descoberta de sutilezas e detalhes relativos à interpretação e ao tratamento das imagens.

A presente pesquisa parte do pressuposto de que é factível articular os saberes da Literatura e da História, considerando-os áreas inter-relacionadas, que podem se complementar, visando auxiliar o aluno na compreensão dos eventos históricos por meio da arte (Ricardo e Tamanini, 2021).

De fato, a disciplina de História não se configura como um campo fechado ou autossuficiente, podendo estabelecer diálogos profícuos com diversas áreas do conhecimento. Tal postura é caracterizada por determinados historiadores vinculados à denominada “Nova História”, movimento que defende o uso de múltiplas fontes históricas e o diálogo interdisciplinar com variados tipos de documentos. Conforme destaca Zucchi (2012), um dos objetivos centrais dessa vertente é o estudo dos pequenos grupos e dos fenômenos humanos, os quais passaram a ser analisados a partir da perspectiva dos próprios “pesquisados”. Trata-se, assim, daquilo que se denomina “micro-história” ou, ainda, da “história vista de baixo”, conceito que Burke (1992) interpreta como uma oportunidade de escuta e valorização das vozes de sujeitos historicamente silenciados, tais como trabalhadores, escravos, mulheres e crianças — ou seja, aqueles grupos marginalizados pela história tradicionalmente considerada “oficial”.

Nessa perspectiva, Nascimento (2005) defende a valorização da literatura de cordel enquanto metodologia inovadora para o ensino da história, posicionamento que se alinha diretamente ao objetivo deste estudo: refletir sobre práticas pedagógicas que possibilitem o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, em especial a Literatura. Nesse sentido, concordamos com Sampaio (2017, p. 29), que ressalta o papel do livro didático, associado às artes visuais, como instrumentos capazes de contribuir significativamente para o ensino de História: “[...] as imagens podem trazer rupturas capazes de tensionar a própria narrativa da qual fazem parte e servem de ilustração, [...] instigar, desenvolver, ensinar e produzir o conhecimento histórico”.

É importante destacar que a presente discussão acerca do uso da literatura de cordel no ensino de História parte de uma perspectiva didático-pedagógica, na qual a aprendizagem dos discentes sobre temáticas históricas fundamenta-se em textos literários (Ferreira Júnior, 2020). Nesse contexto, interessa-nos refletir sobre a utilização de textos não historiográficos, em particular os poemas de cordel, como instrumentos para o ensino do passado. Para tanto, dedicamo-nos a compreender de que maneira a literatura de cordel se articula à construção de um discurso historiográfico capaz não apenas de ensinar, mas também de problematizar a História e suas práticas pedagógicas.

Conforme argumenta Curran (2009), a literatura de cordel representa a poesia folclórica e popular com elementos de um Nordeste romântico e, ao mesmo tempo, histórico por meio do discurso literário. Segundo Curran (2009, p. 19), o cordel é memória, é documento e registro. Ainda que o cordel seja supostamente pouco produzido e circulável, é “[...] uma relíquia de um passado glorioso [...]”:

[...] constatamos que embora tenha diminuído, o cordel sobrevive, cumprindo ainda as funções de informar, ensinar e principalmente divertir o público. Há pouca produção de histórias novas - uma mudança importante desde sua época de ouro, na primeira década deste século e, depois, nos anos de 1920 a 1950. Isso é válido tanto para os romances e histórias, longas narrativas de ficção em verso, como para os folhetos, narrativas breves de eventos do dia.

De acordo com as observações de Ferreira (2017), o uso do cordel nas aulas de História é amplo e extensivo como metodologia de ensino, aqui pensada como prática a ser continuamente analisada na pesquisa historiográfica. Acreditamos, portanto, em um ensino de História que dialogue com as experiências culturais, os múltiplos conceitos históricos e considere os sentidos das identidades, alteridades e diferenças, no decurso do tempo.

O termo *identidade* é aqui pensado no contexto geopolítico e cultural da Região Nordeste e dos folhetos de cordel porque constitui-se como campo de conhecimento ou expressão popular de um povo. As identidades de um povo são marcas sócio-histórico-culturais que fundamentam o diálogo entre discurso, imaginário e memória. Rodrigues e Silva (2018, p. 54-55) explicam que:

A memória reforça o lugar de pertencimento do sujeito, gerando subsídios que desaguam numa identidade social e coletiva. A forma como nos vemos ou imaginamo-nos vem de uma memória coletiva que é compartilhada nos diversos contextos, que vai além de aspectos históricos, perpassando aspectos semânticos e pragmáticos.

Precisamente, esta obra trata do ensino de História a partir de cordéis nascidos do Nordeste, que ao seu modo, documentam o cotidiano de um grupo de pessoas geograficamente localizadas, e de seus saberes e fazeres culturalmente demarcados. A partir desse contexto geográfico e cultural, a História é relida, refletida e repensada para os contextos da sala de aula.

Os cordéis aqui selecionados mostram de que forma o personagem Lampião pode ser também estudado em perspectiva histórica, a partir das representações imaginárias que se desdobram na arte da xilogravura e do cordel. Isto porque, consideramos que “as relações entre oralidade e escrita [...] perpassa[m] os diversos aspectos da produção, edição, circulação e recepção dos folhetos de cordel” (Galvão, 2000, p. 72).

O texto literário deve ser dinamizado no ensino para valorizar a pluralidade de saberes, de forma que o aluno possa entender a Literatura como um acontecimento. Para tanto, é necessário, de acordo com Dalvi (2013, p. 130), que:

- a) a escola incentive a leitura de obras clássicas em diálogo com produções contemporâneas, numa abordagem que seja simultaneamente diacrônica e sincrônica;
- b) o aluno possa compreender a literatura como fenômeno cultural, histórico, ideológico, político, simbólico e social, capaz de dar a ver as contradições e conflitos da realidade;
- c) o ensino não menospreze o caráter dialético das obras literárias, como produtos de cultura cuja função é, paradoxalmente, abalar ou subverter os consensos instituídos no âmbito da própria cultura; e
- d) o texto literário seja abordado em diálogo com outros produtos ou artefatos culturais.

Parafraseando Chartier (2009), esta obra concentra-se na análise *simbiótica* entre Literatura e História, buscando ultrapassar essa mera conexão para compreender o potencial dos saberes literários — em especial os inerentes à literatura de cordel — como referências

para a pesquisa histórica e historiográfica, bem como para o ensino desses conteúdos em sala de aula.

A organização deste estudo leva em consideração uma bibliografia específica, a seleção criteriosa de fontes documentais e a análise dos folhetos de cordel que apresentam Lampião como personagem central, tanto nos versos quanto nas xilogravuras. A fundamentação bibliográfica revela-se fundamental, uma vez que orienta as etapas subsequentes da investigação, conforme ressaltam Prodanov e Freitas (2013). Torna-se, portanto, imprescindível estruturar o trabalho contemplando a seleção do tema, o levantamento bibliográfico inicial, a formulação do problema, o planejamento preliminar da pesquisa, a busca e leitura das fontes, a realização de fichamentos, a organização lógica do relatório e, finalmente, a redação do texto.

O livro é resultante de uma cooperação entre Pesquisa e Ensino em que a fonte documental se alia a um tipo de bibliografia já experimentada por outros objetos assemelhados, onde se abordam os usos, aproximações e especificidades dos saberes literários com os da História; b) onde se discute as perspectivas teóricas e práticas em torno do ensino de História valendo-se dos textos literários, principalmente cordéis; e c) onde se observa e compreende as xilogravuras presentes nos cordéis, com ênfase nas representações da figura de Lampião, e suas implicações no ensino de História.

Problematizaremos, ao longo deste trabalho, de que modo a Literatura pode contribuir com a História, especialmente no que tange aos personagens e eventos que são comuns a ambas as áreas do conhecimento. Para tanto, voltamo-nos às zonas de convergência e de especificidade entre História e Literatura, refletindo sobre como esses campos se entrelaçam, particularmente quando os folhetos de cordel ganham novo fôlego e vitalidade. Nesse contexto, questionamos associações frequentemente naturalizadas, como “literatura/invenção” e “história/fontes históricas”, as quais são aqui analisadas de forma crítica. Isso se justifica, conforme argumenta Souza (2015, p. 16):

[...] a Literatura e a História selecionam aspectos da realidade, organizam esses aspectos em determinada sintaxe, reordenam os aspectos selecionados, mas se distanciam quanto ao protocolo do texto: o texto literário se apresenta, desnuda-se como um ato de fingir e exhibe o protocolo do como se, evocando a verossimilhança de Aristóteles. Já o texto do historiador, em que pese sua atuação como selecionador e organizador do que cataloga, tem um compromisso com a verdade.

A citação de Souza (2015) evidencia uma distinção fundamental entre os modos de produção textual da Literatura e da História, ainda que ambas compartilhem procedimentos similares de construção narrativa, como a seleção, a organização e a reordenação de

elementos da realidade. Tais práticas, comuns aos dois campos, apontam para o caráter interpretativo e não meramente reprodutivo de suas representações. No entanto, conforme observa o autor, a diferença crucial reside nos protocolos discursivos que orientam cada campo.

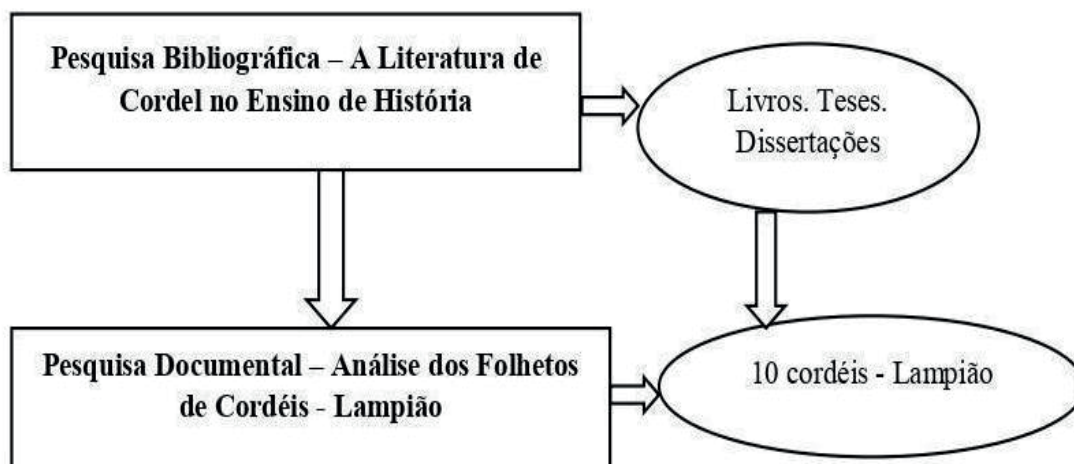
A Literatura assume explicitamente seu estatuto ficcional, apresentando-se como um "ato de fingir" — expressão que remete à noção de *mimesis* aristotélica, na qual o verossímil adquire centralidade. O texto literário não busca, necessariamente, corresponder a um fato histórico comprovável, mas sim construir um universo possível, plausível dentro de sua própria lógica interna. Ele opera no domínio do "como se", mobilizando estratégias narrativas que evocam emoções, sentidos e subjetividades, sem a obrigação de aderência rigorosa aos acontecimentos históricos.

Por outro lado, o texto historiográfico, embora igualmente fundado em escolhas — o que implica uma mediação subjetiva do real —, compromete-se com uma busca metodologicamente orientada pela evidência documental e pela objetividade possível. O historiador atua como um agente de catalogação e interpretação, mas deve seguir critérios de verificação, coerência factual e argumentação crítica sustentada em fontes. Assim, a narrativa histórica, diferentemente da literária, não se propõe a ficcionalizar, mas a produzir conhecimento acerca do passado, mesmo que essa produção esteja sujeita às limitações e pressupostos do tempo em que é elaborada.

Portanto, ao mesmo tempo em que Literatura e História dialogam no plano formal e temático, suas finalidades epistêmicas e seus compromissos com a verdade — seja ela poética ou factual — demarcam territórios distintos de atuação. Compreender essas diferenças é fundamental para analisar produções como a literatura de cordel, que frequentemente transita entre os dois domínios, desafiando categorias rígidas e propondo uma fusão entre o verossímil artístico e o testemunho histórico.

Para uma compreensão visual desta obra, apresentamos abaixo a Figura 1, que informa o percurso metodológico trilhado.

Figura 1: Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Dentre os inúmeros cordéis analisados, foram selecionados, para fins de amostragem, dez folhetos cujas narrativas e xilogravuras abordam a figura de Lampião e sua trajetória no contexto do cangaço. Esses poemas foram escolhidos por apresentarem o personagem em posição de protagonismo e sob uma perspectiva histórico-social, o que os torna relevantes para os objetivos deste estudo.

A seleção dos materiais foi viabilizada, em grande parte, pela ampla disponibilidade de acervos bibliográficos, tanto em formato digital quanto físico. Destaca-se, nesse processo, a visita à livraria da editora Queima-Bucha, especializada em literatura de cordel, situada no município de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte. Além disso, outros exemplares foram localizados por meio de livrarias virtuais, como é o caso do folheto *Lampião e Maria Bonita* (1978), de autoria de Dila.

Como mencionado, os dez cordéis eleitos compuseram o *corpus* da pesquisa e funcionaram como fontes documentais centrais para a análise. Um dos critérios fundamentais para essa escolha foi a presença de xilogravuras relacionadas diretamente aos textos, o que permitiu contemplar aspectos verbo-visuais inspirados na vida social e política de Lampião. A articulação entre imagem e palavra, característica marcante do cordel, revela-se, assim, uma via privilegiada para a compreensão das representações populares acerca do cangaço e de seus protagonistas.

Quadro 2: Caracterização dos cordéis analisados na pesquisa

Título do cordel	Autor	Ano de publicação
<i>A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro</i>	Marcos Medeiros	2010
<i>Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró</i>	Severino Inácio	[s/d]
<i>O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró</i>	Antônio Américo de Medeiros	[s/d]
<i>O ataque de Mossoró ao bando de Lampião</i>	Antônio Francisco	2013
<i>O Cangaço, Sua Origem e os Bravos Cangaceiros</i>	Jorge Victor	2009
<i>Lampião, Rei do Cangaço</i>	Luzimar Medeiros Braga	2017
<i>Os cabras de Lampião</i>	Manoel D’Almeida Filho	1965
<i>Lampião e Maria Bonita</i>	Dila	1978
<i>Lampião e sua história contada em cordel</i>	Antônio Américo de Medeiros	1996
<i>Lampião: herói ou bandido?</i>	João Firmino Cabral	2009

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Os cordéis selecionados demonstram potencial significativo para o ensino de História, sobretudo por seus aspectos político-sociais, uma vez que permitem rastrear vozes alternativas do passado. Essas vozes, muitas vezes silenciadas ou marginalizadas, oferecem possibilidades de comparação com os discursos predominantes em textos literários e historiográficos canônicos. Nesse sentido, os poemas de cordel podem trazer à tona narrativas subalternizadas e estereotipadas que, como destaca Ramos Filho (2018), nem sempre estão presentes nos livros didáticos.

O cordel, enquanto gênero discursivo popular, possibilita múltiplas abordagens pedagógicas, especialmente quando utilizado com intencionalidade historiográfica. Sua leitura pode funcionar como estratégia para "dar voz" a sujeitos, grupos e saberes historicamente excluídos, que, em muitos registros oficiais, são apresentados de maneira periférica ou sequer são mencionados. O uso do cordel como fonte histórica e metodologia de ensino, portanto, favorece uma compreensão mais plural e democrática do passado, contribuindo para o reconhecimento de que “[...] além da história oficial descrita nos livros didáticos, há também

uma história construída a partir das experiências das massas populares através de sua atuação enquanto sujeitos históricos no ambiente em que estão inseridos” (Santos, 2018, p. 14).

Organização desta publicação

Esta obra está estruturada em três partes inter-relacionadas, que se articulam com o propósito de discutir o uso da literatura de cordel no ensino de História, com ênfase nas representações de Lampião por meio das xilogravuras. Cada parte inicia-se com uma discussão teórica que fundamenta os temas tratados, oferecendo subsídios conceituais para a análise desenvolvida ao longo do trabalho. As três seções podem ser compreendidas como grandes “retalhos” que se costuram entre si, tecendo um percurso reflexivo que propõe um ensino de História de caráter mais interdisciplinar, sensível às especificidades das fontes culturais oriundas de contextos locais.

Trata-se de uma proposta pedagógica comprometida com as realidades concretas dos estudantes, que busca não se distanciar de suas vivências, preocupações e formas de compreender o mundo. Defende-se, assim, um ensino que valorize o lugar, o tempo, o contexto, a fala, a linguagem e a escrita daqueles que frequentam a escola não apenas para adquirir conhecimento, mas também para compartilhar experiências e construir saberes coletivos.

O primeiro retalho dedica-se a explorar as aproximações e especificidades entre a Literatura e a História enquanto campos de saber distintos, porém abertos ao diálogo e potencialmente complementares. São discutidas suas diferenças metodológicas e epistemológicas, bem como as particularidades que emergem quando ambas constroem, analisam e interpretam narrativas sobre o passado. Essa seção propõe uma reflexão sobre os limites e possibilidades do entrecruzamento desses discursos, destacando suas formas de abordagem da experiência histórica e dos sujeitos que dela participam.

No segundo retalho, são apresentadas perspectivas teóricas e práticas sobre o ensino de História a partir do uso de textos literários, com ênfase na literatura de cordel. Nesta seção, propõe-se uma interlocução efetiva entre Literatura e História, reconhecendo que os textos literários não apenas dialogam com o passado, mas são também atravessados por ele, afetando e sendo afetados pelas narrativas historiográficas. Nesse sentido, a Literatura não se configura como oposição à História, mas como sua aliada na produção de significados sobre o vivido. Como aponta Chartier (2009, p. 25), há “evidências inquestionáveis acerca das forças que confluem para se falar do passado”, o que legitima o cordel como uma fonte rica de expressão

cultural e histórica. Dessa forma, compreende-se que os folhetos de cordel podem simultaneamente representar modos de dizer a vida e a cultura e servir como fontes e objetos de ensino histórico.

O terceiro retalho centra-se na análise das narrativas presentes nos cordéis que tematizam a figura de Lampião como personagem histórica. A partir de uma abordagem crítica, busca-se desmistificar a construção meramente estética do cangaceiro, problematizando o mito para revelar como esses textos populares contribuem para uma compreensão oficiosa — e, por vezes, contra-hegemônica — dos acontecimentos. Nessa seção, as xilogravuras são tratadas não como meros complementos ilustrativos dos textos, mas como fontes autônomas de conhecimento e ensino. São considerados discursos visuais que produzem sentido e memória, carregando em sua materialidade elementos textuais e simbólicos que reconfiguram o olhar sobre o passado. Ao serem lidas, mensuradas e analisadas criticamente, as imagens revelam-se centrais na articulação verbo-visual que caracteriza o cordel, afirmando-se como protagonistas na tessitura narrativa do tempo histórico.

CAPÍTULO 1

Literatura e História: encontros no passado-presente

Nesta primeira seção, apresentamos o contexto histórico de irrupção do cordel, quando do seu surgimento e popularização no Brasil. Discutimos também o funcionamento do discurso, tomado como necessidade da atividade humana que inclui diferentes enunciados, a partir de alguns autores, como Bakhtin (2011). Consideramos a literatura de cordel como uma arte, mas também uma fonte histórica. Sim, a Literatura é arte que, neste caso, vale-se de uma linguagem sincrética, aliando verbalidade e visualidade, de modo lúdico, para potencializar o processo de ensino e compreensão de narrativas históricas.

1.1 Entrelaces: o literário e o histórico

Antes de discutir as aproximações entre a História e a literatura de cordel, falemos sobre o conceito de Literatura! Posteriormente, traremos considerações a respeito da literatura de cordel, em específico, e por último, buscaremos entrelaçá-los ao de História. Facina (2004, p. 5) explica que a Literatura, no campo das Letras, relaciona-se com múltiplos domínios: a poesia, o romance, a filosofia, a história, o ensaio político e o religioso. A autora chama de Literatura:

[...] um conjunto de escritos, geralmente ficcionais, que sofreu o processo de autonomização [...] as suas formas são muito variadas: crônicas, romances, poesias, peças teatrais, etc. Mas há em comum entre essas diferentes formas o fato de que seus autores são considerados escritores, ou seja, um tipo específico de intelectual cujo trabalho envolve necessariamente a preocupação estética com a linguagem.

E... como podemos conceituar a literatura de cordel? De fato e de direito ela está limitada por uma definição? Ou ela é um gênero literário que não apresenta um caráter “oficial”, ou seja, está fora dos “cânones”? Por conter-se aos diversos traços poéticos das tradições orais, por se articular à escrita na produção de poemas narrativos rimados e metrificados sobre vários temas, enfim, a literatura de cordel é poesia, é narrativa, é popular, é impressa (Silva, 2007), por isso interdisciplinar, livre, senhora de seu destino e prática.

E como ela pode ser fonte para a História? Para Pluckrose (1996, p. 15-25), citado por Schmidt e Cainelli (2009, p. 27-29), se a História “é uma compreensão dos atos humanos no passado, uma tomada de consciência da condição humana, uma apreciação de como os

problemas humanos vão mudando no transcorrer do tempo e uma percepção de como homens [...] viviam e respondiam aos sucessos do tempo”, a Literatura de Cordel é um reflexo da presença, ação e produção do ser humano que usa das dimensões da arte para ter seu espaço de vida e se fazer significar. Se a História, com seus cânones, seus teóricos, fontes e metodologias é um labirinto (Schmidt e Cainelli (2009), que se deixar invadir pelos curiosos, em seus acessos e entranhas, o Cordel é caracterizado pelos passos que mansamente andam a procura de um sentido mais humano quando da perscrutação das narrativas de um acontecido.

Se falamos da História, é essencial que também discutamos seu ensino, tanto como objeto de pesquisa quanto como prática pedagógica. De acordo com Pluckrose (1996, p. 15-25 *apud* Schmidt e Cainelli, 2009, p. 29), o ensino de História:

[...] possibilita demonstrar e confirmar que nossa cultura nacional não possui uma única fonte, mas muitas; que nossa linguagem e nossos costumes não se desenvolveram isolados, imunes aos movimentos mundiais dos povos; que toda sociedade, sempre que se trate de sua sobrevivência, tem de responder e se adaptar a elementos sobre os quais não possui nenhum controle. Ainda que o patrimônio e a cultura derivem de um passado complexo, um estudo da história ajudará a situá-los num contexto compreensível. Um estudo das raízes da sociedade ajudará as crianças a apreciar as crenças, as culturas e os usos sociais de outras sociedades que estudem.

Quando tratamos do Ensino, é necessário se ater às suas diversas transformações ao longo da história do Brasil. Nesse sentido, Zucchi (2012) esclarece que nas primeiras décadas do século XX destacam-se mudanças nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs) de 1971 e 1996, e também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

No decorrer da ditadura militar brasileira, um dos objetivos da política educacional da do Regime era mudar a LDB de 1961, diluindo as disciplinas História e Geografia, que passaram a integrar o currículo como “Estudos Sociais”. Ao lado desta alteração, também foram introduzidas as disciplinas “Educação Moral e Cívica” e “Organização Social e Política do Brasil”. Essas mudanças representaram um retrocesso para o ensino de História em si, e do ensino de humanidades, no país. Ao fim do regime militar, algumas dessas alterações foram revertidas, como a separação das disciplinas História e Geografia que, mesmo em diálogo, têm suas especificidades. Já os PCNs, por sua vez, representam um avanço em relação à política curricular da ditadura, uma vez que configuram-se como documento de orientação para a educação básica que tratam a História de modo comparativo, realçando sua dimensão cotidiana, as permanências e transformações sociais, culturais e econômicas, o modo de vida coletivo, as diferentes culturas, as relações entre o passado e o presente e, por último, o uso dos documentos históricos e fontes históricas (Zucchi, 2012).

No prefácio do livro *O ensino, o ontem e o hoje*: alinhavando os fios da memória no atual fazer docente, Tamanini (2021, p. 9) trata do ensino a partir de certas características, como a coletividade, a interdisciplinaridade e sua dimensão dialógica. Ensinar, assim, é uma:

[...] arte da provocação e sempre inclinada a revolver o estabelecido, o pronto, o costumeiro e que, a partir do remexido, possa semear o novo! Acredito que o conhecimento resulte da desmontagem das mesmices de linhas de raciocínios já purulentas. O ensino é a arte da cura, do enxugamento das feridas capaz de refazer e reconstituir a essência humana de alunos novos para um mundo em constante ebulição.

Concordamos com o autor (Tamanini, 2021): ensinar é uma arte e esta ação é praticada por diferentes sujeitos sociais, em contextos plurais, que vivenciam processos de produção e aprendizagem de saberes. No ensino escolar de História, os saberes são compartilhados. Para entender o passado, não basta simplesmente ler o livro didático. É preciso revirar e desconstruir saberes. Sim, ensinar História é, em parte, ser “senhor do seu tempo”, isto é, a História é analisada por quem a vive. O passado interessa aos sujeitos sociais face aos questionamentos do presente, como afirmam Schmidt e Cainelli (2009, p. 98): “a ideia de dar um sentido ao presente, tendo como referência o passado, é o cerne da utilidade social da História”.

Nesse contexto, estão as permanências e rupturas da História, em que pese o discurso historiográfico e a organização do tempo. De fato, a temporalidade precisa ser analisada no ensino de História, docentes e discentes devem estar atentos à cronologia, à periodização e ao próprio processo histórico (Schmidt e Cainelli, 2009). Faz-se necessário “[...] identificar e entender rupturas e continuidades”, pois estas são “também uma forma de incentivar os alunos a construir um entendimento multicultural que valorize as diferenças” (Zucchi, 2012, p. 76). Contudo, a Literatura de Cordel por ser livre e desamarrada das presas do tempo, fazem as palavras rimadas ou não sentirem o doce cheiro da liberdade e da possibilidade do medo de transgredir. Como está solta, sua preocupação de cunho historiográfico não obedece aos mesmos cânones do da História. E é justamente nisso que o Cordel traz sua contribuição ao campo do Ensino de História: fazer os alunos aprenderem pelo encantamento das palavras e não pelas regras de datações, causas e efeitos já frisados, estipulados, engessados e acorrentados!

Ainda de acordo com Zucchi (2012), o ensino e as metodologias passaram por mudanças ao longo do tempo, sobretudo entre o fim do século XIX e os dias atuais. No decorrer das décadas, gerações tiveram de pensar e decorar os “grandes feitos” dos “grandes homens” a partir do uso quase exclusivo dos chamados documentos históricos “tradicionais”.

Hoje, a História busca e trabalha com diferentes instrumentos e perspectivas de análises, uma vez que “[...] fazer uma interpretação histórica do passado [...] deve ter como base de sua construção documentos que ‘comprovem’ ou ‘atestem’ a veracidade do que [se] afirma” (Zucchi, 2012, p. 57).

A utilização das fontes históricas, como discute Xavier (2010, p. 1097) corrobora a necessidade de o ensino de História abrir-se a novas interpretações, permitindo que os discentes realizem diferentes operações de associação e compreensão entre passado e presente, de forma que o trato das fontes leve à produção criativa e rigorosa do conhecimento histórico e assuma possibilidades de ampliar a “[...] leitura das distintas temporalidades às quais estamos submetidos”. O Cordel é uma das vias que auxilia o repensar do passado, através da leveza da prosa e verso materializada pelo repentista ou do cordelista que usa de seu talento para enunciar o já posto, o já dito, de forma literata e, por isso, mais próxima do coração de seu interlocutor.

1.2 Aproximações e particularidades entre o literário e o histórico

Ao descrever a Literatura e a História, destacamos que são áreas de conhecimento singulares quanto ao gênero discursivo. A respeito dos gêneros do discurso, Rodrigues (2004, p. 428) comenta sobre o pensamento de Bakhtin (2011):

[...] o autor observa que o estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros das diferentes esferas sociais tem uma enorme importância para quase todas as áreas de estudo da Linguística e da Filologia, pois toda investigação acerca de um material linguístico concreto (história da língua, gramática normativa, criação de dicionários etc.) inevitavelmente tem a ver com enunciados concretos, relacionados com diferentes esferas da atividade e da comunicação humanas.

Sobre o discurso histórico, Pesavento (1998, p. 10) observa o critério da veracidade do discurso, a partir do trabalho do historiador, que deve ter o cuidado com “[...] as evidências na sua tarefa de reconstruir o real”, já que “seu trabalho sofre o crivo da testagem e da comprovação” e “a leitura que faz de uma época é um olhar entre os possíveis de serem realizados”.

A Literatura é uma arte que, no caso do cordel e tantos outros gêneros, vale-se de uma linguagem sincrética, que alia verbalidade e visualidade, e tende a potencializar o processo de compreensão das narrativas históricas. Aqui, se discute a relação da Literatura com a História observando como ambas se distanciam e se aproximam, considerando aspectos como recepção, métrica, rima e oração. Por isso, o texto literário é “[...] fonte privilegiada para a

História por conter aspectos que outros objetos não possuem, como questões relacionadas ao imaginário da época que se estuda” (Martins e Cainelli, 2015, p. 389).

Segundo as autoras Martins e Cainelli (2015), a conversação entre Literatura e História vem acontecendo, especialmente, desde os anos 1990 e ganhando notoriedade ao longo do século XXI, em especial no campo da história cultural.

O cordel, de modo geral, tematiza muito da realidade e do cotidiano das pessoas, trata do imaginário popular com ênfase nos problemas sociais e aciona elementos que, não raro, passam despercebidos por aqueles que escrevem a História dita oficial. Essas qualidades fortalecem fontes históricas, orais e literárias, que corroboram com os discursos das camadas populares de forma a propagar suas experiências (Santos, 2018).

Sobre o conceito de “verdade” relacionado à ideia de “realidade”, os historiadores costumam trabalhá-lo a partir da noção de “representação” expresso pela narrativa. Assim, de acordo com Nascimento (2013, p. 3), a realidade por meio da literatura de cordel é:

[...] um veículo que permite ao povo participar da vida do país, debater a realidade, expressar suas necessidades e aspirações. Retrata tradições, costumes, lendas e acontecimentos e traz consigo todo um conjunto de manifestações artísticas e culturais. Sua importância é inestimável para a história e para o folclore não apenas do Nordeste, mas de todo o país. É importante considerar a literatura como uma forma de conhecimento sobre a realidade, é um instrumento poderoso de educação dos sentidos, assim como de desenvolvimento da capacidade de interpretação, elemento fundamental nos estudos de história, logo, compreendemos que a inserção dessa literatura enquanto ferramenta didática no ensino de história é de extrema importância na formação dos alunos como cidadãos críticos, estimulando-os a se perceberem como sujeitos históricos.

Para Souza (2019, p. 49), o Nordeste é o espaço da cantoria e da literatura de cordel, que aproximam e fortalecem o empoderamento do povo nordestino, em seu ponto de vista. Ainda segundo ela, o cordel refere-se à “[...] união da poesia, gravura e protestos”, além de mostrar “uma bela expressão da arte brasileira, apresenta o cotidiano de um povo de forma poética”.

Silva (2013), a seu modo, pensa o cordel como vestígio histórico e discorre sobre sua importância no ensino e como este pode favorecer a compreensão dos relatos ditos oficiais e a criticidade dos discentes, na condição de fonte histórica, memória e registro.

Barbosa e Gaglietti (2002, p. 56) mencionam que há um número significativo de teóricos e ficcionistas que relacionam História e Literatura, mas nem sempre há obras que descrevem de forma satisfatória estas na área do ensino. No entanto, essas disciplinas podem

fluir e dialogar por meio da análise do texto literário, considerando, por exemplo, as memórias, eventos e inventividade do cotidiano:

O motivo pelo qual os elos que ligam Literatura e História sofrem uma ruptura nos diferentes níveis de ensino é, provavelmente, a “desistorização” de que são objeto os conteúdos das referidas disciplinas nas escolas. Constituem-se numa síntese “perfeita” aqueles esquemas que pretendem, em poucas linhas, definir a fisionomia dos períodos históricos ou literários, colocando-os em sequência e enumerando, de modo linear, eventos - fatos, nos casos dos livros de História, obras e autores, no caso dos livros de História da Literatura. Constituem-se numa síntese “perfeita”, porque estática, imóvel e paralisadora, mas, sobretudo, impessoal e morta. A organização simplificadora e a generalização redutora podem provocar um efeito tranquilizador, mas é alto o preço que se paga por isso. Ao nos despedirmos do caos, dessa matéria múltipla e heterogênea que são a História e a Literatura, deixamos escapar o alvoroço da matéria viva.

De fato, há um reconhecimento teórico sobre a aproximação da História com a Literatura. E essa relação foi intensificada com o aparecimento de teorias que questionam a objetividade do historiador, reveem o conceito de “verdade” e ratificam a possibilidade de diferentes interpretações sobre o passado (Martins e Almeida, 2016).

Discutir a veracidade dos acontecimentos analisados na História é também questionar e reafirmar os meios e formas por meio dos quais chegamos, através da escrita, ao verídico. Detalhes da representação ou do discurso encenado, como bem menciona Iser (2013) ao utilizar o exemplo do mundo apresentado pelo texto, lembram que o mundo pode ser visto de muitos modos, inclusive recorrendo à empiria e à observação dos acontecimentos, como nos textos literários e/ou históricos sobre o cangaço e Lampião.

1.3 A literatura de cordel e o Nordeste

O Nordeste tem relações históricas com o cordel, mas essa literatura aparece em várias regiões do Brasil, e sua influência é sentida também nos centros urbanos, não só no interior. A linguagem do cordel está “[...] na música, no cinema, na televisão e nas artes plásticas”, afinal o “cordel é uma expressão cultural que revela o imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos pela população ou imaginados pela verve criativa dos poetas” (Brasil, 2018, p. 14).

A representação do nordestino no cordel, do ponto de vista de Rodrigues e Silva (2018), está relacionada à identidade sócio-histórica-cultural do povo nordestino. Esta representação é enaltecida a partir do enfrentamento a diversas dificuldades, como o fenômeno das secas. Rodrigues e Silva (2018, p. 50) acreditam que a Região Nordeste é um local fértil para a propagação do cordel e justificam essa hipótese sugerindo que:

[...] talvez pelo fato das condições histórico-culturais da região. Caracteriza-se como uma literatura de povos de uma cultura popular, que a utilizam como fonte de conhecimento, informação e ensino, constituindo-se genuína forma de expressão sociocultural dos sujeitos que habitam a região. Diante disso, as histórias narradas nesse tipo de expressão popular acabam por revelar ideias estereotipadas do Nordeste (lugar repleto de problemas) e do homem que habita a região.

Enquanto isso, a autora Souza (2019, p. 13) crê que o cordel é tratado como uma herança cultural do Nordeste, que também está nas memórias “candangas” e que “[...] no Nordeste, ganhou visibilidade devido ao contato com a cultura africana e sua comunicação, que era tipicamente oral. Posterior a isso, surgiu o formato impresso dessa literatura”.

Alguns estudiosos, como Cadó (2022), declaram que a Região Nordeste é propícia à divulgação do cordel devido à oferta dos elementos de ampliação, como a cantoria e a escrita. Além disso, os aspectos sociais, econômicos e culturais da literatura expandem essa relação. Cadó (2022, p. 36) ainda afirma que:

Na região do sertão nordestino, a Literatura de Cordel se destaca e se torna um elemento de socialização de fatores culturais na sociedade, pelo fato de apresentar uma linguagem popular e simples para expressar os diversos temas da vida cotidiana do sertanejo. Ela foi muito difundida pelo Nordeste, local de início da colonização, e de lá se disseminou para outras regiões do Brasil.

Sem dúvida, o cordel fortalece a identidade do povo nordestino. Contudo, essa mesma “identidade” também é, por vezes, marginalizada e estereotipada nos próprios cordéis. Conforme Rodrigues e Silva (2018, p. 51), a literatura de cordel apresenta a figura do homem nordestino relacionada “à memória coletiva do povo nordestino, a partir de histórias de vida como a de Lampião, entre tantos outros que revelam características próprias do patriarcalismo e do catolicismo popular”. E isso tem um porquê!

Quando o cordel aparece no Nordeste, a região vivenciava o fim da escravidão, processos migratórios, declínio das oligarquias e mudanças na estrutura social devido, inclusive, à mobilização do cangaço na área. Conforme Curran (2009, p. 42), frente a fatores econômicos, diversos nordestinos deixaram suas terras, o que levou “[...] alguns deles a encontrar no próprio cordel uma nova fonte de sobrevivência”.

Outro aspecto destacado por Neves (2018) é que um dos papéis assumidos pelo cordel no Nordeste brasileiro foi o de partícipe no processo de alfabetização, até porque muitos sujeitos que habitavam os sertões nordestinos tiveram contato com os versos desse gênero poético. Essa arte colaborou para a emancipação de muitos nordestinos, que foram letrados a partir das palavras e imagens dos folhetos.

1.4 Literatura de cordel e História: relações que se fundem na arte do ensinar

A História e a Literatura são campos de conhecimento específicos, mas que se aliam quando da análise do texto literário ou da narrativa historiográfica. O distanciamento entre as áreas se ameniza quando o objeto de estudo e o olhar do pesquisador as aproxima pela perspectiva do Ensino. Vamos citar Mario Quintana (2018): “Mortos?! Basta-lhes ter vivido um pouco para jamais poderem estar mortos”. O texto literário é um modo de ressuscitar a História pela prática da didática em sala de aula. A maneira como a literatura de cordel narra os episódios do passado, com seus estilos, ritmos e complementos dá ao acontecido uma sobrevida marcada pela sofisticação das palavras e imagens, quando componentes e execução de um plano de aula.

As aproximações e especificidades existentes entre a literatura cordel e a História, segundo Guimarães (2007, p. 1-2), evidenciam-se quando:

Seja para identificar traços de proximidade, seja para estabelecer fronteiras, inúmeros teóricos e críticos buscaram, ao longo dos tempos, com maior ou menor brilhantismo, pensar e definir as relações que Literatura e História mantêm entre si. Se buscarmos o ponto zero dessa questão, retomaremos o pensamento de Aristóteles e a sua Poética (1997). O texto, tido quase que unanimemente como o primeiro registro daquilo que séculos depois se chamaria teoria literária, procura, entre outras questões, distinguir poesia e história. Para o pensador grego, o historiador deveria contar o que aconteceu, ao passo que ao poeta caberia a tarefa de narrar algo que poderia ter acontecido.

Partindo das particularidades sugeridas por Guimarães (2007) quanto às tarefas do historiador e do poeta no campo do Ensino, cabe aqui evidenciar as características da narrativa. O histórico preza pela *veracidade* e o literário pela inventividade de estilo, mas ambos têm em comum a narrativa que pode ser utilizada no campo do ensino e aprendizagem. Sobre a contribuição da narrativa para a vida humana, Souza e Cabral (2015, p. 150) enfatizam a importância do ato de rememorar como possibilidade da reconstruir histórias de vida e fortalecer a própria história oral:

A narrativa faz parte da história da humanidade e, portanto, deve ser estudada dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos. É comum ouvir através de narrativas diversas que os seres humanos são, por natureza, contadores, narradores de história, e que gerações e gerações repetem esse ato quase que involuntariamente uns aos outros.

Ainda sobre a integração entre Literatura e História no campo do Ensino, Santos e Santos (2020, p. 2) apresentam alguns questionamentos sobre as potencialidades da literatura de cordel para o ensino de História. Segundo eles:

Uma série de estudos vêm apontando que a literatura de cordel, por ser impregnada da cultura popular, possui potencial para promover o desenvolvimento do pensamento histórico. Nesse sentido, consideramos importante sistematizar as contribuições que estes estudos trazem para compreender os aspectos dessa relação. Nesse sentido, formulamos as seguintes questões: Como a literatura de cordel trabalha e simultaneamente constitui uma cultura do passado? E como o ensino de história contribui para a disseminação desta cultura do passado presente nos cordéis? Como os professores utilizam a literatura de cordel em sala? Como os professores entendem a literatura de cordel e seu papel para o ensino de história? O que esses professores consideram que precisaria ser abordado para dar subsídios a eles para trabalharem a literatura de cordel em sala de aula? Qual é a relação do cordel enquanto manifestação cultural e enquanto linguagem? Quais são as decorrências do cordel enquanto escrito e linguagem oral? Como que o escrever o cordel potencializa o desenvolvimento do pensamento histórico? Será que potencializa as relações com o tempo (passado, presente e futuro)? Será que desenvolve a capacidade de empatia histórica?

Para esses autores, o cordel pode potencializar a mediação do conhecimento histórico a partir da materialidade da escrita e de sua singularidade como gênero literário e discursivo. Podemos, então, aprofundar o estudo desse objeto cultural no ensino-aprendizagem de História.

Amaral (2017), por sua vez, discute as características do trabalho do historiador e do escritor literário e argumenta que ambas as profissões trabalham com perspectivas diferentes. O historiador analisa por meio das fontes documentais, já o ficcionista analisa a partir da verossimilhança. Assim, o historiador e o escritor discutem as narrativas com elementos da subjetividade. É importante que haja um filtro dos fatos, de forma que as ações dos sujeitos e o próprio sujeito sejam entendidos de acordo com sua história e narrativa.

Ferreira (2000) afirma que a Literatura está associada ao imaginário e faz deste o elo e a razão da narrativa. Seguindo o pensamento de Ferreira (2000, p. 133), penso que a Literatura se apresenta como algo que não se dissocia do imaginário, e essas características chegam à disciplina de História. Cavalcante (2013, p. 18) diz que:

Por essa razão, faz-se necessário rever o ensino da literatura na perspectiva de conseguir desenvolver, no âmbito da escola, o processo de letramento literário. Nesse intento, não se pode deixar de considerar o quão é importante a forma como o educador, enquanto mediador desse processo, tem conduzido os trabalhos com o texto literário em sala de aula.

Portanto, a experiência de leitura dos textos de cordel auxilia o aluno a compreender e problematizar os conteúdos curriculares da História. Parece-nos positivo, construtivo e esperançoso a presença e a utilização do gênero poético nas salas de aula, como também defende Nascimento (2005, p. 3): “o cordel encanta, informa e, acima de tudo, ensina”.

A literatura de cordel tem um estilo próprio, que, por vezes, é atrelado ao humor. Martins (2016, p. 56) destaca que esse tipo de escrita demonstra a esperteza e sabedoria dos cordelistas que driblam as dificuldades da vida rindo delas. Aos alunos, os poemas favorecem a prática de leitura:

[...] humor pode contribuir para uma prática escolar que tem por objetivo a leitura em sala de aula. Leitura como uma atividade de reflexão e prazer. Tem por objetivo despertar o gosto pela leitura naqueles alunos que ainda não possuem uma relação com tal prática.

De certo, a literatura de cordel aliada à História vai além do riso, da rima, da improvisação, da métrica e da representação, levando o aluno à reflexão, à crítica, ao inconformismo com as coisas prontas e naturalizadas.

Abreu (2004) explica que a estrutura dos textos dos cordéis é marcada pela estética, pela boniteza e pelas afetividades. É diferente da literatura dita erudita, pautada pelo rigorismo das palavras e das concordâncias, do propósito de falar “corretamente”. O cordel, por sua vez, prima pelo reconto dos versos, pelas formas de ler e reproduzir a língua falada, o idioma do povo. Considerando que a transformação de narrativas históricas em poemas de cordel não passa somente pela métrica e pela rima, devem ser observados elementos como a adequação da sintaxe e do léxico, além de aspectos semânticos e pragmáticos. Assim, Abreu (2004, p. 205) diz que:

[...] a atualização lexical é uma das preocupações dos poetas, pois os folhetos empregam, fundamentalmente, a linguagem contemporânea e cotidiana conhecida pelo público. Não basta, entretanto, versificar e adaptar a linguagem das narrativas, uma vez que os folhetos são compostos segundo determinadas fórmulas de estruturação do enredo, conhecidas como “oração”. Os autores chamam de oração à coerência e coesão, ou seja, articulação dos fatos, opiniões e idéias tanto do ponto de vista lógico quanto da concatenação textual.

Galvão (2000) detém-se na literatura de cordel a partir da figura do leitor/ouvinte, interessada nos seus modos de ler e ouvir e nas características dos espaços e objetos de leitura/audição. Os poemas seriam formas linguísticas escritas em relação com sonoridades, timbres e índices da oralidade. Ressaltamos, ainda, que, a partir dos anos 1990, os cordéis reforçaram movimentos de renovação da cultura popular, participando de processos de ressignificação das formas de representar e falar do “povo”.

Trombeta (2021, p. 84) apresenta uma proposta analítica para o ensino de História a partir da literatura de cordel, combinando texto erudito e popular. Segundo a autora, a literatura de cordel pode ser:

[...] cantada ou escrita. Os repentes, como são conhecidas as cantorias, são poemas improvisados que têm como fito lançar desafios poéticos ou pelejas. As canções e os poemas cantados são formalizados na forma oral. Assim, quando transferidos para a modalidade escrita, o gênero se transforma e os folhetos ganham forma. Vale elucidar que todos esses gêneros fazem parte da Literatura de Cordel, mas são formas diferentes de expressá-la.

Uma das modalidades mais conhecidas do cordel é a sextilha, que é uma estrofe que utiliza rimas deslocadas, com seis versos de sete sílabas poéticas. Nesse modelo, as linhas pares rimam e as demais linhas são consideradas versos em branco (Trombeta, 2021).

Com relação ao uso do cordel para compreender as narrativas históricas, destaco sua utilidade pedagógica e capacidade de dinamizar o ensino e a aprendizagem nas ações de leitura, interpretação e produção do conhecimento histórico, como argumenta Cadó (2022, p. 15):

Cordel é dinâmico e capaz de despertar a criatividade dos alunos incentivando-os na tarefa de ler, recitar e escrever folhetos. Levando em consideração o aspecto tradicional da Literatura de Cordel, esse gênero literário é de suma importância para o resgate de nossas raízes culturais, pois, ao enfatizar a riqueza e a expressividade da nossa cultura, ativa o senso crítico, econômico, político e histórico desses sujeitos.

Sim, é possível discutir a história de Lampião por meio do cordel, principalmente sabendo que ele passa despercebido em muitos discursos historiográficos, especialmente na sua terra de origem (Serra Talhada/PE), onde, segundo Ferreira Júnior (2021, p. 11), ele é “um desconhecido”, uma vez que há a “invisibilidade lampiônica no ensino de História nas escolas públicas”. Uma das sugestões de Ferreira Júnior (2021), que pode desmistificar essa invisibilidade, é analisar e reconfigurar o currículo, incluindo não apenas a figura de Lampião como personagem a ser estudado, mas também a literatura de cordel como meio para tal fim.

1.5 Ensinar História com cordel: modos de ler o passado

José Saramago (1990, p. 19) crê que o passado é um “imenso tempo perdido” e que tanto a História quanto os textos ficcionais são “viagens através daquele tempo, tentativas de itinerários, todas com um só objectivo, sempre igual: o conhecimento do que em cada momento vamos sendo”. Nas reflexões de Barbosa e Gaglietti (2002), Saramago fala que há um certo parentesco entre a História e a ficção, pois as duas referem-se à “rarefação do referencial”, ou seja, a fragmentação e a seleção dos fatos.

Como menciona Pereira (2022), a relação que os cordelistas têm com o passado pode ser aproveitada no ensino de História. As formas deles narrarem se converte em um

componente auxiliar quando da análise das fontes históricas. Os textos cantados possibilitam ao aluno-leitor o encontro com o passado.

Já Santos (2007, p. 118) apresenta o historiador como o autor que pode reconstruir os acontecimentos das histórias vivenciadas e, para tanto, refere-se à necessidade de uma narrativa que ambienta os acontecimentos. O historiador:

[...] informa aos seus leitores o esquema interpretativo no qual se descortina o passado vivido, demonstrando conjuntamente os seus procedimentos narrativos e os recursos metodológicos e teóricos empregados, dando possibilidade de reconhecer que as novas abordagens e objetos de estudos utilizados revelam a diversidade de leituras possíveis e, portanto, diversas formas diferentes de escrita, complementares entre si.

Santos e Santos (2020, p. 4), por sua vez, ambientam a literatura de cordel como cultura do passado e afirmam que esta relação propicia a significação do passado. Logo, a imaginação ou a criatividade podem ser somadas à busca e à narrativa dos acontecimentos históricos:

[...] o historiador não se transporta por meio de sua imaginação ao passado e questiona se o resultado poderia ter sido diferente se determinado fator não tivesse acontecido. Exemplo: será que a Alemanha nazista teria perdido a Segunda Guerra se os Estados Unidos não tivessem entrado nela e pendido a balança para os aliados? Portanto, imaginar por meio de hipóteses outro resultado final de um determinado acontecimento é uma das formas mais plausíveis de o historiador chegar à causalidade dos fatos.

O “marxismo” e o “estruturalismo” são paradigmas explicativos da escrita do passado que começaram a levantar dúvidas sobre as certezas e, por isso, problematizam-nas. Santos (2007, p. 118) diz que:

[...] consequências dessa crise não devem ser entendidas como negativas para a História, mas sim como possibilidade de problematizar o passado no sentido de reconstruir idéias e experiências propiciando a mudança. A partir desse contexto de crise, a História expande seu campo de conhecimento, caminhando em duas direções:

- A aproximação multidisciplinar com a linguística, antropologia, filosofia e com a literatura encaminhou a História para novos procedimentos teóricos para selecionar temas, técnicas e métodos inovadores. A troca de experiências com áreas afins permitiu que novos caminhos fossem trilhados por meio da criatividade e competência do ofício de historiador.
- Por outro lado, há aqueles que permanecem sob as influências recíprocas das diferentes linhagens puramente historiográficas, com ascendência da ciência política, e buscam aí a transformação dos modos de narrar a História.

O passado pode ser contextualizado no ensino, não somente por aquilo que já está cristalizado e é retransmitido em sala de aula, mas também porque se abre aos confrontos e aos crivos de seus hermeneutas, ainda que seja pelo Cordel. A Literatura então, inaugura um

modo novo de narrar o passado, através de suas nuances e áreas, oferecendo-se àquela área de saber que, pareceu por muito tempo, tão atrevida e autossuficiente, tão arrogante e pedante, mas que aprendeu, a duras penas, a crescer e a receber a dádiva das mãos abertas dos outros. Assim, a História e o Ensino de História se reinventam!

CAPÍTULO 2

Cangaço, Lampião e Cordel

Neste segundo capítulo, abordamos a história do cangaço e do protagonismo da figura de Lampião. Entram em pauta os discursos estereotipados acerca do cangaço e de seus protagonistas. Eram arruaceiros, bandidos, malfeitores? Insurgentes que buscavam justiça e inclusão social? Outra vez, está em relevo a História em interface com a Literatura de Cordel, ao problematizar os estereótipos, ao debater a relação entre o oficioso e o literato, ao discutir sobre as representações do cangaço e seus decorrentes discursos. Ainda que a História não seja homogênea em seu campo teórico e metodológico, abordará seu objeto através das normas e preceitos investigativos. Nesse sentido, auxiliará a Literatura de Cordel a descrever de forma poética aquilo que é possível ter acontecido. O Cordel estará validado por um mínimo de pistas e acertos cuja confiabilidade do texto descansará nos resquícios das fontes da História. O Cordel se serve daquilo que a História preceitua, daquilo que o cotidiano demonstra, para depois reinventar a vida!

2.1 O cangaço: considerações históricas

Conhecer a origem e seus desdobramentos das revoltas ocorridas no Nordeste brasileiro, entre o final do século XIX e início do século XX, é fundamental para compreendermos o que circunda as narrativas sobre o cangaço. Acerca dele, abordar os preconceitos, os estereótipos, as representações torna-se ponto de partida para entender a materialidade dos textos dos cordeis, sua concretude e devaneios, memórias, imagens, invencionices, fantasias e relatos.

Os movimentos que antecederam o cangaço – os primeiros motins registrados no sertão – foram versados em cordel pelo então soldado do exército João Melchíades Ferreira da Silva. Esse cordelista participou da Guerra de Canudos e, depois de se aposentar, passou a escrever sobre aquela experiência vivida, sentida e marcada! Em seus poemas, Melchíades (1869-1933) narra, a seu modo, a história de Canudos a partir de sua forma de interpretar o já vivido. O autor descrevia o líder do Arraial de Canudos, Antônio Conselheiro, como doutrinador, desordeiro, feiticeiro e fanático que iludia o povo ignorante do sertão (Curran, 2009).

A Guerra de Canudos foi o primeiro grande evento nacional registrado em cordel por um autor que vivenciou os fatos narrados. Os acontecimentos descritos na obra de Melchíades contam a história de Antônio Conselheiro descrevendo-o como um líder religioso, venerado pelas pessoas como “Bom Jesus Conselheiro” ou até mesmo “Santo”, levando muitos sertanejos a segui-lo, conforme relata Curran (2009).

Antônio Conselheiro criou em Canudos/BA uma jagunçada semelhante aos futuros cangaceiros do Nordeste. Vivendo como nômade, o líder religioso conseguiu atrair cerca de 20 a 30 mil pessoas para o Arraial, que lá construíram igrejas, casas e cemitérios (Fausto, 2006; Curran, 2009).

Em *História do Brasil*, livro escrito por Boris Fausto (2006, p. 257), relata-se que o motim iniciado em Canudos foi motivado por:

[...] um incidente sem maior importância, em torno do corte de madeira, levou o governador da Bahia à decisão de dar uma lição aos “fanáticos”. Surpreendentemente, a força baiana foi derrotada. O governador apelou então para as tropas federais.

Ainda segundo Fausto (2006), após sucessivos ataques fracassados a Canudos, uma última expedição comandada pelo general Arthur Oscar, constituída por 8 mil homens e dotada de equipamento moderno, destruiu completamente o Arraial, em agosto de 1897, após um mês e meio de luta. Enquanto seus defensores morriam em combate, os prisioneiros eram degolados.

No mesmo livro, Fausto revela que, para os políticos republicanos, aquela tinha sido uma luta da “civilização contra a barbárie”. Na verdade, havia “barbárie” em ambos os lados e mais ainda entre aqueles homens instruídos que tinham sido incapazes de, pelo menos, tentar entender a gente sertaneja.

Há diversas explicações referentes à origem da palavra *cangaço*. Segundo uma delas, o termo teria origem popular, derivado de *canga*, um utensílio utilizado no pescoço dos animais para transportar mantimentos, objeto comum no semiárido nordestino. Devido à vida semi-nômica desse grupo, seus homens carregavam muitos pertences durante a caminhada de um lugar para outro (Sena, 2021).

Para Curran (2009), o “fenômeno” cangaço surgiu como uma versão oposta às figuras do capanga ou do jagunço a serviço de um chefe político da região. Os cangaceiros eram comandados por um líder e desafiavam os donos de terras, as oligarquias e até mesmo as leis vigentes à época da Primeira República.

Historicamente, o cangaço se desenvolveu no Nordeste brasileiro entre os anos finais do século XIX e o início do século XX. A região semiárida, marcada pela escassez de água e alimentos, e também pela falta de assistência social e de políticas públicas, era um cenário em que a precariedade, a fome, a falta e a miséria eram constantes (Sena, 2021).

O sertão, ainda hoje, costuma ser descrito como uma terra seca e desafiadora, um território hostil que contrasta fortemente com a paisagem deslumbrante e acolhedora do litoral. O Polígono da Secas, por exemplo, é uma área geográfica conhecida por sua escassez de água e longos períodos em que faltam as chuvas. De acordo com Ramalho (2013), trata-se de uma área onde as condições climáticas tornam a agricultura e a vida cotidiana desafiadoras devido à aridez do solo. O Polígono abrange boa parte do Nordeste, além do Estado de Minas Gerais, localizado no Sudeste do país.

Esse território, frequentemente devastado por períodos de seca, caracteriza a paisagem semiárida, onde os solos rasos e pedregosos cobertos pela vegetação da Caatinga desafiam toda forma de vida, sobremaneira a humana que usa os recursos à disposição para manter-se e resistir às grandes estiagens (Ramalho, 2013).

Terra (1983) discute o cangaço a partir dos cordéis de Francisco das Chagas Batista (1882-1930), para quem o cangaço significa, em terceira pessoa, “héroi não assumido” e “valentes”. Nos poemas analisados, Lampião é representado como parente e sucessor de Antônio Silvino¹.

Considerando o contexto sócio-histórico da época, os movimentos sociais brasileiros começaram a surgir no início da Primeira República. Diante dos graves problemas que afetavam a sociedade e da ineficiência do Estado frente a eles, emergiram os movimentos rebeldes, no Nordeste, que desejavam fazer justiça social com as próprias mãos.

De fato, a bibliografia sobre a história do cangaço é diversa, desde a literatura, aos registros históricos, passando pelas teses políticas e sociológicas, documentários, filmes, entre outros documentos. Nos vários “retalhos” dessa história, há linhas que se entrelaçam e também linhas que se soltam, representando uma construção plural do evento histórico. As imagens tecidas pela Literatura e pela História constroem o cangaceiro ora como símbolo de luta, ora como bandido e, por vezes, herói. Como diz Curran (2009, p. 63), “hoje em dia, o

¹Segundos dados escritos por Nogueira (2020, p. 1), Antônio Silvino “foi um dos mais famosos cangaceiros da História do Brasil, sendo muitas vezes tratadas como o Rei do Cangaço que antecedeu Lampião, mesmo que ele tenha vivido até mais tempo que o capitão Virgulino, por não ter sido morto pelas forças policiais. Nascido na cidade pernambucana de Afogados de Ingazeira e batizado como nome de Manoel Baptista de Moraes, ele foi um dos mais influentes na cultura nordestina”.

cangaceiro cumpre no Brasil um papel semelhante àquele do *bad man* do cinema americano clássico [...] como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Antônio das Mortes*”.

2.2 O sertão nordestino: território e sujeitos

O contexto econômico do Brasil no século XVII era atrelado ao processo de colonização. O ciclo do açúcar funcionava no litoral e havia a necessidade de expandir a pecuária no sertão devido à procura por novas terras, a fim de organizar o plantio da cana-de-açúcar e a criação de gado (Victtor, 2009).

A história do cangaço, como diz Braga (2017, p. 1), “é a nossa própria história”, história feita de relatos sobre injustiças e vinganças que aparecem mais fortemente no Nordeste brasileiro, cenário das insurgências e das revoltas. Segundo Souza (2009), o Nordeste é o lugar de um povo sofrido em muitos aspectos: desde a ausência de justiça social às desigualdades no sertão. Nesse contexto, a relação do homem sertanejo com o semiárido é guiada por uma combinação de adaptação, resiliência, desafios socioeconômicos que moldam uma cultura, um modo de existir frente à precariedade e à agudeza do vazio. Mas não é só isso! Ainda que haja tanto sofrimento, há um modo de viver repleto de ensinamentos e que se oferta para o redimensionamento e percepção da convivência.

O sertão nordestino, palco do cangaço, é uma região com altas temperaturas e baixa precipitação de chuvas durante o ano. Oliveira e Farias (2018), ao analisarem o poema “ABC do Nordeste Flagelado”, de Patativa do Assaré, observam que o autor narra o espaço vivido por pessoas em paisagens do interior do sertão. Para eles, o texto de Assaré permite-nos compreender as características da identidade de um lugar, os modos de construção da sua imagem e o discurso da representatividade espacial, bem como suas tradições, o saber comum e a “expressão do real”.

No poema mencionado, Patativa do Assaré (2008, p. 1) descreve nos versos, I, J e L o sofrimento do sertanejo e a paisagem seca à espera da chuva que demora:

I
*Ilusão, prazer, amor,
 a gente sente fugir,
 tudo parece carpir
 tristeza, saudade e dor.
 Nas horas de mais calor,
 se escuta pra todo lado
 o toque desafinado
 da gaita da seriema
 acompanhando o cinema*

no Nordeste flagelado.

J

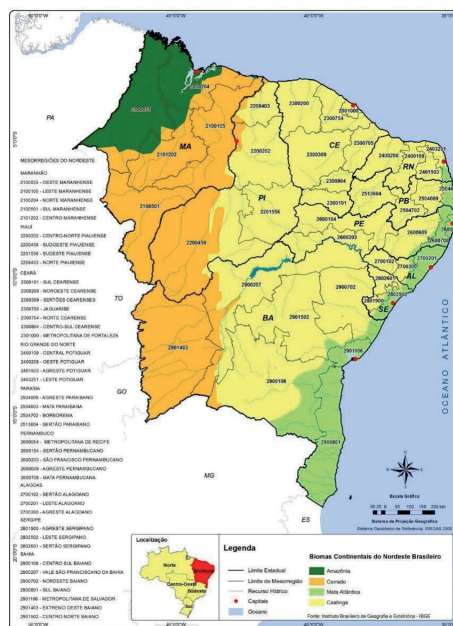
*Já falei sobre a desgraça
dos animais do Nordeste;
com a seca vem a peste
e a vida fica sem graça.
Quanto mais dia se passa
mais a dor se multiplica;
a mata que já foi rica,
de tristeza geme e chora.
Preciso dizer agora
o povo como é que fica.*

L

*Lamento desconsolado
o coitado camponês
porque tanto esforço fez,
mas não lucrou seu roçado.
Num banco velho, sentado,
olhando o filho inocente
e a mulher bem paciente,
cozinha lá no fogão
o derradeiro feijão
que ele guardou pra semente.*

Repositório de um mosaico de paisagens, o Nordeste conta com uma variedade de condições naturais, que incluem desde regiões úmidas e chuvosas concentradas no litoral até áreas do semiárido (Araújo e Trovão, 2015). Para caracterizar a Região Nordeste, observemos a Figura 2:

Figura 2: Representação do bioma com mesorregiões do Nordeste



Fonte: Araújo e Trovão (2015)

Como dito, o Nordeste é marcado pela seca e pela diversidade. O cordelista Marcos Medeiros (2010, p. 5) enfatiza que o povo nordestino sabe “se virar” com as riquezas que tem, em meio aos apereios da vida; nesse território de escassez, sobrevive a resiliência. Leiamos alguns versos de sua autoria:

*Desde há muito que me gabo,
Das riquezas naturais.
Com plantas de serventia,
Igualmente aos animais,
Cotando o simples tatu,
Tanto quanto o cururu,
E as ervas medicinais.*

A flora e a fauna do Nordeste serviram de abrigo, colaboraram nas fugas dos cangaceiros, foram espaço das batalhas do cangaço e, ao mesmo tempo, delas se retirava o alimento e a cura para as enfermidades. Assim narra Marcos Medeiros (2010, p. 8):

*Mesmo havendo violência,
Pelos sertões nordestinos,
A vida simples do campo,
Compensava os desatinos.
Mostrando para o cangaço,
Que seu verdadeiro espaço,
Pertencia aos campesinos.*

*Os rouxinóis, com seus trinos,
Soltaram sons maviosos,
Que levaram paz à terra,
Ante àqueles cães raivosos
Que viviam do sertão,
Tirando alimentação,
Dos campestres desditosos.*

*Foram-se os delituosos,
Ficaram lindos gorjeios.
As armas foram depostas,
Surgiram mais nobres meios.
Para alimentar o povo
Para atender os anseios.*

Foram essas as condições que fizeram do Nordeste o palco do cangaço, imprimindo ao movimento as particularidades e resistências do povo. Nesse espaço resiliente, o cangaço construiu seu domínio e resistiu às adversidades do sertão.

O cangaço foi um dos movimentos sociais emergentes no Brasil República, dando origem à formação de bandos com indivíduos muitas vezes marginalizados que lutavam contra as injustiças sociais e as condições adversas da sociedade. Não era apenas um

movimento ligado a questões sociais, mas também a questões culturais referentes ao processo de apropriação das áreas do sertão nordestino (Costa, 2021).

Nas palavras de Medeiros (2009, p. 217-218), o estudo sobre o território nos permite compreender como os espaços são socialmente construídos e como as pessoas se relacionam com eles em níveis individuais e coletivos, caracterizando-os:

[...] como um espaço político, um jogo político, um lugar de poder. Definir seus limites, recortá-lo, é sinônimo de dominação, de controle. O domínio entre pessoas e nações passa pelo exercício do controle do solo. [...] O território é pois, esta parcela do espaço enraizada numa mesma identidade e que reúne indivíduos com o mesmo sentimento.

Assim, o território conhecido como Nordeste não se refere apenas à uma área geográfica, mas também aos significados simbólicos, culturais e políticos atribuídos a essa área. Ele está relacionado ao controle, ao uso e à organização do espaço, podendo ser entendido como um produto das interações sociais e das práticas cotidianas. É nesse contexto que a “identidade” do “povo nordestino” é uma invenção que insiste em realçar o atraso, a pobreza e o arcaico como traços estruturantes dessa espacialidade e sua gente. Nessa perspectiva, Albuquerque Júnior (1999, p. 49), citado por Galvão (2000, p. 28), argumenta que o “Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país”.

Por outro lado, podemos refletir sobre o pertencimento do sujeito ao lugar, que diz respeito ao sentimento, à ligação emocional, à identificação e ao vínculo que os indivíduos ou grupos têm com um determinado território. Esse sentimento de pertencimento pode ser construído a partir de diversos elementos, como história compartilhada, cultura, tradições, idioma, valores e experiências comuns. Assim, Maldi (1998, p. 3), em seus escritos, destaca que pertencer ao território:

É também a raiz para a formulação coletiva da identidade. O indivíduo constrói sua identidade baseando-se na sua localização com relação a um grupo e na relação que possui com a totalidade, de tal forma que o território passa a ser determinado e vivido por meio do conjunto das relações institucionalmente estabelecidas pela sociedade.

O conhecimento de Lampião sobre o território fez dele um líder imbatível durante muito tempo. Nos vários embates contra as forças policiais e militares da época, seu grupo de cangaceiros demonstrou habilidade no domínio de técnicas de guerrilha e sobrevivência.

Lampião, particularmente, era conhecido por ser astuto e estratégico, o que inspirava seus seguidores. Sua resistência ganhou notoriedade nacional e até internacional, tornando-o uma figura lendária, como destaca o artigo publicado pelo Jornal de Pernambuco, em fevereiro de 1938, citado por Grunspan-Jasmin (2006):

Dotado de astúcia singular, enorme resistência, capacidade de comando em relação á gente de sua laia e de conhecimento perfeito das terras que percorria e a cujos habitantes castigava, o fantasma nordestino sempre conseguiu iludir as vinditas particulares, que uma por outra vez o perseguiram, e o da polícia. Matreiro, precavido, com uma visão de felino para o assalto e para a retirada, e sabendo amedrontar e seduzir os que lhe pudessem ser uteis, ao fim de algum tempo suas possíveis vítimas o ajudavam contra as perseguições, preferindo no sertão longínquo e desvalido, antes a benevolência do bandoleiro sanguinário do que o cumprimento do dever em proveito da Lei. Com tais adjutórios e sua manha de fera, o cangaceiro criou entre a gente inculta sujeita ao seu poderio feroz a impressão de infalibilidade.

De acordo com o site Canoa de Tolda (2019), que reúne especialistas em cangaço, há afirmações que caracterizam o sertão como um espaço geográfico impenetrável, imaginário tecido ao longo dos séculos.

2.3 Lampião em versos: representações no cordel

Virgulino Ferreira da Silva nasceu em 7 de julho de 1897, na fazenda de Serra Talhada, no Estado de Pernambuco. De acordo com diversos registros sobre seu nascimento, muitos estudiosos defendem essa data como sendo a de batismo. Outros autores como Estácio de Lima², citado por Grunspan-Jasmin (2006), defende, porém que Virgulino nascera em 4 de junho de 1898. No poema, relata-se que o cangaceiro teria nascido logo após a derrota do Arraial de Canudos, como se a história do “anjo do Apocalipse devastador do sertão” desse continuidade à saga de Antônio Conselheiro³.

Os Ferreira eram uma família simples, mas com condição financeira razoável. Filho de lavradores, José Ferreira conseguiu assegurar que seus filhos fossem alfabetizados, inclusive Lampião, que sabia ler e escrever (Grunspan-Jasmin, 2006).

O cangaço emergiu no Nordeste ao final do século XIX e perdurou até meados do século XX. Os estados pelos quais passou Lampião foram: Ceará/CE, Rio Grande do Norte/RN, Paraíba/PB, Pernambuco/PE, Alagoas/AL, Sergipe/SE e Bahia/BA. Como

2O cordelista Estácio de Lima, segundo Grunspan-Jasmin (2006), foi um dos primeiros a escrever sobre a biografia de Lampião.

3O autor apresenta vários relatos num raio de dez anos acerca do nascimento de Lampião, desde registros no cartório ao batismo do personagem.

observamos na Figura 2, os únicos estados onde o bando não esteve foram Maranhão/MA e Piauí/PI.

Segundo Ramos Filho (2017), o bando formado por grupos de homens jovens – em sua maioria, pobres e marginalizados –, que buscavam formas de resistir à opressão e encontrar meios de sobrevivência, atuava no sertão, onde várias cidades interioranas registraram a presença dos cangaceiros em seus territórios, como vemos a seguir:

Figura 3: Estados do Nordeste invadidos pelo bando de Lampião



Fonte: Adaptado de IBGE (2017)

Conforme estudos de Grunspan-Jasmin (2006), Lampião e seu bando realizaram incursões em várias cidades e povoados, saqueando e se envolvendo em confrontos armados com a polícia e grupos volantes. Os cangaceiros contavam com a colaboração e o apoio da população rural, o que facilitava as fugas e dificultava o trabalho das autoridades.

Segundo Cardoso *et al.* (2004, p. 135), o “fenômeno” do cangaço levou as autoridades da época a articularem um movimento coletivo para defender a região. Porém, eram desorganizados e demoraram a ter êxito. Além disso, os cangaceiros conheciam o sertão como ninguém. Portanto, na inexistência de um governo eficaz quanto ao “banditismo”, percebia-se que:

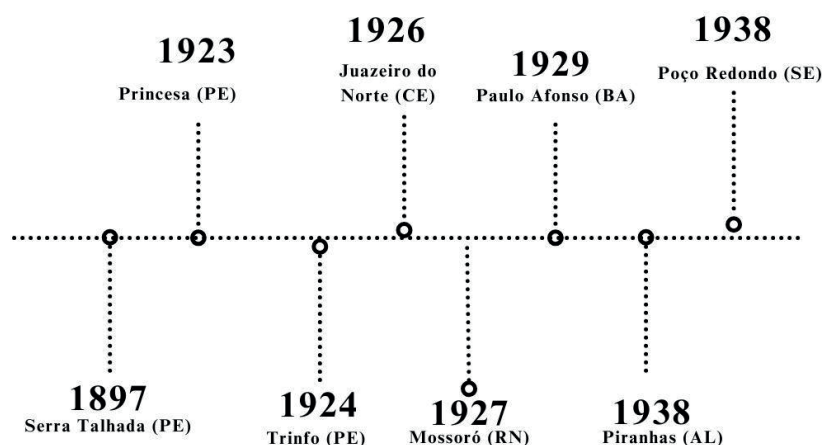
A incapacidade revelada pelos governos dos estados nordestinos de lidar sozinhos com o banditismo inspirou as primeiras medidas formais de colaborações regional. O primeiro pacto entre estados do nordeste estabeleceu-se em 1912, quando os chefes de polícia do Ceará, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco se reuniram no Recife a fim de planejar medidas comuns, com algum êxito notadamente para a captura de Antônio Silvino em 1914 [...] somente a sistemática

penetração do sertão por tropas federais, na década de 1930, extinguiu o banditismo como fenômeno endêmico da região.

Os ataques do bando de Lampião, segundo Ramos (2017), começam em Serra Talhada (PE), a partir de uma desavença entre os Ferreira (família de Lampião) e os Saturnino. A partir daí, inúmeras revoltas ocorreram na Região Nordeste. Abaixo, condensei em uma linha do tempo (Figura 4), a partir de Ramos (2017), alguns dos diversos embates travados por Lampião no cangaço, começando pelo seu nascimento em Serra Talhada/PE e culminando com sua morte em Poço Redondo/SE.

Figura 4: Linha do tempo – Trajetória de Lampião no Nordeste.

Trajetória de Lampião no Nordeste



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Conforme o cordelista Cabral (2009, p. 4), o início do cangaço é marcado pelas disputas entre as famílias Nogueira e Ferreira: “por questão de terra e gado, não faltava confusão. Porque sempre apareciam reses mortas pelo chão, com chocalhos amassados, para aumentar a questão”.

Na história contada no cordel de Estácio de Lima (1965, p. 143), citado por Grunspan-Jasmin (2006, p. 52), Lampião sempre foi um menino esperto e cheio de ardilezas. Ainda quando criança, seus pais alimentavam projetos de estudos para ele, exprimindo o desejo de que superasse sua modesta condição. No entanto, contradizendo os desejos de José Ferreira, os estudos não chamaram a atenção de Lampião, que se dedicava à vida de vaqueiro. Leiamos os versos do cordelista:

*Os seus pais pediram muito
Para ele ir estudar
Ele não quis aceitar
Dizendo: dê-me um cavalo
Que eu quero é campear...*

*O pai deu-lhe um bom cavalo
Por nome de Azulão!
Virgulino em cima dele
Vaqueijava igual ao cão
E nunca encontrou boi brabo
Pra botá-lo no chão.*

Ainda adolescente, Lampião já amansava burros no campo, ganhando fama como um dos melhores vaqueiros do Pajeú. Inteligente, Lampião aprendeu a fazer selas, gibões, arreios, perneiras, chapéus de couro, alforjes e bornais para vender nas feiras de Nazaré, São Francisco, Triunfo, Custódia e Salgueiro. Herdou os ensinamentos de seu pai para tocar sanfona e cantar toadas, repentis, baiões e xaxados com muita inspiração. Grunspan-Jasmin (2006, p. 53) cita um trecho do cordel de Estácio de Lima (1965, p. 143) que narra a vida do jovem Virgulino:

*Até aos 17 anos
Vivia calmo e sossegado
Até todos o conheciam
Por lutador honrado
E nessa idade os retrocessos
Fizeram-no mau e desgraçado.*

Os versos acima revelam que Virgulino entraria logo cedo em uma vida de violência e criminalidade, contrária à rotina tranquila e honesta vivida em sua infância e adolescência. O poema refere-se a Lampião, mas poderia ser sobre a vida de muitos cangaceiros que não entraram no cangaço por acaso. Por trás de todos os cangaceiros, há uma história de vida, um ser social muitas vezes inconformado, querendo fazer justiça com as próprias mãos.

Antes de demonstrar os diversos motivos que levaram Lampião a ingressar no cangaço, é importante trazer à tona o espaço que o cercava. O lugar onde vivia é uma das regiões mais secas do Estado de Pernambuco. Essa topografia da seca é retratada no poema de J. Victor (2009, p. 4):

*Aqueles torrões de terra
Nas secas que ali nasciam
Deixaram pelo caminho
Os corpos que apodreciam
Alimentando os morcegos
Aos olhos dos que viviam.*

*A terra aqui no sertão
É seca como farinha
A cobra vai rastejando
Deitada como uma linha
Aqui é lugar para macho
E a forte erva daninha.*

*As secas que ainda hoje
Assolam o grande nordeste
Criaram saqueadores
Por todo aquele Oeste
Não adianta rogar
Ajuda alguma celeste.*

Nesse ambiente de pobreza e lutas, há também uma região com beleza, que enche os olhos do sertanejo, e saberes da Caatinga, como narra Marcos Medeiros (2010, p. 1-2) em seu cordel *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro*. No poema, ele apresenta o Nordeste como uma região seca, mas onde os habitantes criaram mecanismos de sobrevivência para se adaptarem ao território:

*Fauna e flora da caatinga
Têm valor pro beradeiro
Servindo como alimento,
Ou de remédio caseiro.
Sempre foi grande riqueza,
Sustentando, com certeza,
Campesino e cangaceiro.*

*Em meio ao grande sequeiro,
Onde cabrito abre o berro,
Mororó quebrava o galho,
E pau forte era pau-ferro.
Quando os cabras do cangaço,
Ocupava tanto espaço,
Que não cabe onde hoje encerro.*

*Se alguma placa descerrou,
Neste tema relatado,
Destaco o tejo e o mocó,
Por terem alimentado,
O caboclo do sertão,
Numa hora de precisão,
No tempo mais estiado.*

*Pelo sol tão causticado,
O sertanejo sofrido,
Foi buscar no xique-xique
O alimento requerido.
E fez doce do facheiro,
Enquanto que o cangaceiro,
Assaltava qual bandido.*

*Tomando o recurso havido,
Sem ter comisseração,*

*O cangaço consumia,
Os dotes da região.
E pra mordida de cobra,
Tirava leite de sobra,
De um simples pé de pinhão.*

*Para dor no cabeçaço,
Logo gengibre mascava.
Se tinha dor de garganta,
Chá de formiga tomava.
Mas se reumatismo tinha,
Essa doença continha,
Com a banha que 'ele passava.*

*Capivara ele matava,
Para retirar a banha.
A asma estando presente,
Caçava com muita manha
A primeira ema que visse,
Pra que a banha lhe servisse,
E não lhe tirasse a sanha.*

Os versos de Marcos Medeiros (2010) narram a utilização de plantas medicinais e costumes que ainda hoje estão presentes em várias famílias. Se o filho amanhecesse com a garganta inflamada, o remédio era “banha de tejo”; se aparecesse alguém com indigestão, arrumava-se logo um chá para *acalmar a barriga*. O uso da medicina caseira ou das plantas medicinais é tema do trabalho de Pereira e Loiola (2009), no qual as autoras ratificaram a importância da universidade incentivar e valorizar o conhecimento popular de comunidades tradicionais.

Sena (2021, p. 8) vê o sertão como um espaço que abraça as desigualdades sociais, tal qual acontece em vários lugares do Brasil. Entretanto, as dificuldades são mais acentuadas no Nordeste, uma vez que a:

[...] região sertaneja do Nordeste brasileiro era atrasadíssima, raras eram as escolas em algumas vilas, a sociedade enfrentava também a ilegalidade e a desordem, o que possibilitou o aparecimento de fortes grupos armados e o surgimento dos jagunços, que espalhavam terror na região, saqueando, matando, cometendo uma série de atrocidade na região.

Não reiteramos que a seca foi a única justificativa para muitos homens ingressarem no cangaço, já que inúmeras pessoas escolheram migrar para outros estados brasileiros. Contudo, a seca não deixa de parecer um dos principais motivos que levaram muitos a ingressar nesse movimento. Isto porque, o cangaço era uma possibilidade de sobrevivência e vingança frente à tanta falta.

Curran (2009, p. 61) caracteriza o cangaço e alguns termos atribuídos aos cangaceiros desta forma:

No cordel, o cangaceiro é o héroi por excelência, misto de bandido, criminoso e lutador pela justiça no sertão nordestino. Nas obras cordelistas contemporâneas, é visto como o tipo de heróico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro “cavaleiro do sertão” [...] é conhecido pelos epítetos: Rei do Cangaço, Rei do Sertão, Terror do Nordeste, Rifle de Ouro, Leão do Norte e, no caso do célebre Lampião, Galo Cego. Trata-se da variante folclórica moderna do cavaleiro medieval, seguindo o modelo cordeliano extraído das histórias de Carlos Magno e seus pares: vê-se a cena de Carlos Magno chorando a morte de Rolando quando o cangaceiro Antônio Silvino chora a morte de seus homens, depois de uma luta sangrenta, ou quando Riobaldo lamaneta a perda de seus jagunços, na obra-prima de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas*.

Nos versos de *Os cabras de Lampião*, Manoel D’Almeida Filho (1965, p. 1) descreve as façanhas do bando de Lampião demarcando o lugar de fala dos personagens, das marcas de injustiças, criminalidade, vingança e banditismo. O autor ressalta que estes ficaram registrados “nas entranhas do Nordeste. Com sangue, com ferro e fogo, como a maldição da peste”.

O poeta Nertan Macêdo (1962, p. 109), citado por Grunspan-Jasmin (2006, p. 54-55), narra versos nos quais o próprio Lampião teria escrito episódios de sua vida antes de ser “obrigado” a entrar no cangaço. A “voz” de Lampião, assumida no poema, enfatiza o sofrimento causado pela exclusão de uma vida que poderia ter sido diferente, além da evocação nostálgica e sentimental do luto pela morte do seu querido pai:

*Para minha infelicidade
Entrei nesta triste vida
Não gosto nem de contar
A minha historia sentida,
A desgraça enche o meu rosto
Em minha alma entra o desgosto
Meu peito é uma ferida*

*Quando me lembro senhores
Do meu tempo de inocente
Que brincava nos cerrados
Do meu sertão sorridente
Sinto que meu coração
Magoado desta paixão
Bate e chora amargamente*

*Meu pai e minha mãe querida
Quiseram me ensinar
No colo carinhoso
E ela ensinou-me a rezar
E a todos muito respeitar
E ele ensinou-me nos campos
E eu menino a trabalhar.*

Cresci na casa paterna

*Quis ser homem de bem
Viver de meus trabalhos
Sem ser pegado a ninguém
Fui almocreve na estrada
Fui até bom camarada
E tive amigos também*

*Tive também meus amôres
Cultivei a minha paixão
Amei uma flor mimosa
Filha la do meu sertão
Sonhei de gozar a vida
Bem junto à prenda querida
A quem dei meu coração.*

*Hoje sei que sou bandido
Como todo mundo diz
Porém já fui venturoso
Passei meu tempo feliz
Quando no colo materno
Gozei um carinho terno
De quem tanto bem eu quiz.*

*Meu rifle atira cantando
Em compasso assustador
Faz gôsto brigar comigo
Porque sou bom cantador
Enquanto o rifle trabalha
Minha voz longe se espalha
Zombando do próprio horror.*

*Nunca pensei que na vida
Fôsse preciso brigar
Apesar de ter intrigas
Gostava de trabalhar
Mas hoje sou cangaceiro
Enfrentarei o balseiro
Até alguém me matar.*

*Quando pensei que podia
O caso estava sem jeito
Vou dar trabalho ao govêrno
Enfrentar agora de peito
E trocar bala sem receio
Morrendo num tiroteio
Sei que morro satisfeito.*

*Nunca pensei que na vida
Fôsse preciso brigar
Apesar de ter intrigas
Gostava de trabalhar
Mas hoje sou cangaceiro
Enfrentarei o balseiro
Até alguém me matar.*

A história contada por Grunspan-Jasmin (2006) no livro *Lampião, senhor do sertão* narra o conflito entre famílias que se iniciou quando Zé Saturnino disputava as terras de seu vizinho José Ferreira, pai de Lampião. Nesse período, o coronelismo era comum nos redutos

eleitorais do sertão. Segundo relatos, Saturnino estava em ascensão política na época, o que contribuiu na investida contra os Ferreira, que perderam a posse das terras em 1915.

2.4 Cordel: buscando seus rastros e definições

Há diversas versões quanto à chegada e à popularização do cordel no Brasil. O cordel é definido como um folheto que inclui textos com rimas e apresenta múltiplos domínios temáticos, a exemplo das histórias de romance, de poder, de oração, de humor e de situações do cotidiano. O termo *cordel* é de origem ibérica. De acordo com Luyten (2005, p. 13), citado por Lacerda e Neto (2010, p. 224), na Espanha e em Portugal era costume colocar pequenos livretos pendurados em barbantes, nas feiras livres, à semelhança de roupas estendidas em varais.

Ao longo da Idade Média, na Península Ibérica (Portugal e Espanha), surgiram os primeiros folhetos. Nesse sentido, Holanda e Rinaré (2009, p. 19) dizem que “[...] os versos dos trovadores, que antes eram escritos à mão, recitados e/ou cantados passaram a ser impressos em papel”. Já no Brasil, os folhetos chegaram nos balaios dos colonizadores:

Os folhetos nordestinos ganharam a denominação de “Cordel” do pesquisador francês Raymund Cantel, na década de 70 do século XX. Segundo este, os folhetos eram vendidos na Europa em cordéis ou barbantes. Daí veio o termo Literatura de Cordel, até então desconhecido (Holanda e Rinaré, 2009, p. 20).

Uma vez conhecidas pelos povos, essas histórias, permeadas por elementos medievos, ganharam conotações fantasiosas no imaginário nordestino. Poetas e violeiros, os *vates* locais, logo passaram a recontá-las e a reinventá-las, usando para isso seu talento para rimar.

A literatura de cordel firma-se no Nordeste a partir das transformações econômicas, sociais e políticas da região. Assim, esses textos narram feitos e acontecimentos por meio dos versos escritos e/ou falados dos cordelistas (Terra, 1983).

Quanto à divulgação do cordel, Ferreira Júnior (2020, p. 110) explica:

[...] a literatura de cordel, no Brasil, [pode] ser vista como pertencente ao campo da chamada cultura popular, visto que foi fruto de rica tradição oral, proveniente de cantadores, bem significativa no Nordeste, nos séculos XIX e XX. Todavia, em Portugal, de onde provém o cordel, entre os séculos XVI e XVIII, esta literatura esteve atrelada à chamada cultura erudita.

O termo *cordel* alude à palavra corda, cordão ou barbantes que servia para pendurar os folhetos escritos geralmente à mão e que continham histórias. Ficavam à mostra para serem vendidos nas ilhas portuguesas. Esse termo continuou sendo utilizado no Brasil para se referir

aos folhetos que contivessem histórias narradas em verso e imagens desenhadas a lápis, sem necessariamente estarem expostos em barbantes. Com relação à estrutura do cordel, Ferreira Júnior (2020) afirma que ele é composto por capa (ilustração em xilogravura), miolo (onde está situada a narrativa) e contracapa (geralmente com referências aos autores ou em branco).

Haurélio (2013) argumenta que não houve empecilhos à circulação do cordel no Brasil, mesmo que sua origem tenha sido atribuída à Europa. Há registros do cordel desde o século XIX em terras nordestinas, como no romance *A pedra do Reino* (1836), que inspirou obras de Ariano Suassuna. É fato que uma das principais manifestações literárias do Brasil é a literatura de cordel cujos conteúdos tratam das narrativas relacionadas à tradição oral e à cultura popular (Cadó, 2022).

As denominações *cordel*, *folheto* ou *literatura de cordel*, entre outras, são apresentadas por Rodrigues (2014, p. 159):

Cordel, folheto, livro, livrinho, romance, estas e outras denominações tentam definir o objeto que faz parte de um universo multifacetado e que não se encontra em local fixo de significação. Entretenimento para uns, objeto de estudo para outros, o cordel agrada “gregos e troianos”. Talvez seja essa a razão de tamanha circularidade entre grupos diversos.

Nesta obra, utilizamos os três termos: *literatura de cordel*, *cordel* e *folhetos*. A relação do cordel com a História amplia as capacidades cognitivas dos alunos no estudo de um passado. O cordel é também uma forma de assimilar conhecimento histórico, o que, por sua vez, dá à disciplina de História um modo novo de ministrar seus conteúdos (Xavier, 2010).

Trombeta (2021) ressalta que a literatura de cordel recebeu influências de várias partes do mundo, mas, no Brasil, os seus pesquisadores e teóricos entendem que ela ganhou singularidade a partir da cultura regional nordestina. Quanto à classificação da literatura de cordel no Brasil, há dois grupos: folhetos e romances. A diferença entre eles está na temática e no número de páginas. Os folhetos e os romances se subdividem, por sua vez, em três categorias: narração, descrição e comentários, como nos apresenta Trombeta (2021, p. 81-82):

[...] destacam-se relatos de acontecimentos marcantes (secas, inundações, guerras); narrativas de fatos heróicos (histórias de cangaceiros reais ou proscritos imaginários); tributos a personagens religiosas ou políticas (padres, freis, governadores, presidentes, entre outros), contos de exemplos, representações de desafios, ditos graciosos (às vezes, obscenos), sátiras de costumes etc. Já os romances são obras narrativas ficcionais que, geralmente, apresentam de vinte e quatro a sessenta e quatro páginas. Seus temas são basicamente: histórias de amor, sofrimento e bravura. Geralmente, as composições narram sucessos notáveis e heróicos de encantamento com personagens como príncipes, fadas e reinos encantados

No Nordeste, a literatura de cordel é prestigiada e conta com poetas renomados, além de apresentar diversidade de folhetos, acervos de pesquisa (sobretudo em universidades) e estar presente em livrarias, bancas, museus e – por que não? – nas escolas. É fato que, hoje, esse objeto de leitura está em vários espaços (Silva, 2012).

2.5 O cordel no ensino de História

O uso do cordel nas aulas de História tem se tornado um meio facilitador da aprendizagem e da compreensão de fatos históricos com mais leveza e entretenimento. O processo de ensino de História potencializa-se, principalmente, quando a poesia cordelista aborda elementos do cotidiano dos discentes. De acordo com Ferreira Júnior (2020, p. 115), o cordel pode ser trabalhado com o objetivo de:

[...] promover identificação do alunado com suas narrativas, o cordel utilizado no ensino de história também pode vir a estimular o aluno a participar de construção de textos, próprios de cordel, utilizando elementos dos conteúdos definidos para serem estudados na disciplina história. Isto, por sua vez, promove ao aluno um sentimento de pertença, quando da construção de conhecimento histórico.

O trabalho pedagógico com a Literatura pode ser realizado por meio de alguns itinerários metodológicos, considerando a diversidade dos processos de ensino: crítica documental, planejamento da aula, comparação e confronto de documentos (Nascimento, 2005).

Tragino (2016) ressalta que a Literatura e a História se relacionam pelo entendimento historiográfico no contexto regional. Já Cavalcante (2013) discute em sua pesquisa o diálogo entre a literatura erudita e o cordel na escola, ratificando que ambas podem estimular o discente e favorecer seus processos de letramento literário, aproximando os leitores do texto poético e do ensaio historiográfico, por exemplo. Assim, as práticas de ensino podem refletir e valorizar os saberes e fazeres discentes, criando um espaço de formação no qual se aprenda o “[...] discurso sobre a história e a sua função como instrumento cultural” a partir de múltiplas fontes, “a fim de produzir conceitos e conhecimentos históricos” (Ricardo, Melo e Silva, 2019, p. 8).

Nascimento (2005) afirma que os folhetos podem ser problematizados nas aulas de História, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Por serem documentos, são usados para discutir temas atuais da sociedade brasileira, uma vez que na prática investigativa

e no ensino de História outras fontes, linguagens e métodos podem ser utilizados na tentativa de se apreender sobre um passado.

O ensino de História pode e deve abranger a diversidade documental e discursiva, incluindo em seu escopo metodológico a iconografia, o audiovisual, a oralidade e a análise por meio dos folhetos de cordel (Ricardo e Tamanini, 2022). Discorrendo sobre a iconografia, em específico, Sampaio (2017) ressalta o papel formador da obra de arte que representa, através de imagens, uma realidade social, religiosa, étnica etc. O cordel não é apenas um suporte onde descansam textos e imagens. Ao contrário, os folhetos são fontes abertas, como todas as outras, às arguições, problematizações, inquirições. Não são apenas fontes para pesquisas de cunho historiográfico e literário. O cordel se abre como possibilidade concreta para ensinar História e formar leitores.

O uso do cordel nas aulas de História é frequente em algumas escolas do Nordeste brasileiro. Nascimento (2005) sugere que isto ocorra porque os poemas são fáceis de rememorar e que podem auxiliar alunos na compreensão do passado. Por serem mais que textos escritos, são artefatos linguísticos que encantam, informam e ensinam por meio de múltiplas linguagens, a exemplo das imagens.

O uso do cordel em sala de aula contempla quatro pontos importantes ao se pensar uma aula de história: I) crítica documental, que inclui objetivos e problematização definidos pelo professor em sala de aula; II) planejamento da aula, considerando o processo de ensino-aprendizagem e os objetivos a serem alcançados; III) uso da comparação, na qual ocorre o cotejo do poema em relação à narrativa histórica; e, por último, temos a IV) articulação dos documentos, que pode incluir a versão dos cordéis e o livro didático, por exemplo (Nascimento, 2005).

Curran (2009) caracteriza a literatura de cordel como uma poesia folclórica e popular com traços relacionados à cultura do Nordeste brasileiro: a poesia oral e improvisada, crenças e valores referentes ao povo. Para a História regional ou local, o cordel é uma fonte preciosa para compreendermos a cultura, os costumes e as tradições locais.

Como já dito, a Literatura e a História não são áreas de conhecimento antagônicas, mas complementares, considerando que ambas são fundamentais para a compreensão do mundo e das pessoas que nele vivem. Por isso, a integração entre História e literatura de cordel abre um leque de possibilidades quanto à produção de saberes, métodos e procedimentos analíticos interdisciplinares.

CAPÍTULO 3

Lampião no Cordel: palavras e imagens

Neste capítulo, analisaremos cordéis e xilogravuras de diversos autores — Medeiros Braga (2017), João Firmino Cabral (2009), Manoel D’Almeida Filho (1965), Dila (1978), Antônio Francisco Teixeira de Melo (2013), Severino Inácio (s/d), Antônio Américo de Medeiros (1996), Marcos Medeiros (2010) e Jorge Victor (2009) — com o objetivo de observar como Lampião é representado, para refletir sobre as implicações dessas representações no ensino de História.

3.1 Conhecendo os cordelistas

3.1.1 Poeta: Luzimar Medeiros Braga – Cordel: *Lampião, Rei do Cangaço* (2017)

Segundo o site “Projeto Cordel”, escrito por Valentim Quaresma e Francisco Diniz (2017), o cordelista Luzimar Medeiros Braga, desde os 13 anos, já se identificava com os folhetos de feira. Em 1954, começou a cantar cordéis que por vezes escrevia. Seu trabalho foi marcado pela criticidade e abrangia temas diversos: memórias, ecologia, filosofia, cangaço, movimentos afro-indígenas, mulheres guerreiras etc. Até o momento, o autor já produziu 193 títulos.

Figura 5: Cordelista Braga



Fonte: Paraíba Criativa (2024)

Figura 6: Capa do cordel *Lampião, Rei do Cangaço*



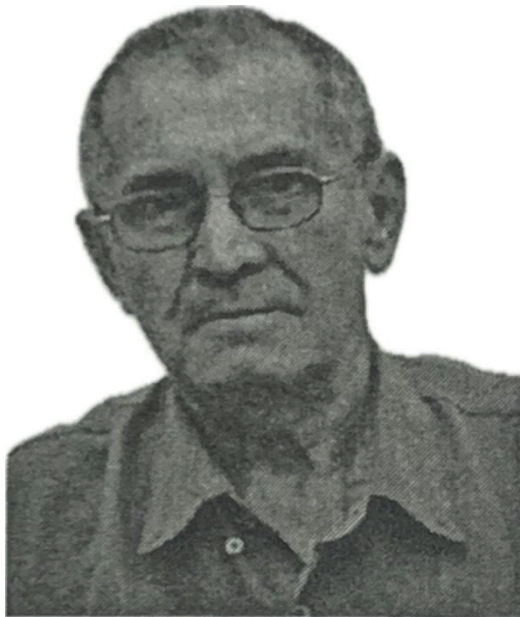
Fonte: Acervo dos autores

Para esta reflexão investigativa, escolhemos o cordel *Lampião, Rei do Cangaço* (2017) que mostra a trajetória de vida e as proezas de Lampião no cangaço, além de discursos e características da Região Nordeste. O interessante é que o poeta narra, de forma minuciosa, a história do cangaço e dos cangaceiros, desde suas indumentárias até a descrição do espaço sertanejo. No decorrer do texto, nota-se uma abordagem saudosista, como nestes versos sobre Lampião: “A história fenomenal. Do gênio da insurreição, o maior desses mortais” (Braga, 2017, p. 7).

3.1.2 Poeta: *João Firmino Cabral – Cordel: Lampião: herói ou bandido?* (2009)

Segundo Pontes (2020), o cordelista João Firmino Cabral é natural de Sergipe, nascido em 1º de janeiro de 1940, na cidade de Itabaiana. Trabalhava desde criança na agricultura, mas ainda jovem demonstrava gosto pelas letras e comprava folhetos de literatura de cordel que utilizava como cartilha. Começou a ler depois dos 17 anos. Ajudado pelo poeta Manoel D’Almeida Filho, encontrou sua “vocação” poética e escreveu seu primeiro cordel relatando uma profecia do Padre Cícero. Em 2008, tomou posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, na cadeira 36, cujo patrono é o poeta Expedito Sebastião da Silva. No dia 1º de fevereiro de 2013, em Aracaju, João Firmino faleceu de leucemia.

Figura 7: Cordelista Cabral



Fonte: Acervo dos autores

Figura 8: Capa do cordel *Lampião: herói ou bandido?*



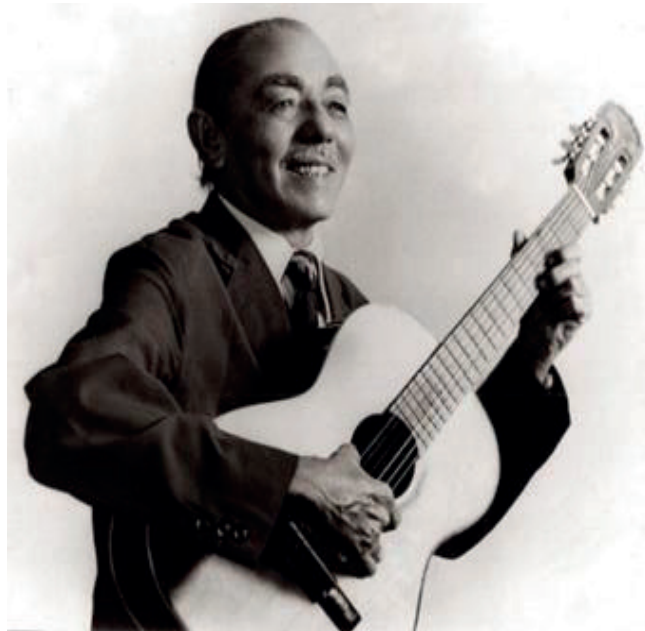
Fonte: Acervo dos autores

No cordel *Lampião: herói ou bandido?*, Cabral (2009) narra a trajetória do cangaceiro, destacando, em seus versos, “afinidades” entre Lampião e outros personagens históricos.

3.1.3 Poeta: Manoel D’Almeida Filho – Cordel: *Os cabras de Lampião* (1965)

A biografia do cordelista é narrada em seus próprios cordéis. Nascido em Alagoa Grande/PB, em 13 de outubro de 1914, Manoel D’Almeida Filho é considerado um dos principais poetas do Nordeste brasileiro. Jornalista, tipógrafo e revisor, Manoel dedicava-se também à venda de folhetos, livros e revistas.

Figura 9: Cordelista Manoel D’Almeida Filho



Fonte: Paraíba Criativa (2024)

Figura 10: Capa do cordel *Os cabras de Lampião*



Fonte: Acervo dos autores

Em suas obras, o autor narra histórias de romances, amor e aventura, retrata a vida no Nordeste e versa sobre os cangaceiros e suas trajetórias pelo sertão. Destacamos, em especial, *Os cabras de Lampião*, que descreve diversos personagens do cangaço, entre eles homens, mulheres, coronéis, padres e outras personalidades, além de caracterizar os espaços onde ocorriam as batalhas e ataques dos cangaceiros.

3.1.4 Poeta: José Soares da Silva (Dila) – Cordel: *Lampião e Maria Bonita* (1978)

Conforme Brasil (2018, p. 125), o poeta José Soares da Silva (conhecido como Dila) também assinava seus folhetos e gravuras com diferentes nomes, a exemplo de “Dila: o marechal do cordel do cangaço”, “Dila Soares da Silva”, “Dila Ferreira da Silva”, “Dyylas Sabóia”, “Dila Sabaó Sabóia”, “José Cavalcanti e Ferreira”, “Dila” ou “Dillas”. Ele ilustrou inúmeros folhetos de sua autoria e de outros poetas.

Figura 11: Cordelista Dila



Fonte: Ricardo Moura (1997) *apud* Brasil (2018)

Figura 12: Capa do cordel *Lampião e Maria Bonita*



Fonte: Acervo dos autores

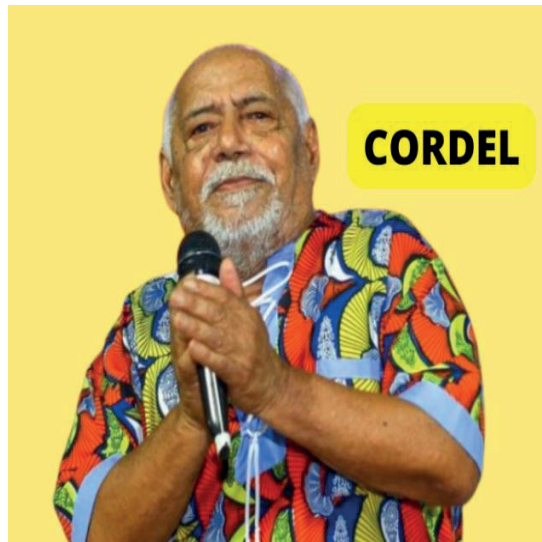
Dila escreveu seu primeiro cordel ainda adolescente, nas feiras da Paraíba, onde vendia folhetos. Logo cedo, desenvolveu as habilidades de editar e imprimir, enquanto trabalhava nos jornais *Vanguarda* e *Defesa*; posteriormente, abriu sua própria editora. Um dos cordéis do autor analisados nesta pesquisa é *Lampião e Maria Bonita* (1978).

3.1.5 Poeta: Antônio Francisco Teixeira de Melo – Cordel: *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013)

O poeta Antônio Francisco Teixeira de Melo apresenta no cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013) parte de sua biografia. Ele é natural de Mossoró/RN e nasceu em 21 de outubro de 1949. Seus pais são Francisco Petronilo de Melo e Pêdra Teixeira de Melo. Graduou-se em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e tem vários textos publicados, como os livros *Dez cordéis num cordel só* (2005), *Por motivos de versos* (2012) e *Veredas de sombras* (2012). Ainda, é fundador do projeto “Entre cordas e cordéis”. É um dos membros da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), onde ocupa a cadeira 15, cujo patrono é o poeta Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré (Memórias da Poesia Popular, 2024).

No cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013), o poeta ficcionaliza as vivências de Lampião no sertão, em especial sua invasão à cidade de Mossoró/RN. Às vezes, com certo tom saudosista, narra diálogos de Lampião com personagens do cotidiano, mesclando múltiplos aspectos das culturas regionais a partir de cenas do passado e do presente.

Figura 13: Cordelista Antônio Francisco



Fonte: Cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013)

Figura 14: Capa do cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*



Fonte: Acervo dos autores

3.1.6 Poeta: *Antônio Américo de Medeiros* – Cordel 1: *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* (s/d) / Cordel 2: *Lampião e sua história contada em cordel* (1996)

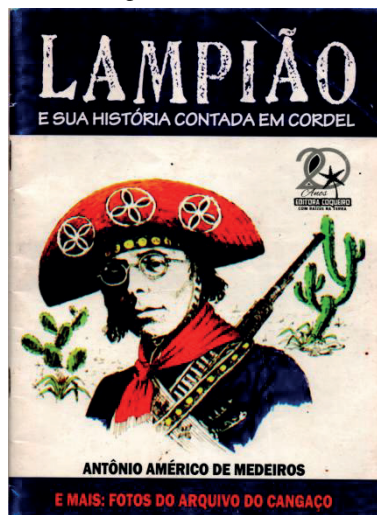
Antônio Américo de Medeiros nasceu no município de São João do Sabugi, no Rio Grande do Norte, em fevereiro de 1930. Compositor, também era contador de histórias, cordelista, folhetinista e editor, além de vendedor e precursor de programa radiofônico no RN. Dois cordéis do autor estão sendo utilizados nesta pesquisa: *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* (s/d) e *Lampião e sua história contada em cordel* (1996) (Memórias da Poesia Popular, 2024).

Figura 15: Cordelista Antônio Américo de Medeiros



Fonte: Memórias da Poesia Popular (2024)

Figura 16: Capa do cordel *Lampião e sua história contada em cordel*



Fonte: Acervo dos autores

Figura 17: Capa do cordel *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*.



Fonte: Acervo dos autores

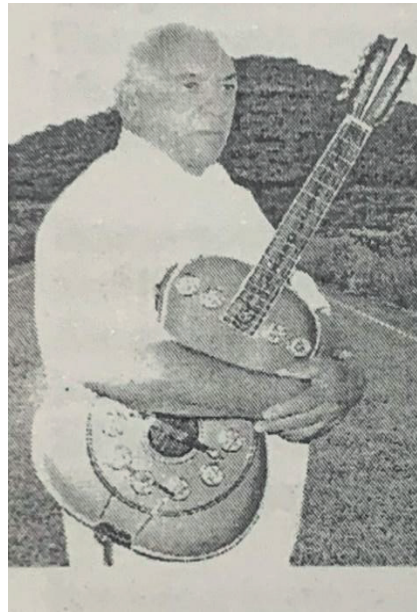
Medeiros começou sua trajetória como artista ainda cedo, cantando seus próprios versos, ao som da viola e divulgando seu trabalho por todo o Nordeste como cantador profissional. Ele publicou diversos trabalhos, entre eles as duas obras utilizadas nesta obra: *Lampião e sua história contada em cordel* (s/d) e *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Morreu em março de 2012 (Memórias da Poesia Popular, 2024).

Em seus trabalhos, o poeta costumava descrever Lampião como um personagem mitificado no sertão nordestino, representante do cangaço e sua identidade, um homem forte, bravo e considerado “rei” (Memórias da Poesia Popular, 2024).

3.1.7 Poeta: Severino Inácio – Cordel: *Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró* (s/d)

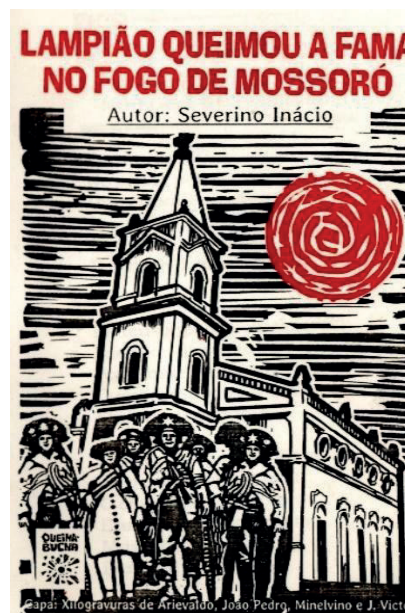
Severino Inácio nasceu no município de Caraúbas, no Rio Grande do Norte, em 9 de outubro de 1949, filho de Inácio Virgínio de Medeiros e Maria Bezerra de Medeiros. A partir de janeiro de 1977, ele se mudou definitivamente para Mossoró/RN, onde reside até o presente momento. O autor ocupa a cadeira 22 da Academia Mossoroense de Literatura de Cordel (AMLC), cujo patrono é Boaventura de O. Brito (Severino Inácio, s/d).

Figura 18: Cordelista Severino Inácio



Fonte: Acervo dos autores

Figura 19: Capa do cordel *Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró*



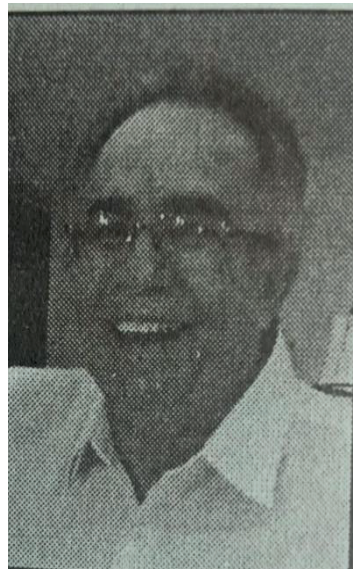
Fonte: Acervo dos autores

Além de cordelista, Severino ainda é poeta, violeiro e repentista. Escreveu diversas obras durante sua vida, entre as quais podemos citar o cordel *Lampião queimou fama no fogo de Mossoró*, onde narra o famoso ataque malsucedido do cangaceiro Virgulino à cidade de Mossoró/RN (Severino Inácio, s/d).

3.1.8 Poeta: *Marcos Medeiros* – Cordel: *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro* (2010)

No cordel *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro*, o poeta e escritor Marcos Medeiros (2010) informa que nasceu em Natal, capital do Rio Grande do Norte, em 12 de setembro de 1953, e passou boa parte da infância e adolescência em Santana do Matos/RN, onde permaneceu até concluir a educação básica.

Figura 20: Cordelista Marcos Medeiros



Fonte: Acervo dos autores

Figura 21: Capa do cordel *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro*



Fonte: Acervo dos autores

Biólogo de formação, Medeiros explora em seus cordéis a diversidade do bioma Caatinga e descreve sua abundância e potencialidade. Leiamos alguns versos do poema *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro* (2010, p. 1-2):

*Fauna e flora da caatinga
Têm valor pro beradeiro.
Servindo como alimento,
Ou de remédio caseiro.
Sempre foi grande riqueza,
Sustentando, com certeza,
Campesino e cangaceiro.
[...]
Pelo Sol tão causticado,
O sertanejo sofrido,
Foi buscar no xique-xique
O alimento requerido.
E fez doce do facheiro,
Enquanto que o cangaceiro,
Assaltava qual bandido.*

Professor por opção, lecionou em várias escolas públicas e privadas da capital potiguar e trabalhou em várias cidades do interior do estado. Atualmente, é membro da Academia de Trovas e da Associação Estadual dos Poetas Populares do Rio Grande do Norte. É autor de várias obras, entre livros e cordéis, com destaque para *Universo encantador da Biologia* (2005), *Vários tons da Genética* (2007), *Apologia das plantas* (2008), *A dança dos cromossomos* (2010), além do folheto *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro* (2010), utilizado nesta pesquisa.

3.1.9 Poeta: Jorge Victor – Cordel: *O Cangaço, sua Origem e os Bravos Cangaceiros* (2009)

Jorge Victor nasceu em Belo Horizonte (MG) e viveu boa parte de sua vida no Estado do Rio de Janeiro. Nascido em uma família de fotógrafos, J. Vittor estudou pintura acadêmica no Liceu de Artes do Rio de Janeiro e música na Escola de Música Villa-Lobos. Artista plástico e designer, o poeta foi responsável pelo projeto gráfico de inúmeras peças da Editora Queima-Bucha como capas de cordel e livros (Victor, 2009).

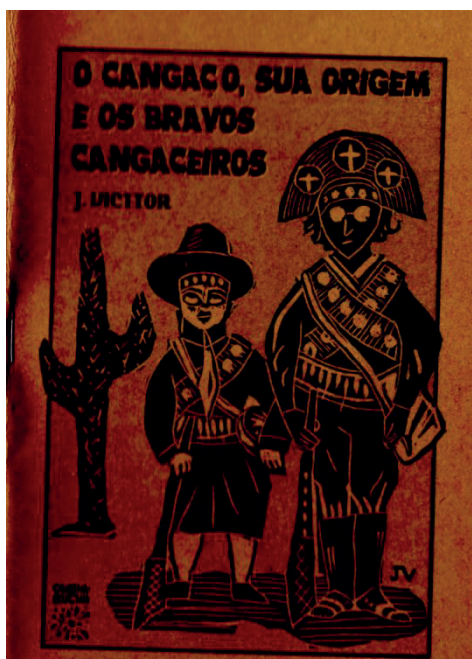
Como pintor, encontrou uma linguagem própria a partir da transformação e reinvenção de fotografias. Como cordelista, escreveu diversos poemas, entre os quais destaco: *Discussão de Pelé com Maradona* (s/d), *Quilombolas: a revolta dos escravos* (2006), *O Golpe (1964-1985)* (2005), *ABC da Música* (2007), *O Cangaço, sua Origem e os Bravos Cangaceiros* (2009) (Editora Rovel, s/d; Victor, 2009).

Figura 22: Cordelista Jorge Victor



Fonte: Rovelte Editora (s/d)

Figura 23: Capa do cordel *O Cangaço, sua Origem e os Bravos Cangaceiros*



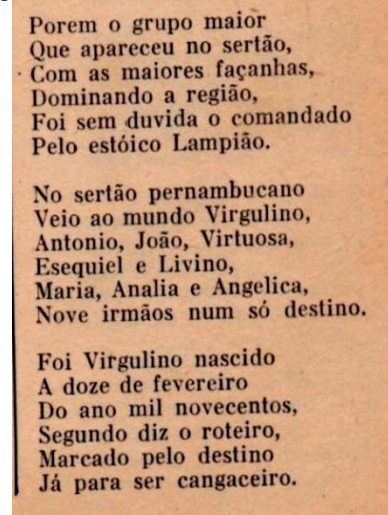
Fonte: Acervo dos autores

Os autores elencados trazem elementos significativos a respeito do cangaço, dos cangaceiros, de Lampião, do sertão, dos sertanejos e do Nordeste em seus poemas. Embora poetizem esses eventos e sujeitos, tais narrativas podem ser usadas no ensino de História.

3.2 Lampião: entre biografia e invenção

Iniciamos a biografia de Lampião a partir das palavras dos cordelistas e de como estes representam seu nascimento e trajetórias de vida. Começamos pelo texto de D’Almeida Filho (1965, p. 1):

Figura 24: Cordel – *Os cabras de Lampião*



Fonte: Acervo dos autores

Entre tantos epítetos atribuídos ao cangaceiro Lampião, problematizaremos alguns enredos dos cordéis que o tratam como personagem da História. De fato, em muitos escritos da literatura e nos contos populares em geral, atribuem-se a Lampião designações como: “lenda no sertão”, “mito”, “cangaceiro”, “bandoleiro”, “perverso”, bem como “cão, cruel e vaidoso”. Nesta publicação, porém, nossa intenção é discutir e desconstruir representações, apresentando outros traços, aspectos, características que fogem do estabelecido. Observemos o que Catunda (2014, p. 4-16), dele fala: homem de família apaixonado por sua companheira:

4

*Quando eu inda morava
No meu rincão nordestino
Nas conversas das calçadas
Citava-se Virgulino
O capitão cangaceiro
O temido bandoleiro
Causador de desatino.*

5

*Carregou Maria Déia
Dela fez sua companheira,
Com ela cantou, dançou
Ao som da mulher rendeira
Tiveram a mesma sorte
Viveram até a morte
Uma paixão verdadeira.*

Já Cadó (2022, p. 23-24) observa as representações de Lampião pelo viés histórico, sem tanta preocupação em adjetivar, mas atento à produção de estereótipos relacionados à imagem do cangaceiro, que geralmente são “[...] caracterizados pelas lendas e mitos que envolvem suas ações”, inclusive na literatura de cordel, responsável em grande medida pela “constituição de uma identidade regionalista”.

9

*Nos dedos muitos anéis
Enfeitavam sua mão
No pescoço medalhinhas
Penduradas no cordão
O lenço em vez da gravata
Tinha ouro e tinha prata
Enfeitando Lampião.*

10

*Usava lenço de seda
Porque tinha algum requinte
Amava a fotografia
Não era nenhum acinte
A vaidade era normal
Ajudava o visual
No bom gosto possuinte.*

Ainda sobre a identidade regionalista, Ramos Filho (2018) argumenta que são muitas as ramificações entre imaginário e identidades regionalistas. O autor defende que há uma relação entre os imaginários sociais sobre o Nordeste e a invenção de uma identidade nordestina, um mito. Em suas palavras:

No terreno das forjadas identidades regionais, a memória do cangaço apropriada como elemento que concede sentido à temporalidade nordestina é o que chamamos de mito nordestino. As representações do cangaço compósitas desse quadro foram produzidas tanto no tempo do fenômeno quanto posterior à experiência. Assim, torna-se possível historicizar diferentes contextos ao longo do século XX, apresentando indícios de produções culturais que, em geral, debruçaram-se no assunto para identificarmos alguns paradigmas de explicação em que se basearam, principalmente na perspectiva do binômio nacional-popular, por operarem vários tipos de regionalismo na construção simbólica da nação/região/localidade, e que demarcam de modo amplo tal imaginário nordestino [...] (Ramos Filho, 2018, p. 155-156).

Esse tipo de indagação também é feito pela cordelista Catunda (2014, p. 4-16), que se refere à mitificação do personagem Lampião. Lê-se nos versos da autora:

14

*Querem derrubar o mito
Desconstruir Lampião
O cangaceiro perverso
Que assombrou o sertão*

*E fez tanta crueldade
Por toda sua maldade
Fora comparado ao cão*

15

*Sujeito igual Lampião
Jamais será lamparina
A saga do cangaceiro
Não se fez com vaselina
E sim com dedo treinado
No gatilho colocado
Na mira da carabina.*

16

*Meu caro vou lhe dizer
Segredo não peço não
É fácil falar de quem
Hoje é só pó no caixão
Isso é pura sacanagem
Queria ver ter coragem
Diante de Lampião.*

Como já dito neste escrito, Lampião deve ser analisado como personagem da História. Mas, como ele é abordado nas aulas de História? Para responder esta questão, sugerimos que a temática sobre o cangaço e sobre a história de Lampião tenha como consulta diversas fontes, inclusive a literatura de cordel. Com isso, acredita-se que os discentes também farão, de modo crítico, suas próprias indagações sobre o passado, suas figuras e movimentos.

3.3 Lampião e o cangaço em poemas e xilogravuras

Antes mesmo de folhear um livro, reparamos em seu *design*. A capa do livro, a depender de como está ilustrada, já é um convite à leitura. No caso desta pesquisa, cujo objeto é a literatura de cordel, uma xilogravura é, sim, um chamamento, é um *hall* de entrada, é um desdobramento da obra que se abre aos olhos do leitor, o convidando para uma aventura, para um ato de desbravamento. Para analisar as representações de Lampião nas capas dos folhetos de cordeis, chamamos a atenção para as xilogravuras que adornam as obras:

Figura 25: Capas dos cordéis analisados



Fonte: Acervo dos autores

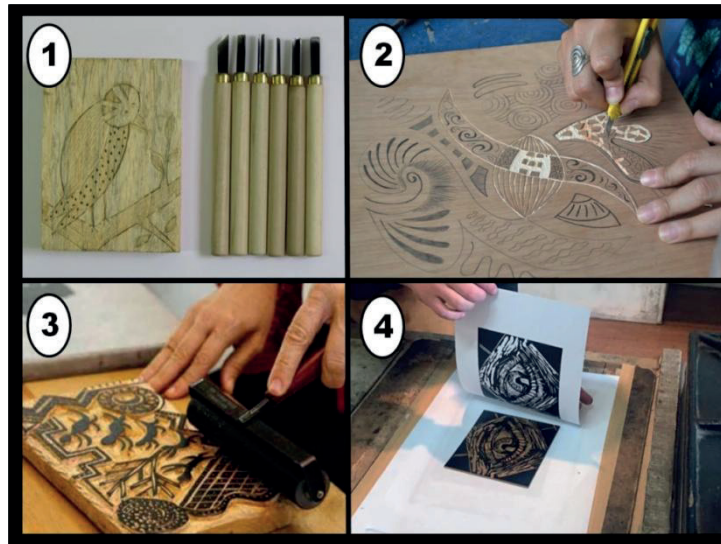
Na primeira imagem, da esquerda para a direita, temos uma capa que representa Lampião e Maria Bonita e cuja autoria é de Dila (1978). Neste folheto, o autor versa sobre a vida de Lampião e a apresenta ao leitor com um riquíssimo acervo de xilogravuras. A segunda capa estampa o título *Lampião: herói ou bandido?*, poema de Cabral (2009). Nele, tece-se uma escrita com elementos da vida de Lampião no cangaço, enfatizando os modos como ele é representado pela sociedade: ora como herói, ora como bandido. A terceira capa traz o folheto *Lampião, Rei do Cangaço*, de Braga (2017). No poema, o autor explica o que é o cangaço e depois situa o personagem Lampião no movimento. Na quarta capa, do cordel *Os cabras da peste*, de D’Almeida Filho (1966), narra-se o legado de Lampião e seu bando. A quinta capa é do folheto *Lampião e sua história contada em cordel*, de Medeiros (1996), no qual há versos, xilogravuras e fotografias que enriquecem o poema. Já o sexto cordel é *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*, de Antônio Francisco (2013), no qual o poeta narra o episódio em que a cidade potiguar expulsou o bando de Lampião. O sétimo poema é *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* (s/d), no qual Antônio Américo de Medeiros enaltece a cidade de Mossoró por ter expulsado Lampião e seus homens. No oitavo cordel, *Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró*, do autor Severino Inácio (s/d), há as memórias dos moradores da cidade de Mossoró/RN, orgulhosos por terem expulsado os cangaceiros. A nona capa é do cordel *O Cangaço, Sua Origem e os Bravos Cangaceiros* (2009), de Jorge Victor; neste folheto, há um diálogo entre versos e xilogravuras para caracterizar o cangaço e os cangaceiros. A última capa é do cordel *A Caatinga Sustenta Campesinato e Cangaceiro* (2010), de Marcos Medeiros, no qual o autor descreve as riquezas do sertão e mostra como o sertanejo “se vira” com a fauna e a flora do Nordeste.

Além dos versos que compõem os cordeis, observamos que as xilogravuras em si também são textuais. Insinuam um dizer já estabelecido, reconfiguram em traços, linhas, cores um mito, um personagem. Ratifica aquilo que o imaginário popular conhece dele.

Sobre a arte da xilogravura, Souza (2020, p. 24) afirma que as ilustrações do cordel vêm ganhando espaço e popularização em práticas pedagógicas e pesquisas no Ensino. A xilogravura é uma técnica artística que dá forma às ilustrações de muitos cordéis, especialmente em suas capas. As representações são gravadas na madeira, emoldurando as figuras que serão impressas. As partes em relevo na madeira recebem uma camada de tinta que é prensada no papel, dando vida a imagens a partir de uma pintura feita à mão (Suzuki, 1988).

Na Figura 16, podemos observar as etapas de produção de uma xilogravura: primeiro, temos o esboço e um desenho; depois, seu entalhe na madeira; em seguida, o entintamento do desenho; e, finalmente, a impressão da figura. Vejamos:

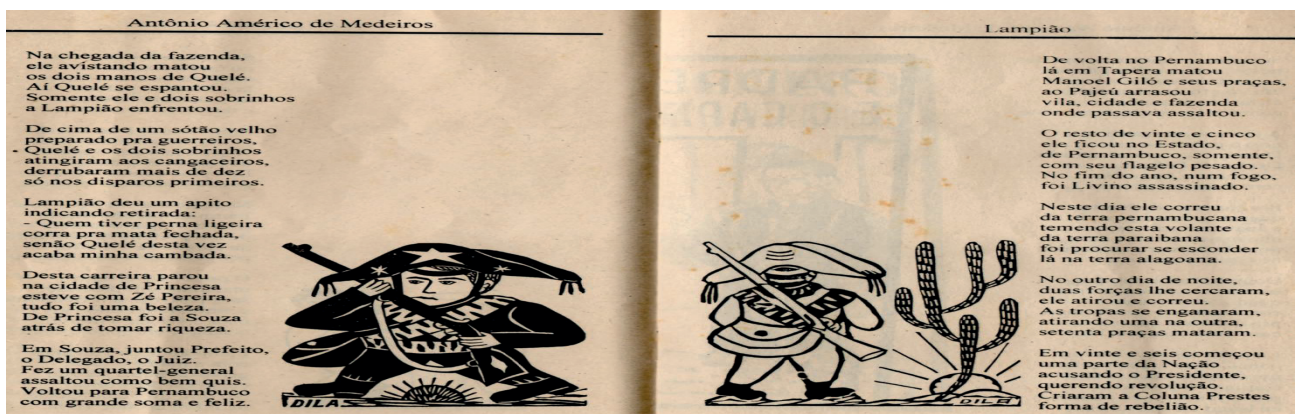
Figura 26: Etapas da produção da xilogravura



Fonte: <https://rodriguesdorea.files.wordpress.com/2020/07/passos-xilogravura.jpg?w=1024> (2020)

Sobre a xilogravura, Souza (2020) a define como uma expressão artística, uma arte independente, capaz de demonstrar o que está sendo retratado no texto, uma amostra do que pode ser o texto. Ao se deparar com um texto que contém imagens, o leitor percorre a página com os olhos, conectando as palavras às representações visuais da narrativa. Nesse processo, ele não apenas lê o que está escrito, mas também interpreta as imagens, estabelecendo uma relação entre o verbal e o visual, como se as cenas ilustrassem o enredo descrito pelas palavras.

Figura 27: Diálogo entre texto e xilogravura



Fonte: Medeiros (1996)

As ilustrações postas em meio aos textos escritos não devem ser compreendidas como partes coadjuvantes. Pelo contrário, consideramos que as imagens são partícipes ativas do processo de assimilação do conteúdo. Nem o texto escrito, nem as ilustrações são marginais. Ambos têm seu protagonismo e um contexto histórico a ser analisado.

A xilogravura é utilizada no Nordeste desde 1899, quando passou a ilustrar os folhetos de cordel do poeta Leandro Gomes de Barros. O autor também destaca a relevância dessa técnica artística por meio da obra de Dila, cuja produção é marcada pela representação de “personagens míticos do cotidiano, a cultura nordestina, retratando os retirantes e a seca, assim como o cotidiano desse povo, as festas populares e folclóricas, romances, temas religiosos e até a fauna e flora” (SOUZA, 2011, p. 14).

Na Figura 18, do cordelista Dila (1978), podemos observar um cenário marcado pelo simbolismo de elementos que envolvem os personagens Lampião e Maria Bonita. Nas imagens, destacam-se a vegetação semiárida, o cacto – que, para muitos nordestinos, representa a possibilidade de sobreviver à seca – e o chapéu, que mimetiza a fuga do sol escaldante. Podemos até enxergar a prosa entre Lampião e Maria Bonita enquanto contemplam o Sol.

Figura 28: Representações de xilogravura – Lampião e Maria Bonita no Nordeste brasileiro



Fonte: Dila (1978)

A xilogravura salta aos olhos e convida o leitor a mergulhar em uma prosa imagética. Essa característica evidencia a força expressiva da representação xilográfica, cujos detalhes transcendem os signos verbais e sugerem novos sentidos à narrativa. Sobre o ato de ler imagens, Santaella (2012, p. 10) explica que:

[...] aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para

outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade.

O trecho destaca a importância da leitura crítica e sensível das imagens, compreendida não apenas como uma observação superficial, mas como um processo cognitivo e interpretativo complexo. Aprender a ler imagens significa desenvolver competências visuais que permitem identificar seus elementos constitutivos — como formas, cores, linhas, composição, símbolos, gestualidade, entre outros — e compreender como esses elementos se articulam para construir significados. Nesse sentido, trata-se de uma leitura atenta que permanece focada na imagem em si, sem recorrer automaticamente a associações exteriores ou interpretações apressadas que não consideram o que está de fato representado. O objetivo é perceber o que a imagem “diz” por meio de sua própria linguagem visual. Além disso, a citação sugere que interpretar imagens exige tanto conhecimento técnico quanto sensibilidade estética. É necessário compreender como as imagens são construídas (seus códigos, suas convenções, seus recursos expressivos), mas também estar atento ao modo como elas indicam, sugerem ou evocam sentidos. Isso envolve reconhecer seu contexto de produção e circulação, bem como os modos específicos pelos quais representam a realidade — ou seja, como pensam visualmente. Portanto, ler imagens é um ato de decodificação cultural e estética, que pressupõe alfabetização visual e sensibilidade interpretativa. É uma habilidade fundamental na contemporaneidade, em que a comunicação visual assume papel central nos discursos midiáticos, artísticos e pedagógicos.

A arte de Dila trazida no cordel de Medeiros (1996, p. 3) refere-se à cultura nordestina. O leitor passa os olhos pela imagem e facilmente localiza o vaqueiro, entre o cansaço e a esperança, dialogando com o chão que recebe suas pisadas e forma a paisagem com o cacto e os passos do animal à frente.

Figura 29: Representação de um vaqueiro no cordel de Medeiros (1996)



Fonte: Acervo dos autores

No cordel de Dila (1978), destaca-se a representação artística do espaço nordestino como um elemento estruturante da narrativa visual e simbólica. Entre os diversos signos culturais mobilizados pelo artista, chama atenção o cacto, figura recorrente na iconografia nordestina, que aparece de forma exuberante diante de Lampião — personagem emblemático da história do cangaço. Na composição xilográfica, o cacto adquire proporções monumentais, aproximando-se visualmente do próprio protagonista, sugerindo uma equivalência simbólica entre o homem e o ambiente que o forjou.

Essa construção imagética não é meramente decorativa, mas atua como um elemento semiótico que reforça a identidade regional e a resistência cultural do sertão. O cacto, com sua estrutura espinhosa e resistência à seca, torna-se metáfora visual da resiliência do povo nordestino e, mais especificamente, de Lampião, que é representado como figura mítica e heroica. Assim, o espaço não é apenas cenário, mas participa ativamente da construção de sentidos, funcionando como extensão simbólica do sujeito retratado.

A xilogravura, nesse contexto, opera como linguagem visual dotada de densidade cultural, em que cada traço, proporção e contraste remete a códigos específicos da tradição popular. A representação do cacto em primeiro plano e com tamanho ampliado, por exemplo, subverte as escalas convencionais da paisagem, revelando uma intencionalidade estética que busca enfatizar valores identitários do sertão.

Dessa forma, Dila não apenas ilustra o cordel, mas reconfigura visualmente a narrativa, utilizando os recursos expressivos da xilogravura para reafirmar os vínculos entre sujeito, espaço e cultura. O resultado é uma prosa visual que exige leitura atenta, na qual os elementos gráficos condensam significados profundos sobre pertencimento, resistência e memória

Figura 30: Representação de Lampião no cordel de Dila (1978)



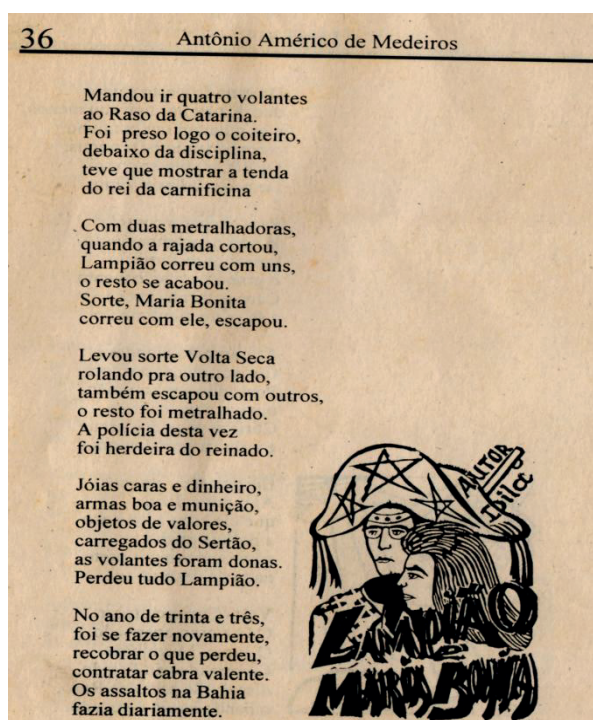
Fonte: Acervo dos autores

Na xilogravura, caracteriza-se a figura de Lampião de forma que o leitor, ao ler o texto e a imagem, de certo perceberá o semblante, a vestimenta e os acessórios que sugerem um passado historicamente representado.

Conforme Burke (2004), uma das funções das imagens é testemunhar, pois elas podem revelar detalhes de procedimentos “enigmáticos”, como a escrita e a impressão. Em todo caso, faz-se necessária a crítica das fontes, incluindo a comparação dos acontecimentos às suas representações imagéticas. Em um exemplo citado por Burke (2004, p. 104), ele explica: “[...] os historiadores urbanos frequentemente utilizam pinturas, impressos e fotografias para imaginar e possibilitar que seus leitores imaginem a antiga aparência das cidades - não apenas os prédios [...]”. O trabalho é minucioso, detalhista, e poderá compor e combinar várias imagens.

No caso das xilogravuras, estas ambientam o contexto das paisagens mencionado por Burke (2004). Assim, ao transitar no texto, o leitor deverá mobilizar a interpretação pelo olhar a fim de que se detenha nos diferentes traços e sentidos das imagens. No texto de Medeiros (1996), podemos ir além da narração do episódio da volante buscando o bando de Lampião e ver que, por meio do traçado da xilogravura, destaca-se a representação do famoso cangaceiro e sua companheira, talvez correndo ou mesmo cumprimentando a polícia volante. A “certeza” do significado só será possível se compararmos fontes históricas.

Figura 31: Caracterização de Lampião em xilogravura



Fonte: Acervo dos autores

A imagem acima deve ser observada com cuidado e sensibilidade criativa. Santaella (2012, p. 18) chama atenção para a observação das camadas das imagens. Todas as imagens têm suas camadas, ela explica: “subjetivas, sociais, estéticas, antropológicas e tecnológicas. Todas as camadas estão contidas no interior da própria imagem”.

Cada camada se insinua e provoca o leitor a continuar enxergando para além do visto. Os aspectos físicos da imagem não informam tudo, somente uma parte do todo. As camadas dão extensão às imagens. Ver por ver não é ler as imagens. Será preciso absorver o conteúdo visual e *ruminá-lo*, interpretando dizeres, elucubrando possibilidades e criando contingências. Observemos que não são apenas as páginas interiores do cordel que são chamativas. A sedução do olhar e o convite à leitura iniciam-se pela capa dos folhetos.

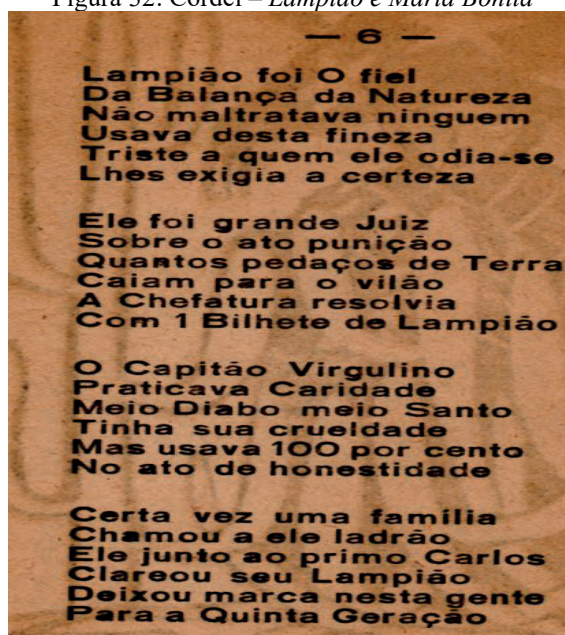
Estratégias sobre o uso da Literatura e da História para compreender o passado local são discutidas por Santos (2018, p. 13-14). Vejamos:

É possível perceber, a partir dos textos pesquisados, a proximidade do cordel com a realidade daqueles que o produziam, englobando assim não somente aspectos da vida cotidiana, mas também elementos sociopolíticos muito importantes dentro da sociedade nordestina do início do século XX [...] [Para] analisar o cenário do cordel enquanto gênero literário e cogitar o seu possível uso como ferramenta para o ensino de história é preciso aceitar que além da história oficial descrita nos livros didáticos, há também uma história construída a partir das experiências das massas populares através de sua atuação enquanto sujeitos históricos no ambiente em que estão inseridos.

Quero ratificar a importância da literatura de cordel para além de um “acervo de folhetos ou narrativas”, uma vez que a consideramos uma arte que conforma diversas linguagens, amplia interpretações e (re)leituras do passado-presente, além de ser fonte de pesquisa e ensino.

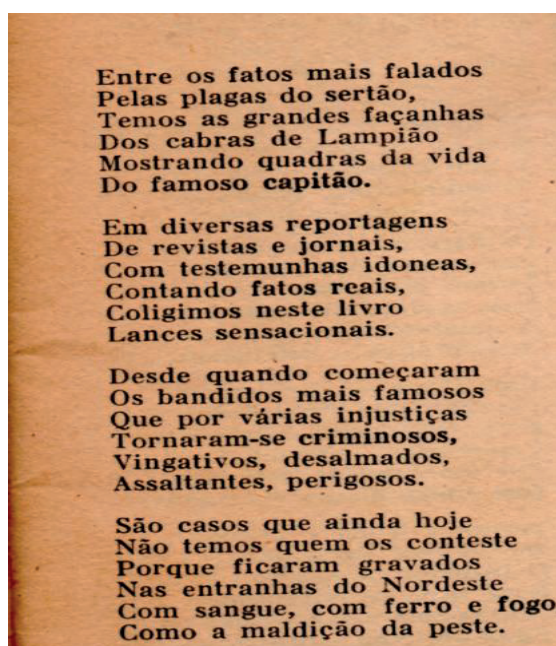
Destacamos ainda a importância da formação docente para a qualificação de professores capazes de compreender as imagens menos como mera ilustração, mais como documento, texto a ser lido. Nas xilogravuras do cordel, repousam detalhes, informações que podem ajudar a História na composição de narrativas.

Além da representação do cangaço, da resistência e da memória, há outros saberes que os cordelistas guardam: a entonação e a emoção do canto-declamação, por exemplo, insinua uma forma de dizer e apresentar a narrativa, a qual podemos chamar de *representação intencional* no plano do discurso. Melo (2022) argumenta que o discurso é marcado por intenções, pois este é um acontecimento, uma prática autoral, estruturada, regrada, passível de apropriações. Observemos este trecho do cordel *Lampião e Maria Bonita*, de Dila (1978, p. 6):

Figura 32: Cordel – *Lampião e Maria Bonita*

Fonte: Acervo dos autores

Alguns dos relatos mais comuns nos cordéis são os que tratam de Lampião no cangaço e das memórias populares em contos e recontos. Segundo alguns cordelistas, como Manoel D’Almeida Filho (1965, p. 3), as “proezas” de Lampião representam um dos acontecimentos mais frequentes nas histórias do sertão nordestino. Tais eventos e lembranças são fontes ricas de inspiração para os poemas e as xilogravuras. Os desenhos, as gravuras e os textos tecem juntos o sujeito ficcional, mas também histórico, Lampião.

Figura 33: Cordel – *Os cabras de Lampião*

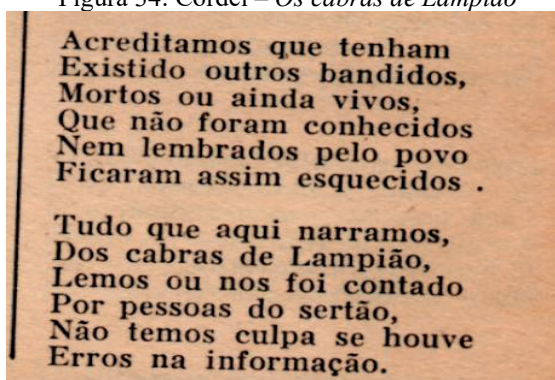
Fonte: Acervo dos autores

Se o personagem Lampião é, de fato, herói ou bandido não nos preocupa. Discutimos suas representações nos poemas e xilogravuras e como estas podem ser problematizadas no ensino de História. A proposta deste livro não se orienta pela distribuição de adjetivos ou pela reafirmação de estereótipos que idealizam ou demonizam determinados personagens históricos. Ao contrário, busca-se enfatizar a necessidade de compreendê-los como sujeitos históricos complexos, inseridos em contextos sociopolíticos e culturais específicos, cuja trajetória — assim como a de tantos outros — foi muitas vezes esquecida, apagada ou simplificada pelas narrativas oficiais.

Nesse sentido, o objetivo é deslocar o foco da visão maniqueísta, frequentemente presente no imaginário coletivo e nos discursos escolares, para uma abordagem crítica e contextualizada. Tal perspectiva valoriza a análise histórica como um campo de problematização, e não de julgamento moral, convidando professores, alunos e demais leitores a refletirem sobre os processos que construíram determinada imagem pública desses personagens, bem como os interesses e ideologias envolvidos nessas representações.

A valorização do estudo crítico desses sujeitos nos espaços didático-pedagógicos — como a sala de aula, os livros didáticos, exposições, projetos interdisciplinares ou recursos audiovisuais — é fundamental para promover uma educação que fomente a reflexão, o debate e a construção de sentidos múltiplos. Assim, resgata-se o papel formativo da História enquanto instrumento para a compreensão do passado e de seus desdobramentos no presente, contribuindo para uma leitura mais consciente e plural da realidade social.

Figura 34: Cordel – *Os cabras de Lampião*



Fonte: Almeida Filho (1965, p. 3)

Sublinhamos que, ao longo desta publicação, discutimos as potencialidades da literatura de cordel e das xilogravuras como recursos significativos para o ensino de História. Essas manifestações da cultura popular não apenas enriquecem o processo de ensino-aprendizagem, como também possibilitam a ampliação do repertório interpretativo dos

estudantes, ao oferecerem diferentes formas de compreender as narrativas históricas e de acessar representações plurais de personagens marcantes, como Lampião.

A análise do cordel e da xilogravura permite, ainda, o estreitamento entre ficção e realidade, evidenciando como as construções simbólicas e imagéticas contribuem para a formação da memória coletiva e para a produção de sentidos sobre o passado. Por meio dessas expressões artísticas, é possível explorar aspectos culturais, sociais e políticos que muitas vezes não estão presentes nos discursos historiográficos tradicionais, favorecendo uma abordagem mais crítica, sensível e contextualizada da História

3.4 Ler Literatura, ensinar História

A partir dos cordéis, é possível problematizar os sujeitos sócio-históricos? Os cordéis podem ser fonte de ensino? Mais particularmente: como Lampião é representado nas xilogravuras dos folhetos de cordéis?

O ensino de História, ao longo do tempo, tem sido objeto de intensos debates e transformações, atravessando diferentes concepções pedagógicas e epistemológicas. Tradicionalmente, esteve pautado por uma abordagem centrada no “estudo dos fatos”, marcada pela pretensa neutralidade e por uma ênfase excessiva no passado como algo fixo e distante da realidade presente. Essa perspectiva priorizava a memorização de datas, nomes e eventos, muitas vezes desvinculados de uma compreensão crítica e contextualizada.

Com o avanço das discussões educacionais e o fortalecimento da interdisciplinaridade, o ensino de História passou a dialogar com outras áreas das ciências humanas, como a Antropologia e a Sociologia, promovendo uma leitura mais ampla e integrada das sociedades ao longo do tempo. Essa mudança permitiu compreender os processos históricos como construções sociais dinâmicas, abrindo espaço para múltiplas interpretações e valorizando os contextos culturais, políticos e econômicos.

Atualmente, as tendências contemporâneas no ensino de História têm buscado superar visões eurocêntricas e excludentes, incorporando as experiências e contribuições de diferentes grupos sociais — mulheres, povos indígenas, afrodescendentes, trabalhadores, entre outros — e propondo uma história que contemple a diversidade das trajetórias humanas. Como destacam Schmidt e Cainelli (2009), trata-se de construir uma “história de todos os homens”, orientada por novas perspectivas historiográficas que reconhecem a pluralidade de sujeitos históricos e a necessidade de formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Ensinar-aprender História a partir das rupturas e continuidades pode trazer resultados positivos para a compreensão de momentos históricos diferentes, como favorecer algumas habilidades: “descrever, enunciar, comparar, estabelecer relações, diferenciar, lidar com realidades diversas, valorizar diferenças culturais etc.” (Zucchi, 2012, p. 82).

Uma das críticas centrais levantadas nesta obra refere-se às dificuldades relacionadas à leitura crítica no contexto escolar. A limitação na compreensão textual, seja em decorrência da escassez de leitura, seja pela leitura superficial e descontextualizada, compromete significativamente o desenvolvimento do pensamento reflexivo e da autonomia intelectual dos estudantes. Esse problema é agravado quando as práticas pedagógicas não favorecem o contato aprofundado com o texto, nem promovem a mediação adequada por parte dos educadores.

Nesse sentido, o direcionamento inadequado das atividades escolares — muitas vezes focadas em exercícios mecânicos ou em interpretações literais — contribui para a manutenção de um modelo de ensino pouco eficaz na formação de leitores críticos e proficientes. Como aponta Matos (2019, p. 5), “o pouco ou mau uso do texto literário em sala de aula não tem contribuído para a formação de leitores críticos e proficientes”, o que evidencia a urgência de repensar metodologias que valorizem o texto como objeto de reflexão, interpretação e diálogo com diferentes saberes.

Assim, formar leitores críticos exige mais do que o simples acesso ao texto literário: requer intencionalidade pedagógica, escolha criteriosa de obras, práticas de leitura significativas e espaços que favoreçam a escuta, a argumentação e o confronto de ideias. A leitura, nesse contexto, não é apenas um ato técnico, mas uma prática social e cultural que deve ser cultivada como forma de emancipação e construção de sentido no mundo.

O mau uso da leitura na disciplina de Língua Portuguesa também repercute no ensino de História, inclusive porque o discente é partícipe de todas as áreas de conhecimento. A literatura de cordel, nesse sentido, pode colaborar nos processos de ensino da leitura e formação de leitores. Lacerda e Menezes Neto (2010, p. 219) argumentam que o cordel:

[...] devido ao seu caráter de poesia rimada e de fácil entendimento, pode se apresentar como um ponto de partida para que muitas crianças, adolescentes e jovens tenham mais contato com a leitura e com a escrita, problemas sempre abordados por professores, tanto do ensino Fundamental como do Médio, quando se trata de apontar dificuldades para o ensino de História.

A criticidade é um elemento importante no ensino, pois conduz à problematização de saberes e ao aprofundamento destes pela comparação, pela pesquisa, pela análise das fontes

históricas. Um ensino crítico permite que se averigüe as perguntas e as respostas que surgem no processo de ensino-aprendizagem. No ensino de História, essa criticidade pode ser “feita e refeita diariamente por professores, alunos e pesquisadores” (Zucchi, 2012, p. 55).

Portanto, podemos inquirir que é possível utilizar o cordel no ensino de História para apresentar temas históricos em diálogo com os textos literários (Ferreira Júnior, 2020). Diversas são as possibilidades de ensinar História a partir de textos não historiográficos, como os poemas de cordel. Ferreira (2017) defende o uso do cordel nas aulas de História como metodologia de ensino que dialoga com as experiências culturais, os múltiplos conceitos históricos e os sentidos das identidades, alteridades e diferenças no tempo.

Matos (2019, p. 5-6) lembra que os docentes devem rever o trabalho com leitura em sala de aula, ampliar as ações pedagógicas de interpretação textual e favorecer a autonomia e a criticidade nas práticas de leitura, a fim de ampliar a interpretação do texto. Assim:

O trabalho com o texto literário na sala de aula é indispensável na formação do nosso aluno, porque ele enseja um contexto de aprendizagem que abrange o conhecimento estético, cultural, social e artístico, despertando o senso crítico. Dessa forma, é de fundamental importância que ações pedagógicas voltadas para a formação do leitor sejam desenvolvidas.

Discorrer sobre ensino e conhecimento histórico implica entender que estes não fluem de forma individual, mas em relação com os sujeitos. História e ensino não são domínios estáveis e tampouco sem ação. Antes, são artes que provocam, conforme Tamanini (2021, p. 9):

[...] alunos e professores continuem a fazer do ensino uma arte, cheia de encantos e desafios, que faça pensar, provocar instabilidades, levantar questionamentos. Acredito que o ensino seja a arte da provocação e sempre inclinada a revolver o estabelecido, o pronto, o costumeiro e que, a partir do remexido, possa semear o novo! Acredito que conhecimento resulte na desmontagem das mesmices de linhas de raciocínios já purulentas. O ensino é a arte da cura, enxugamento das feridas capaz de refazer e reconstruir a essência humana de alunos novos para um mundo em constante ebulição. Acredito que os atuais professores possam também olhar ávida e respeitosamente para o passado e beber dos exemplos já vividos e experimentados de seus antecessores.

Como explicado por Tamanini (2021), o ensino é uma prática dinâmica, uma arte que se manifesta no cotidiano. Isso significa que aprender e ensinar não são ações isoladas e mecânicas, mas processos vivos, cheios de trocas, contextos e experiências. Por exemplo, imagine uma sala de aula onde o professor não é apenas um transmissor de conteúdos, mas alguém que escuta, observa e dialoga com os alunos. Nesse espaço, o conhecimento é

construído a partir das perguntas dos estudantes, das experiências que eles trazem e das reflexões que surgem na interação. O professor aprende junto, adapta sua abordagem conforme percebe as necessidades da turma, e cria um ambiente rico para a aprendizagem. Esse conceito quebra a ideia tradicional do ensino como algo unilateral, onde o professor “dá aula” e o aluno “recebe informação”. Em vez disso, o ensino-aprendizagem é um processo coletivo, onde todos se transformam.

De fato, o ensino está enredado à prática pedagógica, mas também à pesquisa, ao fazer artístico e outros campos da atividade humana, como propõe Melo (2022, p. 23):

Não há conhecimento apartado de pedagogias e didáticas, sem modos de ensinar e aprender como perguntar ao mundo e como ouvir o que ele nos pergunta, como empreender sobre o real uma leitura crítica e inspirada, sabedora da sua incapacidade de explicar tudo, mas animada pelo desejo de melhor compreender os textos da vida, de vazar realidades. Às vezes, esquecemos (ou ignoramos) que não existe pesquisa sem ensino e que os saberes científicos, filosóficos e artísticos configuram formas de educar e viver exatamente porque podem ser ensinados e aprendidos, incorporados às tramas sociais e aos repertórios culturais dos indivíduos, diluídos em seus sonhos, quereres, cotidianos, impasses, reveses e temores.

Os modos de ensinar e as metodologias adotadas no processo educativo desempenham papel fundamental na formação do pensamento histórico dos estudantes. A forma como os conteúdos são apresentados e problematizados influencia diretamente a capacidade dos alunos de interpretar, analisar e construir narrativas sobre o passado, desenvolvendo assim um entendimento crítico da História. Nesse sentido, esta obra propõe-se a investigar a figura de Lampião no ensino de História, utilizando como fonte principal os poemas e as imagens, sobretudo as xilogravuras, provenientes da literatura de cordel. Tal abordagem possibilita uma aproximação com manifestações culturais populares, valorizando expressões artísticas e narrativas que constituem parte do imaginário social e histórico regional.

Importa ressaltar que o cordel, embora seja um gênero literário, pode e deve ser analisado também enquanto documento histórico. Conforme Zucchi (2012), esse tipo de texto deve ser compreendido como uma fonte histórica legítima, passível de comparação com outros tipos de documentos tradicionais — como arquivos, jornais, cartas e relatos orais — que são comumente utilizados para a reconstrução do passado. Essa ampliação do conceito de fonte histórica permite que os estudantes reconheçam a pluralidade das vozes e representações existentes acerca dos acontecimentos históricos, estimulando uma reflexão crítica sobre as múltiplas formas de narrar e compreender a História.

Dessa maneira, a utilização da literatura de cordel no ensino de História configura uma estratégia metodológica que transcende a mera transmissão de conteúdos, proporcionando um espaço para a construção ativa do conhecimento e para a valorização das dimensões culturais e sociais presentes no estudo do passado. Assim, a abordagem aqui proposta contribui para a formação de um pensamento histórico mais plural, crítico e contextualizado.

No caso da literatura de cordel, é possível realizar uma leitura crítica que permita ao leitor identificar como os registros escritos refletiam as particularidades e perspectivas das diferentes épocas em que foram produzidos. Essa abordagem possibilita a compreensão de que os textos literários não se configuram como narrativas neutras ou objetivas do passado, mas sim como expressões culturais permeadas por contextos sociais, éticos e estéticos específicos. É fundamental destacar que a literatura, em sua essência, não busca retratar a História de maneira científica ou documental, mas sim explorar e expressar as experiências humanas e as interpretações subjetivas do tempo vivido.

Dessa forma, cabe aos historiadores e professores de História problematizar a análise histórica, inclusive quando utilizam textos literários como a literatura de cordel. Essa problematização implica reconhecer as diferentes funções e naturezas dos documentos, entendendo que o valor histórico desses textos está em sua capacidade de revelar mentalidades, discursos, valores e conflitos presentes nas sociedades que os produziram, mais do que em uma reconstrução factual e precisa do passado. Conforme argumenta Zucchi (2012), essa postura crítica permite que os estudantes desenvolvam um olhar reflexivo sobre as fontes, compreendendo que o estudo da História envolve a leitura múltipla e contextualizada dos documentos, sejam eles literários ou de natureza mais tradicional.

Assim, a utilização do cordel no ensino de História configura-se como uma ferramenta pedagógica que amplia o repertório de fontes históricas, estimula a criticidade e promove a compreensão da História como um campo plural e complexo, no qual diferentes narrativas coexistem e dialogam.

Por fim, argumento que o uso do texto literário, junto às xilogravuras, amplia a compreensão histórica e crítica do aluno. Estes, trabalhados em conjunto, podem favorecer o estudo de personagens emblemáticos do passado, como Lampião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrer os versos da literatura de cordel equivale a adentrar narrativas do sertão, onde histórias são cantadas por meio de rimas elaboradas por autores que, frequentemente, realizam pesquisa prévia sobre os temas abordados. Mesmo quando se trata de anedotas, relatos de assombração ou narrativas fantásticas, o cordelista demonstra um compromisso com a investigação e a construção de seu texto, não se limitando a reproduzir meras ficções. É importante compreender que, para produzir seus poemas, o autor de cordel frequentemente manuseia documentos históricos, consulta fontes diversas e colhe relatos orais, a fim de fundamentar suas obras com elementos que conferem maior autenticidade e coerência.

Dessa forma, o trabalho do cordelista transcende a simples criação literária, aproximando-se do método historiográfico em sua dimensão investigativa. Essa prática reforça a relevância do cordel enquanto fonte histórica, pois reflete o contato direto do poeta com múltiplas manifestações documentais e orais do passado, e sua capacidade de traduzir essas informações em um discurso acessível e popular. Essa relação entre literatura e história evidencia a importância de incluir a literatura de cordel no campo do ensino histórico, não apenas como objeto cultural, mas também como um recurso que aproxima os estudantes de uma história viva, construída por vozes diversas e legitimada por práticas investigativas.

Ao reunir e confrontar diferentes fontes, o cordelista constrói seus versos com cuidado artístico, organizando-os de modo a capturar a atenção do leitor e provocar seu encantamento diante da narrativa apresentada. Esse processo criativo envolve a articulação harmoniosa entre rima, prosa e enredo, elementos literários que conferem ritmo e musicalidade ao texto, tornando-o atraente e acessível ao público. A escrita literária, nesse sentido, não se limita à transmissão de informações, mas valoriza o efeito estético e a experiência sensorial do leitor, utilizando-se do encantamento como estratégia para engajar e sensibilizar.

No contexto do ensino de História, esse aspecto reforça a importância de considerar a literatura de cordel não apenas como um documento histórico, mas também como uma expressão cultural que mobiliza emoções e imaginação, favorecendo uma aproximação mais vivida e significativa com o passado. Assim, o cordel promove uma forma de aprendizagem que integra o conhecimento histórico com a sensibilidade artística, potencializando o desenvolvimento do pensamento crítico e da empatia histórica nos estudantes.

Cabe lembrar que a principal preocupação do cordelista não reside em narrar os acontecimentos históricos com absoluta fidelidade ou precisão factual, tarefa que, inclusive,

apresenta complexidades até mesmo para os historiadores profissionais. Os autores da literatura de cordel concentram-se prioritariamente na construção de versos com rimas bem elaboradas e na musicalidade do poema, aspectos fundamentais para a estética e o impacto do texto. Além disso, uma atenção especial é dedicada às ilustrações que acompanham as obras — sejam elas xilogravuras, impressões ou zincogravuras — elementos que enriquecem a narrativa visualmente e conferem identidade estética singular à obra.

Essas particularidades, que envolvem tanto a forma quanto o conteúdo, constituem as questões centrais para o cordelista e refletem a natureza híbrida da literatura de cordel, que transita entre o artístico e o documental. Tal contexto reforça a importância de que educadores e historiadores adotem uma postura crítica e reflexiva ao utilizar o cordel como fonte ou recurso didático, compreendendo suas especificidades e limitações, bem como seu potencial para ampliar a compreensão histórica por meio de uma abordagem plural e interdisciplinar.

Surge, então, a questão central: como a literatura de cordel, um objeto cultural rico em detalhes e aspectos formais, pode ser efetivamente analisada no contexto das aulas de História — uma disciplina que tradicionalmente se apoia em “provas” ou evidências dos acontecimentos, recorre a múltiplas fontes, confronta versões distintas sobre o passado e busca relacioná-las criticamente com o presente? Como uma escrita frequentemente ficcional, por vezes marcada por elementos fantasiosos, pode contribuir para a compreensão histórica dos fenômenos e processos sociais?

Estas perguntas orientaram a reflexão e a análise desenvolvidas neste trabalho. Uma resposta possível reside no reconhecimento do cordel como um recurso metodológico legítimo no ensino de História. Suas narrativas, embora permeadas de artisticidade e subjetividade, carregam representações sociais, valores culturais e características das sociedades em que foram produzidas. Por meio dessa perspectiva, o cordel torna-se uma fonte histórica que pode ser utilizada para promover a reflexão crítica dos estudantes sobre as múltiplas maneiras de se construir o conhecimento histórico, revelando tanto as construções discursivas quanto os contextos socioculturais subjacentes.

Dessa forma, o cordel não apenas enriquece o repertório de fontes disponíveis ao ensino da História, mas também estimula o desenvolvimento do pensamento histórico, ao fomentar o diálogo entre diferentes tipos de documentos, a problematização das narrativas e a compreensão da História como um campo plural e dinâmico.

Outro aspecto relevante a ser destacado é a aplicabilidade e a receptividade das especificidades dos saberes da Literatura no ensino de História e na compreensão dos eventos históricos. A incorporação de textos literários nas aulas de História pode, de fato, ampliar o

entendimento dos discentes, oferecendo-lhes diferentes perspectivas e linguagens para apreender o passado. No caso específico da literatura de cordel, a leitura rimada exerce um convite adicional, despertando a atenção do leitor para o discurso do autor e suas escolhas linguísticas e narrativas.

O texto poético, dessa forma, pode funcionar como uma ferramenta pedagógica de grande relevância para a compreensão de diversos conteúdos históricos, como o fenômeno do cangaço. Os cordéis, enquanto manifestações culturais, frequentemente incorporam elementos e narrativas que podem ter sido negligenciados ou pouco explorados nos livros didáticos tradicionais. Assim, sua utilização possibilita uma aproximação mais ampla e rica do objeto histórico, ampliando o repertório dos estudantes e incentivando uma abordagem crítica e contextualizada dos conteúdos.

É sabido que a Literatura utiliza-se da imaginação e da invenção na construção de suas narrativas, promovendo um entrelaçamento entre elementos reais e ficcionais. Essa característica está presente, por exemplo, no cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013), do poeta Antônio Francisco. Nesta obra, o autor cria uma simulação ficcional em que Lampião, uma figura histórica emblemática, é transportado aos dias atuais para protagonizar uma conversa direta com os leitores, uma espécie de prosa contemporânea que dialoga com o passado. Tal recurso demonstra como o cordelista habilmente mescla a cultura popular e o imaginário coletivo com a história concreta de Lampião, produzindo uma narrativa que transcende a mera reprodução factual e incorpora elementos simbólicos e culturais.

Essa prática de construção narrativa não é exclusividade do cordel nem da Literatura, pois muitos textos literários lidos em sala de aula apresentam personagens que constroem suas histórias por meio da imaginação, da conotação e da subjetividade. No entanto, essa inventividade não deve ser entendida apenas como um fenômeno literário; ela também se configura como um recurso histórico legítimo, presente em diversas fontes históricas. Muitas vezes, documentos históricos incorporam interpretações, versões e reconstruções que vão além dos fatos objetivos, refletindo os valores, crenças e perspectivas de seus autores e das sociedades em que foram produzidos.

Assim, a inventividade na narrativa, seja literária ou histórica, permite um olhar mais amplo sobre o passado, enriquecendo a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que moldaram os eventos históricos. Reconhecer essa dimensão ampliada do discurso histórico favorece uma abordagem interdisciplinar e crítica no ensino da História, que valoriza tanto a veracidade factual quanto a dimensão simbólica e interpretativa dos relatos.

Nesta obra, enfatiza-se a importância da literatura de cordel, a qual transcende a simples noção de um “acervo de folhetos ou narrativas” isoladas. Ressalta-se que a literatura, enquanto manifestação artística, articula diversas linguagens e discursos, possibilitando múltiplas interpretações e (re)leituras do passado e do presente. Nesse sentido, o cordel não apenas funciona como fonte de pesquisa histórica, mas também se configura como um recurso pedagógico valioso para o ensino, ampliando as possibilidades didáticas no campo da História.

Ademais, destaca-se a necessidade premente de investir na formação docente, focando na qualificação dos professores para que possam propor e desenvolver atividades que integrem o uso das imagens — em especial as xilogravuras que acompanham os cordéis — como documentos históricos e artísticos. Essa prática contribui para uma abordagem interdisciplinar, que enriquece o processo de aprendizagem ao promover o contato dos estudantes com múltiplas fontes e formas de expressão cultural.

Ao analisar os cordéis que trazem Lampião como personagem histórico, observou-se que esses textos apresentam singularidades e particularidades que vão além da dicotomia simplista de “herói” ou “bandido”. Os cordéis inscrevem Lampião como um sujeito histórico complexo, dotado de múltiplas dimensões, contextualizado nas disputas sociais, culturais e políticas de seu tempo. Essa representação plural contribui para a formação de um pensamento histórico crítico, que reconhece a historicidade dos sujeitos e a multiplicidade das narrativas que compõem a construção do passado.

Os discursos presentes na literatura de cordel possuem um grande potencial para conduzir à compreensão do passado, especialmente quando inseridos no contexto escolar. Ao abordar figuras históricas como Lampião e os cangaceiros, é comum que os estudantes formulem questionamentos acerca da bravura, das motivações e das ações desses personagens, demonstrando interesse em compreender suas múltiplas facetas. Tais perguntas refletem o desejo dos alunos de estabelecer conexões significativas entre as narrativas históricas e os valores, conflitos e dilemas humanos subjacentes.

Para responder a essas indagações, é necessário que o educador promova uma análise crítica das narrativas do cordel, contextualizando-as historicamente e destacando que elas dialogam frequentemente com imagens ambíguas do “banditismo” e do “heroísmo”. Essas representações dualísticas, ainda que por vezes estereotipadas, revelam as tensões e contradições presentes na construção social desses personagens, permitindo aos estudantes compreenderem a complexidade das relações de poder, justiça e resistência que permeiam a história do cangaço.

Assim, as narrativas dos cordelistas funcionam como ferramentas poderosas no espaço escolar para problematizar as interpretações simplistas e estimular a reflexão crítica sobre o passado. O cordel, ao mesclar elementos culturais, literários e históricos, amplia o repertório dos alunos, tornando o ensino de História mais dinâmico e acessível. Dessa maneira, sua utilização pedagógica contribui para a formação de um pensamento histórico plural e sensível às múltiplas vozes e representações que compõem a memória social.

A partir de uma análise crítica dos poemas de cordel, é possível desconstruir interpretações míticas e ressignificar esses textos como documentos históricos legítimos, permitindo que sejam utilizados como fontes para a leitura e compreensão de fatos históricos. Essa abordagem evita a redução dos cordéis ao mero encanto artístico ou ao viés estético, valorizando-os também por seu potencial investigativo e documental. A prática da criticidade nos discursos e métodos aplicados em sala de aula deve ser conduzida pelo professor, que poderá explorar tanto as narrativas escritas quanto as xilogravuras que acompanham os folhetos.

Palavras e imagens, portanto, constituem fontes de conhecimento complementares e essenciais. As ilustrações e os textos dos cordéis podem servir como importantes instrumentos para a formação do pensamento histórico dos estudantes, auxiliando-os a compreender não apenas os conteúdos explícitos, mas também as entrelinhas e as estruturas subjacentes do discurso historiográfico. Essa potencialidade, contudo, está condicionada à forma como esses materiais são analisados, bem como à mediação crítica realizada pelo docente, que deve orientar o olhar dos alunos para além das aparências e incentivá-los a problematizar as narrativas apresentadas.

Ao abordar a literatura de cordel, é fundamental considerar não apenas a intencionalidade do poeta e a interpretação dos leitores, mas também as condicionantes históricas, econômicas, sociais, políticas e religiosas que permeiam a produção, edição e recepção desses textos. Os cordéis são produtos culturais inseridos em contextos específicos, nos quais os sujeitos envolvidos — autores, impressores, leitores — estão imersos em suas realidades históricas e sociais. Dessa forma, não é possível dissociar os discursos literários dos sujeitos que os criam e utilizam, uma vez que tais discursos constituem representações que refletem, interpretam e reconstroem as experiências vividas.

Essa perspectiva implica reconhecer que o discurso do cordel é, em si, parte integrante da história, pois expressa as visões de mundo, os valores e os conflitos próprios de uma determinada época e grupo social. Assim, o estudo crítico do cordel deve abranger a análise de seus contextos de produção e circulação, possibilitando uma compreensão mais ampla e

complexa dos processos históricos e culturais envolvidos. Essa abordagem contribui para que o ensino da História possa incorporar a pluralidade de vozes e práticas sociais, valorizando a dimensão histórica dos discursos literários como elementos vivos e dinâmicos da construção do passado.

As reflexões apresentadas ao longo deste trabalho buscaram apontar direções importantes para o ensino dos saberes historiográficos, enfatizando que a História, para além do imaginário imediato e das narrativas simplificadas, é uma ciência rigorosa e produto de investigação científica. Reconhecer e discutir o ensino de História implica, portanto, afirmar seu caráter epistemológico, sua condição enquanto disciplina científica dotada de métodos e pressupostos próprios para a compreensão do passado.

Nesse sentido, o cordel — manifestação artística popular — dialoga com a História de maneira singular, atuando não apenas como forma de comunicação, mas como expressão cultural que dá palco à vida em movimento, às experiências e às memórias vivas das comunidades. Como nos lembra Moreira de Acopiara em *Cordel em arte e versos: xilogravuras de Erivaldo Ferreira da Silva* (2008), é profundamente significativo ler versos em torno de uma fogueira, um gesto que transcende o texto escrito e incorpora a oralidade, a tradição e a vivência coletiva.

Lucena (2016) reforça essa ideia ao destacar que a arte do cordel não se restringe aos “gabinetes da historiografia”, ou seja, não se limita aos espaços acadêmicos e formais da produção histórica. Pelo contrário, ela circula entre o povo, inscrevendo a história nas práticas culturais e nas narrativas que construímos cotidianamente. Assim, integrar o cordel no ensino de História é reconhecer a diversidade das formas de saber e a pluralidade das vozes que compõem a história social, ampliando o campo epistemológico da disciplina e aproximando o passado das experiências presentes dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita”: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.
- ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e versos**: xilogravuras de Erivaldo Ferreira da Silva. 1. ed. São Paulo: Duna Duetto; Acatu, 2008.
- AMARAL, Raíssa Cardoso. Literatura e história: possíveis aproximações. **História em revista**, Pelotas, v. 23, p. 146-162, dez. 2017.
- ARAÚJO, Juliana Bacelar de; TROVÃO, Cassiano José Bezerra Marques. Desigualdade nas mesorregiões nordestinas: uma análise multidimensional dos anos 2000. **Revista Política e Planejamento Regional**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 71-90, jan./jun., 2015.
- ASSARÉ, Patativa do. ABC do Nordeste Flagelado. **Site Vermelho**, 2008. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2008/11/09/patativa-do-assare-abc-do-nordeste-flagelado-2/>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BARBOSA, Márcia Helena Saldanha; GAGLIETTI, Mauro. A reinvenção do passado: relações entre literatura e história no ensino. **VIDYA**, Santa Maria, v. 21, n. 37, p. 55-66, jan./jun. 2002.
- BRAGA, Luzimar Medeiros. **Lampião, Rei do Cangaço**. Mossoró: Queima-Bucha, 2017. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Literatura de cordel**: Dossiê de Registro. Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional – IPHAN. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP. Brasília, 2018.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. Bauru: Editora UNESP, 2004.
- CABRAL, João Firmino. **Lampião**: herói ou bandido? Fortaleza: Tuynaquim, 2009.
- CADÓ, Emílio José. **A literatura de cordel no ensino de história local**: memórias do cangaço no Rio Grande do Norte. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

CANGAÇO. **Canoa de Tolda**, 2019. Disponível em: <https://canoadetolda.org.br/o-baixo-sao-francisco/cangaco/>. Acesso em: 3 fev. 2024.

CARDOSO, Fernando Henrique et al. **O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, tomo III, v. 1, 2004.

CATUNDA, Maria de Lourdes Aragão. Quem nasceu pra Lampião jamais será lamparina. **Cantinho da Dalinha do Cordel**, 25 nov. 2014. Disponível em: <https://cantinhodadalinha.blogspot.com/2014/11/quem-nasceu-para-lampiao-jamais-sera.html>. Acesso em: 1 fev. 2024.

CAVALCANTE, Adriana Martins. **Romance (re)contado em prosa e verso: diálogos entre o “clássico” e a literatura de cordel na sala de aula**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA, Ana Paula Rodrigues. Geografia do cangaço: concepções conceituais para pensar o banditismo sertanejo. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 41, p. 1-12. 2021.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2009.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, a. 10, n. 38, p. 123-140, jul./dez. 2013.

D’ALMEIDA FILHO, Manoel. **Os cabras de Lampião**. Aracaju: Luzeiro, 1965.

DILA, Ferreira. **Lampião e Maria Bonita**. 1. ed., 1978.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Coleção Passo-a-Passo).

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006.

FAZENDA, Ivani (org.). **O que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA JÚNIOR, José. Ensino de História na Educação Básica: o uso da literatura de Cordel como Ferramenta Didática. **Revista Eletrônica Discente História.com**, Cachoeira, v. 7, n. 13, p. 108-123, 2020.

FERREIRA JÚNIOR, José. **Lampião, um desconhecido em seu lugar de origem: a invisibilidade histórica lampiônica no ensino de história em escolas públicas de ensino fundamental, em Serra Talhada – PE**. 2021. 141 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Regional do Cariri, Crato.

FERREIRA, Antônio Celso. A narrativa histórica na prosa do mundo. **Itinerários**, Araraquara, v. 15/16, p. 133-140, 2000.

FERREIRA, Grace Kelly. Folhetos de acontecido e sua potencialidade no ensino de História e na Infância. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA; SEMANA DE HISTÓRIA, 8., 22., 2017, Maringá. **Anais...** Maringá: CIH, 2017. p. 3197-3205.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)**. 2000. 537 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GRUNSPAN-JASMIN, Elise. **Lampião, senhor do sertão: vidas e mortes de um cangaceiro**. Trad.: Maria Celeste Franco Faria Marcondes e Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2006.

GUIMARÃES, Rafael Eisinger. Visões sobre Vargas: aproximações e distanciamentos entre história, romance e literatura de cordel. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: ANPUH, 2007. p. 1-9.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Ler+mais).

HOLANDA, Arlene; RINARÉ, Rouxinol do. **Cordel: criar, rimar e letrar**. 1. ed. Fortaleza: IMEPH, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa Brasil Semiárido**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

INÁCIO, Severino. **Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró**. Mossoró: Queima-Bucha, [20--]. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Trad.: Johannes Kretschmer. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

J. VICCTOR. **Rovelle Editora**. Disponível em: <https://www.rovelle.com.br/autores/114/j-victor>. Acesso em: 20 fev. 2024.

LACERDA, Franciane Gama; NETO, Geraldo Magella de Menezes. Ensino e Pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. **Outros Tempos**, São Luís, v. 7, n. 10, p. 217-236. 2010.

LUCENA, Bruna Paiva de. **“É fácil ver a chuva quando você não se molha”**: os gabinetes da historiografia literária e do cordel e as poéticas a céu aberto. 2016. 180 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília.

MALDI, Denise. A questão da territorialidade na etnologia brasileira. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 1998.

MARTINS, Ana Cláudia Sampaio; ALMEIDA, Ana Luiza Nunes. O discurso histórico-literário construído por Tabajara Ruas, em Netto perde sua alma. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 111-120, jan./jun. 2016.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 7.; ENCUENTRO DE GEOHISTORIA REGIONAL, 35.; SEMANA DE HISTÓRIA, 20., 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: CIH, 2015. p. 3889-3901.

MATOS, Carmem Alessandra Cabral Mota. **O personagem Lampião na literatura de cordel: um caminho para o letramento literário**. 2019. 89 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana.

MEDEIROS, Antônio Américo de. **Lampião e sua história contada em cordel**. Capa: Edilson Cavalcanti. Ilustração: Dila. Patos: Coqueiro, 1996.

MEDEIROS, Antônio Américo de. **O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró**. Mossoró: Queima-Bucha, 2013. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

MEDEIROS, Marcos. **A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro**. Mossoró: Queima-Bucha, 2010. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, Espaço de Identidade. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 217- 227.

MELO, André Magri Ribeiro de. **Uma tradição reinventada: o cordel na contemporaneidade**. 2022. 319 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MELO, Antônio Francisco Teixeira de. **O ataque de Mossoró ao bando de Lampião**. Mossoró: Queima-Bucha, 2006.

MELO, Antônio Francisco Teixeira de. **Escrever é sonhar**. Mossoró: Edição do autor, v. 17, 2015.

MEMÓRIAS DA POESIA POPULAR. **Informação sobre vida e obras dos cordelistas brasileiros**. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: ANPUH, 2005. p. 1-8.

NASCIMENTO, Mariane de Jesus. O uso da linguagem literária no ensino de História: cordel. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais...** Natal: ANPUH, 2013. p. 1-7.

NEVES, Francisco Paiva. **Literatura de cordel: Origens e Perspectivas Educacionais**. 2018. 98 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

NOGUEIRA, André. O Rei antes de Lampião: Antônio Silvino, o mais famoso de uma família de cangaceiros. **Aventuras da História** (UOL), 9 jun. 2020. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-rei-antes-de-lampiao-antonio-silvino-mais-famoso-de-uma-familia-de-cangaceiros.phtml>. Acesso em: 11 jan. 2024.

OLIVEIRA, Daniela Santana; FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A paisagem nordestina na poesia de Patativa do Assaré: possibilidades para o ensino de geografia. **Interface**, Porto Nacional, v. 15, n. 15, p. 81-98, jun. 2018.

PEREIRA, Albert Fagner de Aguiar. **A literatura de cordel no ensino de história: usos e possibilidades**. 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Pernambuco, Petrolina.

PEREIRA, Vanessa Mosca; LOIOLA, Maria Iracema Bezerra. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 22, n. 4, p. 225-234, out./dez. 2009.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy. A contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora Unicamp, 1998. p. 17-40.

PONTES, Edna Matosinho de. **João Firmino Cabral**. Galeria Pontes, 2020. Disponível em: <https://www.galeriapontes.com.br/project/joao-firmino-cabral/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUARESMA, Valentim; DINIZ, Francisco. Biografia Medeiros Braga - Membro da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel). **Projeto Cordel**, 2017. Disponível em: <https://www.projetcordel.com.br/2021/sobrenos.php>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RAMALHO, Maria Francisca de Jesus Lírio. A fragilidade ambiental do Nordeste brasileiro: o clima semiárido e as imprevisões das grandes estiagens. **Sociedade e Território**, Natal, v. 25, n. 2, p. 104-115, jul./dez. 2013.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. Cangaço: um mito no “País dos Nordestinos”. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 12, n. 22, p. 145-163, jan./jun. 2018.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. Lampião: nem bandido, nem herói, ele é história? – contradições do cangaço como patrimônio cultural nordestino. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 3., 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2017. p. 1-16.

RICARDO, Vânia Karla Dantas; MELO, Luilson Lucas de; SILVA, Marcos Vieira da. O Ensino de História no Conto Literário: valorizando saberes e fazeres para uma aprendizagem significativa. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Fortaleza. **Anais...** Campina Grande: Editora Realize, 2019. p. 1-9.

RICARDO, Vânia Karla Dantas; TAMANINI, Paulo Augusto. Interdisciplinary methodologies between cordel literature and history teaching. In: VALENTE, Nathan Albano (org.). **Principles and Concepts for development in nowadays Society**. California: Seven publicações, 2022. p. 1765-1772.

RICARDO, Vânia Karla Dantas; TAMANINI, Paulo Augusto. Literatura de Cordel no Ensino de História: uma costura possível. In: TAMANINI, Paulo Augusto (org.). **O ensino, o ontem e o hoje**: alinhando os fios da memória no atual fazer docente. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 29-44.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. O “entre-lugar” dos folhetos de cordel no século XXI. **Boitató**, Londrina, v. 9, n. 18, p. 158-176, jul./dez. 2014.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; SILVA, Rodrigo Nunes da. A representação do homem do Nordeste no cordel. **Discursividades**, Campina Grande, v. 2, n. 1, p. 49-74, mar. 2018.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

SAMPAIO, Jaqueline Santos. **Encontros possíveis entre ensino de história, imagens e arte**: uma análise do livro didático História em Movimento (2014). 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como eu ensino).

SANTOS, Ary Leonan Lima. **Utilização do cordel como ferramenta para o ensino de história**: conceitos, repertórios e experiências. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS, Cleyton Ferreira; SANTOS, Maria Aparecida Lima dos. Literatura de cordel e ensino de história: potencialidades para a aprendizagem e a materialidade do escrito. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM ENSINO DE HISTÓRIA (ABEH), 9., 2020, Ponta Grossa. **Anais do XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História**, Ponta Grossa: ABEH, 2020. p. 1-14.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e literatura: uma relação possível. **R.cient./FAP**, Curitiba, v. 2, p. 117-126, jan./dez. 2007.

SARAMAGO, José. História e ficção. **Jornal de Letras, Artes e Idéias**, Lisboa, ano X, n. 400, p. 19, jun. 1990.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SENA, Adriano Gonçalves. **A História do Cangaco através da Literatura de Cordel no Século XX**. 2021. 30 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia.

SILVA, Anne Patrícia Pimentel Nascimento da et al. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1-12, set./dez. 2020.

SILVA, Fábio Ricardo. Linguagens alternativas e ensino de história: o uso dos folhetos de cordel na sala de aula. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 27., 2013, Natal. **Anais...** Natal: ANPUH, 2013. p. 1-13.

SILVA, Joseilton José de Araújo. **A utilização da literatura de cordel como instrumento didático metodológico no ensino de geografia**. 2012. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Literatura de Cordel**: um fazer popular a caminho da sala de aula. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SINOPADO – MÚSICA E HISTÓRIA. #5- Quintana – “Poeminho do contra”-“Pedra rolada”-“Elegia Ecológica”. YouTube, 6 fev. 2018. 1min42s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aGe1iuvxuE8>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SOUZA, Anildomá, Willans. **Lampião**: Nem Herói, nem bandido... A História. 4. ed. Serra Talhada: GDM Gráfica, 2009.

SOUZA, Célia Camelo de. **Academia dos cordelistas do Crato**: história, memória e educação (1991-2016). 2018. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SOUZA, Cristyanne Melo. **Xilogravuras do mestre Dila**: uma contribuição do Design para a disseminação da sua obra Caruaru. 2011. 71 f. Monografia (Graduação em Design) – Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru.

SOUZA, Florentina. Literatura e História: saberes em diálogo. **Cadernos Afro-Paraibanos**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 15-28, dez. 2015.

SOUZA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, Itatiba, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

SOUZA, Natalia Maria Ribeiro de. **A Literatura de Cordel e a Xilogravura como Ferramentas de Aprendizagem no Ensino da Arte-Educação**. 2019. 56 f. Monografia (Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília.

SUZUKI, Teiiti. Origem e desenvolvimento da xilogravura UKIYO-E. **Estudos Japoneses**, São Paulo, p. 93-98. 1988.

TAMANINI, Paulo Augusto (org.). **O ensino, o ontem e o hoje**: alinhavando os fios da memória no atual fazer docente. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

TERRA, Rute Brito Lêmos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global, 1983.

TRAGINO, Arnon. História da literatura e história do livro e da leitura – algumas aproximações. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 8, n. 2, p. 349-363, ago./dez. 2016.

TROMBETA, Luciana de Moraes. **Ensino de história e direito à inclusão**: uma proposta analítica a partir da literatura de cordel. 2021. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

VICTTOR, Jorge. **O Cangaco, Sua Origem e os Bravos Cangaceiros**. Rio de Janeiro; Mossoró: Academia Brasileira de Literatura de Cordel; Queima-Bucha, 2009. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

XAVIER, Erica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. **Antíteses**, Londrina, v. 3, n. 6, p. 1097-1112, jul./dez. 2010.

ZUCCHI, Bianca Barbagallo. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental**: teoria, conceitos e uso de fontes. São Paulo: Edições SM, 2012.



Edições

UERN